

H. SPENCER LEWIS, FRC



MANSÕES DA ALMA

A CONCEPÇÃO CÓSMICA

MANSÕES
DA ALMA
A CONCEPÇÃO CÓSMICA

H. SPENCER LEWIS, FRC

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO

Charles Vega Parucker, F. R. C.

Grande Mestre

BIBLIOTECA ROSACRUZ

ORDEM ROSACRUZ, AMORC GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO DE
LÍNGUA PORTUGUESA

9ª Edição em Língua Portuguesa julho 2005

ISBN -85-317-0004-3

Todos os direitos reservados pela ORDEM ROSACRUZ AMORC GRANDE
LOJA DA JURISDIÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Proibida a reprodução em parte ou no todo

Composto, revisado e impresso na Grande Loja da Jurisdição de Língua
Portuguesa

Rua Nicarágua, 2620

CEP 82515-260

Caixa Postal 4450 –

CEP 82501-970

Curitiba - PR

Tel.: (0xx41) 3351-3000 - Fax: (0**41) 3351-3065

www.amorc.org.br

DEDICATÓRIA

Ao destemor e à franqueza de

H.F.

que tão frequente e convincentemente tem expressado a sua fé na Doutrina da Reencarnação, e demonstrado sua total confiança nesses princípios, por sua ampla visão, sua solidariedade humana e seus ilimitados planos para o futuro, É DEDICADO ESTE LIVRO, com o desejo de que a sua maravilhosa realização industrial continue a receber as Graças e Bênçãos Cósmicas, tão merecidas.

SUMÁRIO

Introdução

- 1 - Vou para preparar-vos um lugar
- 2 - Por que estamos aqui?
- 3 - As crenças antigas
- 4 - O ponto de interrogação
- 5 - A concepção cósmica da alma
- 6 - A personalidade da alma
- 7 - Sobrevive a personalidade ao fenômeno da transição?
- 8 - Hereditariedade e herança
- 9 - Carma e evolução pessoal
- 10 - Agregação de personalidades
- 11 - O ponto de vista religioso e bíblico
- 12 - Referências cristãs
- 13 - A Alma Absoluta e os ciclos de encarnações
- 14 - Intervalo entre encarnações
- 15 - Personalidades secundárias e múltiplas
- 16 - Almas de animais e a do "natimorto"
- 17 - Recordações do passado
- 18 - O medo da morte
- 19 - Perguntas e respostas

Biblioteca Rosacruz

INTRODUÇÃO

O continuado interesse que se vem manifestando no mundo ocidental pelas religiões, pela cultura religiosa e pelas filosofias de outras regiões do globo, tem levado muitos pensadores a dar séria consideração à antiquíssima e lógica doutrina da reencarnação.

A necessidade de alguma explanação compreensível e racional sobre a doutrina da reencarnação é responsável pela publicação deste livro. Hoje em dia, há nas bibliotecas do mundo ocidental muitas obras tratando da reencarnação; todavia, em quase todos os casos, essas obras foram escritas e editadas em consonância com os postulados de alguma antiga religião mística. Por este motivo, a maioria delas está repleta de estranhos termos filosóficos ou princípios místicos, que tornam os fundamentos da reencarnação difíceis de compreender e de aceitar.

Talvez esta seja a razão por que muitos daqueles que são ardorosos estudantes das modernas religiões cristãs ou judaicas hesitem em aceitar qualquer princípio da reencarnação. Ainda não encontrei um homem ou mulher inteligente que, após ouvir uma exposição adequada dos verdadeiros princípios da reencarnação, recusasse admitir serem os mesmos razoáveis, lógicos e aceitáveis.

Com isto em mente, os capítulos deste livro foram preparados, em diferentes ocasiões, quando me senti inspirado a escrever.

Isto é o que se pode dizer para encerrar qualquer discussão relativa à veracidade ou validade da doutrina da reencarnação. Aqui estamos, neste plano terreno, vivendo uma existência de provas, experiências, lições e aprendizagem construtiva. Quer aceitemos a doutrina da reencarnação ou não, continuaremos a viver em conformidade com alguma lei, algum princípio, algum esquema geral; e, quando chegar o fim, estará consumado este período de vida na Terra e, pela transição, tomaremos conhecimento do que haja no futuro. Aquilo que acreditamos ou pensemos, relativamente à reencarnação, não alterará um só princípio da doutrina nem afetará um til das leis em jogo. O grande efeito de acreditarmos ou não acreditarmos, de aceitarmos ou não aceitarmos essa doutrina, far-se-á sentir em nossa vida enquanto a estivermos vivendo aqui, bem como em nosso preparo para enfrentar a transição quando estivermos face a face com ela.

Por conseguinte, sabendo que a aceitação dessa doutrina há de trazer ao leitor, como trouxe a milhões de outras pessoas, maior felicidade na vida, graças à melhor compreensão das provas e dos problemas nela implicados, bem como o absoluto destemor da chamada morte, termino meus manuscritos e os passo aos profissionais da arte gráfica, que os prepararão para o público, na esperança de que milhares de pessoas encontrem, através do que eu escrevi, *Luz, Vida e Amor*.

H. Spencer Lewis

Templo de Alden,
San Jose, Califórnia, E.U.A.
15 de setembro de 1930.

1. "VOU PARA PREPARAR-VOS UM LUGAR"

Do choque das pedras surge uma faísca! Novo choque das pedras, e mais uma faísca! E uma terceira vez! Agora, uma pequena chama aparece no capim seco e nas penas; e a chama irradia luz e queima os gravetos, produzindo uma fogueira. O fogo é avivado e alimentado, aumentando de tamanho e de intensidade. Ardendo sobre pedras chatas e toscamente protegidas por outras, logo se tem uma pequena fornalha de calor e luz, que irradia suas vibrações para as trevas da pequena choupana de madeira e barro.

Regozijando-se por essa nova e maravilhosa aquisição para o seu tosco lar, o homem e a mulher primitivos, pela primeira vez, sentam-se no piso coberto de casca de árvore e olham admirados para os recessos fracamente iluminados do seu abrigo, que agora se tornou um local aprazível à noite.

Não fazia muito tempo, esse homem e essa mulher haviam ousado abandonar seu abrigo nos ramos de uma árvore, onde tinham vivido em segurança, para construir e ocupar a morada ideal de sua mente em evolução. Contemplando a possibilidade de um ambiente mais amplo do que aquele que a árvore oferecia para segura relaxação e proteção contra animais predadores, eles tinham construído o primeiro lar, a primeira cabana, o primeiro castelo que o homem conhecia.

Com o pôr-do-sol, todos os dias, vinham as trevas e o frio da noite. As longas horas de silêncio, juntamente com a impossibilidade de enxergar ou de fazer uso do tempo, aumentavam a tristeza e o desânimo da vida monótona que se escoava do pôr ao nascer do Sol. Verdadeiramente, o melhor abrigo ou proteção contra as intempéries tornou esse rude lar tão superior à moradia nas árvores, que um sentimento de realeza, de domínio sobre os elementos e as criaturas da Terra, trouxe muitas e novas inspirações à mente e ao coração daqueles seres que eram considerados mais afortunados e abençoados do que os seus companheiros.

A noite lhes proporcionava somente um prazer, uma rica recompensa para a faina do dia: dormir e sonhar. Entretanto, a ociosidade das primeiras horas da noite, quando a mente ainda estava intensamente ativa e a especulação não tinha limite, tornava-se o tormento de todos os dias. Por certo a vida havia de ter algo melhor do que isto a oferecer, embora a luz do dia e as sombras da noite não sugerissem qualquer resposta para esse mistério.

Veio então a descoberta da faísca, da luz, da chama, do fogo, do calor! De súbito, a vida do homem primitivo modificou-se. As trevas da noite podiam ser dissipadas; a friagem do ar da noite e da brisa matutina podia ser alterada; metais podiam ser reduzidos a formas maleáveis; e o alimento podia ser preparado de modo mais saboroso do que no passado.

A maior de todas as modificações, no entanto, foi a que ocorreu com o advento da *luz*. Luz à noite. Luz nas horas de maior escuridão e no mais escuro abrigo. Luz e calor diante da fogueira. Um lar confortável. Um ambiente onde as longas e silentes horas da noite poderiam ser proveitosamente vividas. Prazer, conforto, conversação, aprendizagem!

O cair da noite era antecipado com alegria durante o dia. Quando o Sol poente determinava o fim da caçada e da faina no campo, e quando o corpo cansado não podia mais continuar trabalhando, ainda restavam as horas da noite para revigorar o homem e lhe proporcionar o deleitoso prazer do calor, enquanto ele repousava em agradável companhia diante do fogo.

Ao sentar-se à luz brilhante da fogueira, a mente do homem era ilusoriamente induzida a se concentrar nas fantásticas formas e na estranha atividade das chamas. As maravilhas dos poderes e das potencialidades da natureza intrigavam a imaginação e estimulavam as faculdades especulativas da consciência receptiva do homem primitivo.

Então, a meditação era a escola, e os mistérios da vida o instrutor que levantava questões e extraía respostas das inspiradas impressões de cada mente.

A esse santuário do fogo acorriam outros homens, com suas perguntas, seus sonhos, seus problemas, e seu desejo de luz e *mais luz*. A lareira tornou-se o centro do templo dos mistérios e sua pedra o altar de adoração do homem primitivo, quando seu pensamento se voltava para a natureza e suas maravilhas.

Foi então que os homens começaram a dirigir seus pensamentos para a possibilidade de um poder onipotente regendo as forças do universo e criando as abundâncias da vida; e que começaram a elevar seu pensamento para além de si mesmos, para algo que deveria ser maior do que o maior de todos eles. E os homens começaram a ansiar pelos castelos da alma, mais grandiosos do que os castelos materiais que construía com madeira e argila.

Eles eram chamados de ateus, porque adoravam ante o altar do fogo. Ansiavam obter castelos, pois neles haveria proteção, calor, conforto, e

tempo para pensar e sonhar. Buscavam mansões da alma, e afinal encontraram-nas elevando seu pensamento e unindo sua mente numa concepção perfeita de um Reino Celestial.

Persistia, porém, a busca de conhecimento, o desejo de soluções para os problemas ainda não resolvidos. "Por que estamos aqui?" "Quem somos?" "De onde viemos e para onde vamos?" Eram estas as perguntas feitas ao pé da primeira lareira, e são estas as questões levantadas diante de cada lareira, hoje em dia, com a mesma sinceridade e o crescente desejo de explicações concretas e compreensíveis.

Teremos nós, como indivíduos, uma missão específica na vida? Será cada ser humano uma entidade, uma individualidade, conhecida e considerada pela Inteligência Infinita como elemento importante no esquema universal das coisas? Será a Terra, afinal de contas, meramente um palco, apresentando um drama fugaz em que nos tenhamos lançado por nossa própria e livre escolha? E quando tivermos desempenhado nosso papel, estará nossa tarefa na Terra de fato cumprida?

As escrituras sagradas de todas as religiões falam de uma só Terra, um só globo, um único lugar, em todo o universo, onde o homem foi criado e vive como imagem de um Divino Criador. A ciência, por outro lado, empenha-se intensamente nas fronteiras da descoberta, esperando a qualquer momento revelar-nos a real existência de outros planetas, além da Terra, cheios de vida humana ou de seres vivos não muito diferentes de nós. Os evangelhos de todas as épocas e de todas as nações falam de grandes Avatares ou mensageiros do Santo Messias ou do Deus dos Deuses, que desceram à Terra para salvar todos os seres vivos. Acaso não haverá redenção, a graça da salvação, para os seres de outros planetas? Ou não terão eles alma, personalidade divina, digna de infinita consideração?

Será a nossa personalidade, essa individualidade que nos esforçamos por desenvolver através do idealismo e da eliminação de características indesejáveis, apenas uma criação temporária e imaginária da nossa mente?

Um grito de *Luz e mais Luz* ecoou ao longo dos séculos. Ao nosso redor, tudo está se modificando, nada parece permanente, fixo. Montanhas se pulverizam, rios secam, ilhas submergem e novos mares se formam. Os grandes carvalhos, com toda sua majestade, têm de sucumbir a essa transição, mudança ou morte. O homem prossegue em seu caminho e cruza o limiar do desconhecido, parecendo que sua existência se extingue num piscar de olhos. Haverá então alguma parte do homem, ou alguma parte da natureza, que seja

imortal, imutável, permanente, ou contínua?

Haverá algo que sobreviva à simples memória humana das personalidades que ora existem em forma de homem? Será que a morte do corpo, ou a alteração de sua forma, libera algo intangível e invisível, que se eleva a maiores alturas do que as dos monumentos a personalidades memoráveis, ou transcende as limitações de Tempo e Espaço, alcançando assim a incorruptibilidade e a imortalidade?

Se o nosso atual corpo físico é uma mansão da alma e o Grande Mensageiro de Deus nos antecedeu, a fim de preparar outras moradas para essa alma, haverá então outras mansões a serem alcançadas? Como?

A esperança do mundo - e o inspirador poder que tem possibilitado ao homem persistir ante colossais obstáculos

- é a de que um dia sejamos liberados do veículo mortal que nos escraviza a esta Terra e nos possamos elevar a uma vida de eterna ventura ou bem-aventurança. Se as religiões que inspiraram o homem são verdadeiras, e a felicidade suprema de sua vida só poderá ser encontrada na existência espiritual da alma num reino extraterreno, por que terão sido aqui aprisionadas as almas de milhões de pessoas? Para sofrer e conhecer tormento, pesar, luta ou conflito? Que objetivo, que missão é cumprida com a encarnação da alma na Terra? Se cada alma provém da sublime e espiritual consciência de um reino venturoso e a esse mesmo excelso estado deverá retornar, para desfrutar sua divina herança, então por que será ela enviada desse reino transcendental para viver em associação com a corrupção, o pecado, o mal, e a impureza?

Estas são as perguntas que milhões de pessoas estão fazendo hoje em dia, e que devem ser respondidas mais completamente, mais satisfatoriamente, e mais construtivamente do que o foram no passado. O fato de termos nossa atenção dirigida para a adoração de Deus e sermos inspirados pela crença de que esse Deus é amoroso, misericordioso, terno e justo, não responde a essas perguntas; apenas aumenta o mistério da nossa existência. Admitindo-se que um Deus onipotente, onisciente, misericordioso e amoroso nos criou à Sua imagem e infundiu em nosso corpo físico parte de Sua Consciência Anímica, para sofrer e suportar as provas e tribulações de desconhecidas e inesperadas experiências na Terra, persiste a indagação: "Por que estamos aqui?" e "Como se manifestam, neste esquema, a misericórdia, o amor e a justiça?"

2. POR QUE ESTAMOS AQUI?

Àqueles que dizem: "Não acredito na doutrina do renascimento ou da imortalidade", eu gostaria de replicar: "Sabem realmente o que significa essa doutrina?"

Nos vinte anos em que tenho feito conferências públicas e escrito sobre assuntos relacionados com princípios espirituais ou Cósmicos, encontrei milhares de pessoas que estavam prontas para expressar sua descrença em certas doutrinas e, no entanto, tinham de admitir que nem as compreendiam nem sequer haviam tentado pesquisá-las. É realmente difícil aceitar uma doutrina que não se compreende, e é especialmente difícil aceitar uma doutrina ou um princípio que tenha sido popularmente deturpado. Esta tendência da parte da natureza humana não é nova, pois, na época de Jesus, e durante séculos antes que Ele introduzisse novos princípios, nossos antepassados rejeitaram muitas doutrinas que não compreendiam corretamente.

Ninguém se engrandece afirmando que desprezou ou rejeitou uma asserção, um princípio ou uma lei, que nem compreende nem a considera o suficiente para compreendê-la. Esta é uma atitude de intolerância, fanatismo ou ignorância. Uma pessoa pode parecer estar de acordo com a maioria ou com a mentalidade popular, ao ironizar novas ideias ou novos princípios, mas, afinal, amanhã pode ser que esse sorriso irônico tenha de ser modificado pela súbita descoberta, por parte das massas, de que a ideia rejeitada ou ridicularizada era verdadeira e aceitável.

Afinal de contas, que há na doutrina do renascimento humano que qualquer pessoa religiosa estritamente ortodoxa, ou qualquer mente rigorosamente científica, não possa aceitar? Asseguro ao leitor que há certos aspectos das noções populares sobre a reencarnação que são tão absurdos e tão deturpados que uma pessoa de mente lógica, ou reflexiva, sente como que uma agressão à sua inteligência o simples fato de considerar as declarações feitas. Entretanto, quando verificamos que, há séculos, três quartos das inteligências reflexivas ou analíticas do mundo aceitaram certo princípio ou doutrina, e que as pessoas mais bem informadas e as mais perspicazes inteligências dos campos do comércio, da ciência e da religião, deram sua aprovação ou seu crédito àquele princípio ou àquela doutrina, então devemos nos sentir inclinados a dedicar alguns minutos de reflexão a esse princípio ou

a essa doutrina, a fim de determinar se há nisso uma essência de verdade ou probabilidade. Isto é apenas justo para conosco e mesmo para com essa doutrina.

Aprendemos, por experiências do século passado, que a noção popular de uma doutrina, um princípio ou uma ideia, pode estar completamente errada. E, através de muitos exemplos importantes, sabemos que mesmo pessoas eruditas, como os articulistas de enciclopédias, podem estar mal informadas quanto a certos princípios e, com isto, influenciar ou prejudicar nosso entendimento. Certamente, já aprendemos que a crítica popular nem sempre constitui um padrão pelo qual possamos avaliar com segurança nossas próprias convicções.

Tudo isto é particularmente verdadeiro na questão do renascimento humano. Quando lemos na seção de perguntas e respostas dos maiores jornais americanos que um clérigo, (nacionalmente famoso, e que dedica seu tempo principalmente a responder a questões religiosas), afirma que sua compreensão dessa doutrina é de que o homem pode renascer como um gato ou um cachorro, ou algum outro animal inferior ao ser humano na escala evolutiva, sentimos profundamente a injustiça que está sendo feita a uma belíssima e importante lei da natureza, através de crassa ignorância ou deliberada má interpretação. E, se aquele homem culto não tem melhor compreensão dos verdadeiros fundamentos da reencarnação, não devemos ficar surpresos com o fato de que luzes menores, ou os milhões de pessoas que não têm acesso a fontes especiais de informação, tenham outras ideias deturpadas a este respeito.

Talvez o ponto mais importante que todo pesquisador deve ter em mente sobre este assunto, é o de que a doutrina ou lei da reencarnação não é um credo religioso, uma doutrina religiosa ou uma lei religiosa. Trata-se de uma lei natural, que diz respeito à evolução da natureza e à manifestação dos seus princípios, independentemente de qualquer ligação que esses princípios possam ter com a revelação de Deus e Sua onipotente inteligência. Em outras palavras, as leis relativas à reencarnação não são mais religiosas do que as que regem a concepção, o desenvolvimento do embrião e o nascimento do corpo. As invioláveis leis de Deus, como leis naturais, estão indiscutivelmente atuando nesse maravilhoso processo de reprodução da espécie humana, mas ninguém classificaria o estudo da embriologia como doutrina religiosa ou credo religioso. Os fatos relativos à embriologia pertencem estritamente ao domínio da ciência. Analogamente, ninguém

pensaria em classificar o estudo das doenças, do declínio do corpo humano e de sua transição final, como estudo religioso ou teológico, ainda que nele estejam implicados princípios Divinos.

Além disso, o estudo profundo e consciencioso da doutrina da reencarnação revela que nada há, em sua essência, que possa ser considerado contrário a qualquer princípio religioso de qualquer das religiões reconhecidas ou tradicionais. A reencarnação, em sua verdadeira apresentação, não é antagônica aos princípios da teologia canônica, e sei que os cristãos ficarão admirados quando eu disser que nada há, na verdadeira apresentação da doutrina da reencarnação, que seja contrário ou incoerente com os princípios cristãos fundamentais, *conforme revelados e ensinados por Jesus*. A leitura dos demais capítulos deste livro comprovará este ponto, mas é digno de nota o fato de que, no mundo ocidental contemporâneo, os cristãos aceitam com maior agrado a correta compreensão da doutrina da reencarnação do que pessoas de outras crenças. A razão disto se tornará evidente à medida que o leitor prosseguir com a leitura. Por outro lado afirmo, no entanto, que algumas ideias populares a respeito da reencarnação, bem como algumas fantasias deliberadamente desvirtuadas da mesma, são incompatíveis, não somente com a teologia ou doutrina cristã, mas com todas as verdadeiras religiões.

Uma das críticas mais frequentemente repetidas contra a doutrina da reencarnação, geralmente feita por pessoas que alcançaram apenas uma compreensão superficial da mesma, é a de que parece estranho que Deus exija que a alma do homem tenha muitas e variadas experiências aqui na Terra. As pessoas que expressam esta ideia dizem, usualmente, que não conseguem compreender por que a alma humana não poderia continuar a existir sem a necessidade de encarnar num corpo físico, neste plano terreno. Este argumento é em geral apresentado como encerramento definitivo ou final de toda a discussão. No entanto, é fundamentalmente ilógico. Não está baseado em qualquer premissa racional. O fato é que a doutrina da reencarnação *não parte* da suposição ou da teoria de que o homem *deva* ser encarnado num corpo físico e viver experiências terrenas. Mas, parte do fato de que o homem *está* encarnado num corpo físico e *está* aqui, vivendo experiências terrenas. Como estes dois fatos estão comprovados por nossa real existência neste plano e estão, portanto, fora do campo da especulação, não sendo meras hipóteses empregadas pela doutrina da reencarnação,

devemos partir da certeza de que o homem *está* aqui, e está vivendo num corpo físico, e nos limitar a responder com urna pergunta: "Por que".

Desde o alvorecer da civilização, quando o homem começou a pensar em suas vicissitudes, provas e tribulações, e a buscar alguma recompensa para todo esse sofrimento, tem feito sempre a mesma pergunta: "Por que estamos aqui"? A teologia tem a sua resposta para esta pergunta, mas essa resposta tornou-se tão elaborada e complexa, que já não é um enunciado conciso e claro, mas um conjunto de afirmações constituindo um credo; e existem muitos desses credos, segundo as várias concepções e crenças. Por outro lado, a ciência também tem a sua resposta. Mas a resposta científica não cobre todos os elementos que preocupam o homem mais profundamente do que os problemas de Cosmologia e Biologia.

Se eliminarmos o conteúdo religioso da pergunta, "Por que estamos aqui?", e restringirmos nossa análise, seja ao ponto de vista materialista, seja ao ateísta, ainda resta uma grande necessidade de mais luz e mais informação sobre os complexos problemas implicados nessa pergunta.

Também não é suficiente afirmarmos que estamos aqui devido a algum princípio divino que só Deus conhece e que é incompreensível para o homem. Nada há, em toda a história da civilização e no desenvolvimento cultural do homem; que indique que quaisquer leis da natureza ou quaisquer leis de Deus tenham sido destinadas a permanecer ocultas ou inacessíveis à compreensão humana. A própria natureza interior do homem parece imbuída de uma insaciável sede de conhecimento de si mesma e de suas relações para com o universo, e nada menos que a verdade será suficiente nestas questões. Nossas enciclopédias e nossos tratados, hoje em dia, estão cheios de livres e exaustivas explicações de leis e princípios que, em alguma época, foram tidos como conhecimento secreto de Deus e fora do alcance da compreensão da mente finita do homem. Essas mesmas questões, que em certo período foram condenadas pela Igreja e o Estado como heresias, de modo que o homem não teria o direito ou a prerrogativa de levantá-las, são hoje perguntas livremente feitas e respondidas com detalhado conhecimento por instituições da Igreja e do Estado. Com efeito, organizações religiosas e educacionais são hoje ativas na promulgação de conhecimento relativo exatamente às coisas que foram proibidas ao homem pela Igreja em certa época, como prerrogativas secretas de Deus.

Uma vez que *estamos aqui*, e que a Igreja, através de suas teologias, declara que aqui estamos porque Deus nos criou para vivermos neste plano terreno, temos o direito de perguntar *por que* e *para que*. E como a ciência também declara que a nossa existência neste plano está em conformidade com uma evidente lei de evolução que é consequência lógica do princípio divino, criador, temos o direito de pedir-lhe que faça mais pesquisas e nos informe quanto ao objetivo que se cumpre com a nossa existência.

Este livro é uma tentativa de explicar em linguagem não técnica, e sem prevenção religiosa ou preconceito religioso, a razão da encarnação de uma *alma divina num corpo físico* bem como o objetivo ou a missão dessa alma num corpo físico, neste plano terreno. Esta explicação não implica em qualquer propaganda para uma nova religião, um novo credo, ou uma nova forma de adoração. Não é uma tentativa de amenizar o enfado e as lutas da vida, nem de insensibilizar nossa mente quanto aos deveres que a vida nos impõe. O fato de a doutrina da reencarnação trazer, ao ser compreendida, uma nova ou diferente visão da vida, resultando em mais contentamento e mais harmonia com as leis da natureza, é algo simplesmente inerente às leis reveladas. Mas essa nova concepção e o contentamento que advém com a compreensão da doutrina da reencarnação, de modo algum diminuem a seriedade da vida ou tornam o homem imune ao sofrimento e à tribulação por que deve passar.

Finalmente, posso acrescentar que, quer aceitemos a doutrina da reencarnação ou a rejeitemos, a verdade de seus princípios continuará a se manifestar e suas leis continuarão em operação. Não eliminamos nem modificamos uma lei ou um princípio negando-o ou recusando-nos a aceitá-lo. Por conseguinte, devemos todos nos familiarizar com os fatos, e pelo menos conhecer algo das leis sob as quais vivemos e pelas quais somos dirigidos e controlados em nossa existência.

Podemos continuar a viver sem conhecer esses fatos e obter algum grau de satisfação na vida sem a compreensão de qualquer dos princípios em causa. Toda a cultura e todo o progresso da civilização humana, porém, provaram que o homem se tornou mais feliz, mais contente e mais senhor do seu destino pela compreensão de cada lei natural ou divina implicada em sua existência. A constante busca de mais conhecimento sobre este assunto indica a inquietude da natureza do homem, devido à sua determinação de alcançar mais sucesso e alegria de viver através desse conhecimento que ele precisa

possuir. Por este motivo, o conhecimento da doutrina da reencarnação há de constituir uma das mais benéficas contribuições para a sua cultura.

3. AS CRENÇAS ANTIGAS

O primeiro fato incontestável, que é a base de todo o nosso estudo da existência do homem, é o de que ele está aqui na Terra e sua vida consiste numa série de experiências que, em diferentes momentos, lhe trazem alegria, tristeza, felicidade, pesar, contentamento, inquietação, amor, ódio, paz ou tormento.

O segundo fato importante, que se revela em nossas experiências na vida, é o de que a natureza humana é dual ou, pelo menos, é dual em manifestação. O homem é um corpo físico, mortal, com ideias e ideais, desejos, ambições e concepções, humanamente concebidos. Ele também é um corpo emocional ou espiritual, dotado de um Eu subjetivo, ou uma consciência subjetiva, que procura impor seus desejos, suas aspirações, suas tendências ou inclinações. Entre estas duas fases da natureza humana há uma constante luta por supremacia ou domínio. Por isto o homem veio a se considerar mais do que um mero corpo físico, ou uma massa de matéria unificada pelas leis da química, e mais do que um mero dispositivo mecânico, à semelhança de um autômato. E está também convencido, pelos sofrimentos e as provações da carne, de que é mais do que um ser puramente espiritual.

Em sua tentativa de encontrar resposta para a pergunta: "Por que estamos aqui?", o homem não consegue reprimir ou alijar de sua consciência a ideia de que, se pudesse determinar *o que* ele é, haveria de saber *por que* é. Portanto, ao mesmo tempo que o homem procura conhecimento relativo ao objetivo de sua existência numa vida terrena, nutre o desejo de conhecimento sobre si mesmo e sua relação para com o universo.

A Teologia sempre tentou explicar o que é o homem e por que ele foi criado. A Ciência começa sua explicação da natureza humana a partir do ponto em que o homem já é um ente vivo e racional. Não trata das fases de sua criação anteriores à constituição química, biológica, ou mecânica de sua natureza e sua existência. Deixa que a Teologia explique esse período de pré-entidade da criação do homem. As respostas teológicas têm sido várias e peculiares, conforme as épocas por que passou o homem no desenvolvimento de sua civilização e à luz do conhecimento nutrido pelas diversas culturas em todos os tempos, desde a antiguidade até o presente.

Há, contudo, um ponto de concordância em todas as explanações teológicas propostas para a natureza do ser humano. Em todas as épocas e

raças, e em todos os graus de cultura, a resposta inspirada ou logicamente desenvolvida tem sido a de que o homem é um corpo material, com sua consciência física, no qual reside uma alma, um Eu divino, ou uma parcela de uma consciência divina, constituindo um Eu interior. A dualidade do ser humano, portanto, é uma ideia universalmente aceita. Esta ideia é contestada pela ciência, visto que ela não pode aceitar como fato qualquer premissa ou princípio que transcenda seu campo de conhecimento. Em todas as religiões, no entanto, a ideia de um homem interior, ou Eu interior, é um princípio fundamental, que não é enunciado como hipótese nem como conclusão especulativa.

Se negarmos a existência de uma consciência interior ou alma, como entidade distinta e independente do corpo físico, então, toda a questão de nascimento e renascimento se reduz a uma consideração de ações ou reações químicas e seus princípios puramente materiais. Tal convicção obstará qualquer consideração da questão da reencarnação, assim como excluiria qualquer consideração da imortalidade de qualquer parte do homem ou da existência de qualquer fase divina no homem. Portanto, como não estamos tratando da concepção materialista ou não divina do homem, devemos pôr de lado essa fase de especulação e adotar a ideia mais universal de que o homem é um corpo físico, revestindo uma alma ou forma de consciência espiritual.

Assim, encarando o homem como um ser dual, corpo e alma, somos forçados a recorrer à Teologia e às doutrinas religiosas do passado e do presente, em busca de iluminação no que concerne à parte imaterial do homem. Afirma o cientista que devemos consultá-lo para toda e qualquer explicação sobre os aspectos químico, biológico, patológico e fisiológico da existência do homem. E devemos recorrer à Ontologia e à Teologia para obter conhecimentos sobre a parte espiritual do homem. Se o cientista contemporâneo está certo em limitar assim seu campo de pesquisa, ou se ele está errado neste particular, poderemos determiná-lo após termos estudado esta questão nos capítulos posteriores deste livro. De passagem, porém, podemos afirmar que nem sempre foi assim. A Teologia não foi sempre um tema de estudo independente das ciências filosóficas generalizadas. Nem houve sempre estudos especiais conhecidos como as *ciências*, como existem hoje em dia. Além disso, o homem, em sua busca da verdade acerca de si mesmo, nem sempre teve duas escolas antagônicas, cada qual tratando de uma parte de sua natureza dual.

A tendência dos tempos modernos, contudo, tem sido a de deixar todas as questões relativas à consciência espiritual ou infinita do homem para as escolas de teologia, mas, se vamos aceitar qualquer de suas explicações sobre a natureza do homem e de sua relação para com o universo, teremos de encetar um sumário simples das mesmas, já que elas são muito diversificadas, contraditórias ou incoerentes para servir a qualquer propósito, mediante um exame elaborado de seus mínimos detalhes.

Em resumo, verificamos que a Teologia em geral, em todas as épocas, tem admitido um fato ou sustentado um ponto, persistentemente. Trata-se do fato de que a parte real do homem é a consciência ou essência infinita, divina ou intangível, que constitui seu Eu Interior. Para esse Eu Interior, muitos nomes foram inventados e universalmente adotados, em diferentes épocas. O mais generalizado é alma, e constatamos que ele está associado a uma outra palavra, que significa *sopro*; e por muito tempo o Eu Interior do homem foi associado à ideia de respiração de uma essência invisível que constituiria a natureza espiritual do ser humano. Um segundo princípio geral, mais universal e persistentemente adotado, foi a ideia de que essa alma do homem seria uma entidade distinta, ou algo espiritual, que seria imortal, e que por vezes poderia separar-se do corpo físico.

Assim, temos dois pontos importantes, que nos vêm da antiguidade, como princípios fundamentais implicados na explicação da existência espiritual do homem. Estes pontos estão magnificamente incluídos numa tentativa de explicar a criação do homem, na tradução do livro do Génesis da moderna Bíblia cristã. Lemos nessa tradução que Deus fez o homem do pó da terra, que representava a parte física, química, mecânica ou material do ser humano, e que nessa parte material insuflou Deus, como segunda parte do homem, o sopro, a essência, ou a consciência de vida, de modo que aquele corpo físico tornou-se uma alma vivente, ou animada, perceptível.

Dois importantes princípios secundários são claramente indicados nesse processo simbólico ou alegórico da criação do homem. Primeiro, que o corpo físico, feito dos elementos materiais da Terra, foi concluído e aperfeiçoado como uma forma puramente material, antes que se desse qualquer consideração ao processo de animá-lo com vida ou consciência. Segundo, que, concluído o corpo físico, mas ainda sem vida, foi necessário fazer-se algo mais para torná-lo um ser vivo e que, para isso, foi acrescentado um segundo elemento, positivamente distinto ou independente, denominado "sopro de vida". Após a entrada desse "sopro" no corpo físico, este se tornou

menos importante, já que o homem não mais era tão-somente um corpo capaz de movimento, ou um corpo físico imbuído de vida, mas uma alma que podia viver na Terra e nela se manifestar e que, portanto, era uma *alma vivente*. Quando esse trecho da Bíblia é lido e analisado no idioma original, fica-se mais profundamente impressionado com a importância do segundo ponto. Fica-se impressionado com o fato de que o corpo físico não adquiriu vida, mas, a alma, invisível e infinita, assumiu uma forma física, pela união do sopro com o corpo. Já os antigos ficaram impressionados com este fato, de modo que em suas filosofias, que gradativamente evoluíram para princípios teológicos, somos constantemente lembrados de que o homem é essencialmente uma alma, revestida com um corpo, e não um corpo animado por uma alma.

Continuando nossa pesquisa das explicações teológicas e filosóficas do passado e do presente, vemos que alguns outros pontos persistem nas mesmas, embora modificados ao sabor dos credos sectários. São os que referem que o sopro de vida, ou a alma do homem, era originalmente parte do Criador, ou da essência ou consciência de Deus. Somos lembrados, de muitas maneiras e por muitas palavras que, enquanto a parte física do homem é uma associação de elementos desagregados reunidos dos produtos da Terra, a alma humana é algo que foi atraído do espaço e recebeu forma adequada para ser introduzida no homem. Somos também lembrados de que, enquanto a parte física do homem foi feita de coisas que não tinham qualquer forma ou natureza de homem, sua alma já existia na alma ou consciência do Criador, quando Ele formou o corpo humano. E somos ainda lembrados, em outros pontos das explicações, de que a alma humana existia desde o começo dos tempos e tem de continuar a existir até o fim dos tempos, se é que haverá esse fim. Na maioria das explicações filosóficas, existia a crença de que a imortalidade da alma implicava positivamente no fato de que, como ela não era mortal, não podia ter fim, e nunca tivera começo, ao passo que o corpo físico do homem tivera um começo bem definido, quando fora criado dos elementos inferiores e desagregados da Terra, e teria um fim quando esses elementos efêmeros perdessem sua organização e se desagregassem.

Finalmente, nossa pesquisa das explicações filosóficas e teológicas da parte espiritual do homem revela uma crença universal no princípio de que a alma ou consciência do homem sempre foi parte integrante da alma do seu Criador, ou Deus, e de que ela viverá, existirá, ou continuará a exercer suas

funções, enquanto perdure Deus, o Criador.

Nestes princípios ou ideias, portanto, temos um quadro bem definido da natureza do ser humano. Temos o homem como um ser físico, representado por seu corpo físico, composto dos elementos materiais da Terra. Dentro desse corpo físico temos o corpo espiritual, ou alma. O homem é, portanto, dual, corpo e alma. Seu corpo é mortal, por ser composto de elementos efêmeros ou corruptíveis, para usarmos um termo teológico. Sua mortalidade é que o torna corruptível. A parte espiritual do homem, ou a essência anímica, é parte integrante da consciência de Deus, e é infinita, divina, imortal. Era originalmente, e é na essência de sua natureza, de qualidade imortal ou incorruptível. Reside no corpo humano e, portanto, assume um veículo corruptível, já que o corpo do homem não pode subsistir para sempre, mas, tem de decair e se desgastar. Por conseguinte, a alma está apenas temporariamente presente num corpo físico e não pode permanecer eternamente num dado corpo, porque, neste caso, esse corpo teria de ser imortal como a alma. O homem nasce com um corpo novo, recentemente composto dos elementos químicos da Terra, e nesse corpo penetra a alma, pura e imortal, que sempre existiu e continuará a existir por toda a eternidade. A mortalidade ou corruptibilidade do corpo não pode afetar a imortalidade ou incorruptibilidade da alma. Assim, tem de chegar o momento em que o corpo físico, em seu desgaste, se torne desagregado e não possa conter mais a essência anímica. Ocorre então uma mudança, incorretamente denominada *morte*, mas que é apenas uma transição. Corpo e alma são separados, e o corruptível se desgasta, enquanto o imortal ou incorruptível mantém seu estado eterno.

A Ciência tem provado que é correta a crença na mortalidade ou corruptibilidade do corpo físico. A experiência física, em nossa vida individual, demonstra que a cada hora, a cada dia, reconstruímos nosso corpo físico com os elementos materiais da Terra, a fim de substituir os elementos desgastados ou exauridos que antes o compunham. Outras experiências têm demonstrado que o corpo físico pode se exaurir completamente e tornar-se tão impossibilitado de reter vida ou vitalidade que o chamado *sopro de vida*, ou consciência da alma; o abandona.

Por força dessas experiências da ciência e de nossa vida individual, ficamos persuadidos de que faz parte da economia das leis do Criador, e da economia da própria vida, que a alma se separe do corpo físico corruptível,

em processo de desgaste, abandonando-o à sua transição de volta aos elementos primários, com o que ele retorna ao pó da Terra, enquanto a alma permanece imortal.

Se esta ampla e genérica explicação da natureza do ser humano é aceitável para o leitor, depara-se este então com a seguinte e importante pergunta: "Por que será a alma de Deus, ou a consciência do Criador, temporariamente colocada num corpo *físico*, e o que ocorre após sua liberação"?

Esta dupla pergunta tem sido a indagação mais importante e persistente na consciência do homem, desde o alvorecer de seu pensamento e suas crenças. Foi para responder a esta pergunta, com mais fatos e menos teoria, que este livro foi escrito e dedicado a homens e mulheres reflexivos.

4. O PONTO DE INTERROGAÇÃO

Já sugeri que uma das objeções daqueles que são fundamentalistas do tipo moderno, em seus pontos de vista religiosos, é que a doutrina do renascimento parece colocar a alma do homem na situação de ser uma *entidade espiritual* continuamente sujeita a condições *terrenas*. Afirmam essas pessoas que é perturbador para a paz de sua mente, ou de seu espírito, pensar que a alma requer experiências, provas e tribulações terrenas para evoluir ou se aperfeiçoar. Sustentam elas, também, que não deveria ser necessário que a alma tivesse experiências terrenas ou precisasse de qualquer processo ou sistema de desenvolvimento terreno! Seu argumento é o de que a alma do homem é algo divino, infinito, espiritual, que provém de Deus e conserva eternamente sua natureza transcendental, de modo que não pode ser aumentada nem diminuída, nem de maneira alguma pode se tornar mais divina do que é quando emana de Deus e entra no corpo do homem. O argumento final é o de que é assustador pensar que a alma deva ter vários contatos com as dificuldades terrenas, em lugar de retornar ao eterno reino espiritual e aí permanecer em seu sublime estado espiritual.

Todos estes argumentos são baseados em certas suposições imperfeitas ou, pelo menos, equivocadas. Em primeiro lugar, devemos atentar para o fato de que a alma do homem *está* aqui, num corpo físico, e *está* em contato com as experiências terrenas; e este fato não é uma suposição nem simples questão de fé doutrinal. Todo o nosso raciocínio, toda a nossa argumentação sobre o porquê e para que da encarnação da alma num corpo físico, aqui neste plano, não pode alterar o fato de que *ela está aqui* e está vivendo um processo de experiência.

Admitindo que a alma, em sua essência espiritual, é absolutamente perfeita e sublime, de modo que nenhuma experiência terrena pode aumentar seu elevado grau de perfeição, e admitindo que ela provém da consciência de Deus mas está infusa num corpo físico para viver durante algum tempo neste plano, deparamo-nos com o problema de saber por que uma alma, em sua perfeição, deve necessitar de experiências terrenas, mesmo por um dia ou uma hora.

A Teologia ortodoxa do mundo ocidental afirma, breve e simplesmente, que há uma razão divina ou um propósito divino para o contato da alma com

as condições terrenas e sua encarnação por algum tempo, num corpo físico, neste plano. Na verdade, isto é dizer algo que o simples bom senso pode admitir. Não é uma conclusão teológica, mas racional. Não podemos conceber que não haja razão, propósito ou elevado objetivo a ser cumprido na encarnação da alma num corpo físico. Pensar que esse importante elemento do esquema geral das coisas não tivesse finalidade, seria destruir o próprio fundamento de nossa convicção de que todo o universo, com tudo o que dele faz parte, existe e manifesta suas funções em consonância com lei e inteligência, e de que Deus nada estabeleceu ou instituiu que não tivesse alguma finalidade definida, ou sem que houvesse um plano por trás de sua razão de ser ou existência.

Neste livro, pretendo mostrar que há uma boa razão, um motivo lógico e aceitável para a encarnação da alma no corpo físico. Essa razão não é contrária a qualquer princípio teológico válido e, felizmente, é compatível com o entendimento de todos os movimentos religiosos do mundo. Compreendendo essa razão e analisando-a, ainda que superficialmente, tornamo-nos mais preparados para entender a verdadeira finalidade de nossa existência na Terra e perceber por que a verdadeira doutrina da reencarnação (livre de todas as idiosincrasias irracionais que certas opiniões pessoais lhe atribuíram) é plausível ou aceitável pelas mentes reflexivas.

Começando então com o fato de que a alma, em sua essência ou natureza vital, é uma substância espiritual que provém da consciência de Deus e emana do reino espiritual, passamos a estudar os atributos dessa alma, para aprender o que ela realmente é e por que pode se beneficiar do contato com experiências terrenas.

Talvez somente no mundo ocidental e entre as religiões ocidentais a natureza da alma seja tão pouco entendida. O rápido progresso e propagação das proposições do espiritismo contemporâneo deve-se à falta de conhecimento, por parte das pessoas do mundo ocidental, sobre a alma, sua natureza e seus atributos. Para os orientais e quase três quartos da população religiosa do mundo, as numerosas proposições do espiritismo, como religião, filosofia ou crença popular, surgiram no mundo ocidental somente graças à errônea concepção popular da alma. Um eminente clérigo, da América do Norte, declarou que a Primeira Grande Guerra, com a concomitante perda de milhões de vidas, foi responsável pelo grande aumento do número de pessoas que recorreram ao espiritismo em busca de consolo e talvez de um pouco de luz, acerca do suposto ou súbito passamento de entes queridos. Mas em

muitas outras nações também houve uma tremenda perda de vidas e nelas não se deu essa corrida para o espiritismo em busca de compreensão, porque a maioria dessas pessoas estava bem familiarizada com certos fatos fundamentais que lhes permitiram entender o que as mentes ocidentais ainda não haviam aprendido. Se as religiões do Ocidente não tivessem eliminado de suas doutrinas ou credos originais os princípios que revelavam a verdadeira natureza e os reais atributos da alma, não haveria o atual equívoco sobre este assunto, e os numerosos movimentos místicos que hoje existem nos Estados Unidos e na Inglaterra não teriam qualquer necessidade real como base de sua existência.

Na maior parte da Europa, e em toda a América do Norte, as grandes verdades fundamentais da natureza ou existência espiritual do homem foram alteradas ou *totalmente eliminadas dos modernos credos e dogmas*. Se elas fossem tão bem compreendidas hoje como nos dias em que Jesus, o Cristo, falava aos Seus Apóstolos e às multidões, e em que foram lançados os alicerces da Igreja Cristã, não haveria necessidade de um livro como este, ou de centenas de outros livros que foram publicados nos últimos anos, lançando nova luz sobre os ensinamentos de Jesus e os princípios do cristianismo.

5. A CONCEPÇÃO CÓSMICA DA ALMA

Há no mundo ocidental uma ideia generalizada da alma, que a descreve como uma substância invisível, intangível, espiritual, de natureza imortal. Acredita-se que tal substância seja o "sopro de vida" ou, em outras palavras, uma vitalidade etérea que emana da Fonte de Todas as Fontes e traz consigo o poder ou a energia criativa do Criador de tudo o que existe. Em suma, acredita-se que ela seja uma essência espiritual, cuja função natural seja a de dar animação ou vida a todos os seres conscientes.

Isto é tudo o que pode ser positivamente afirmado pelos mais ortodoxos seguidores das religiões do mundo ocidental.

Podemos dividir as principais crenças religiosas do Ocidente em duas grandes classes, com os títulos de *judaicas* e *cristãs*. Detenhamo-nos um instante para verificar o que as maiores autoridades destes dois campos de pensamento religioso têm a dizer sobre a alma. Recorrendo primeiro à Enciclopédia Judaica, vemos que a natureza da alma, conforme ensinada no Talmude, é a que foi concebida por Fílon, o filósofo. Essa concepção consiste em que a alma tem natureza dual. Uma parte é chamada de alma ativa, que é a consciência insuflada por Deus no homem; a outra parte é o espírito vital com que Deus inspirou o ser humano. Aqui temos a base para estabelecer uma distinção entre espírito e alma, como duas partes de uma mesma coisa, e uma razão para a confusão sobre espírito e alma, que leva muitos escritores e pregadores religiosos contemporâneos a usar os dois termos como sinônimos, como se eles fossem idênticos. É esta confusão que é responsável pelo fato de alguns movimentos usarem o termo espírito no lugar de alma. Na Enciclopédia Judaica notamos também que, em algumas preces, é usada a frase: "Que Deus dê espírito e alma ao embrião". Em outras obras judaicas, citadas na enciclopédia, parece que os judeus acreditavam que todas as almas fossem preexistentes e que houvesse almas de diferentes qualidades. Alguns Rabinos, conforme a enciclopédia, não estão de acordo com essa crença da preexistência da alma. Segundo eles: "toda alma que existir, desde Adão até ao fim do mundo, terá sido formada durante os seis dias da Criação e estava no Paraíso".

Quanto ao ponto de vista cristão, podemos recorrer à doutrina cristã original, conforme apresentada na Enciclopédia Católica Romana. Aí lemos que a alma "pode ser definida como o princípio último, interior, pelo qual

pensamos, sentimos e exercemos volição, e que anima nosso corpo". Nesta definição, vemos a ideia cristã de que, além da vitalidade que anima o corpo material com a vinda da alma, há uma espécie de consciência ou mente que acompanha a alma e possibilita a esse corpo físico ver, pensar, sentir e agir compreensivamente.

Muito mais é dito em ambas as enciclopédias sobre a alma. Nelas são expressas muitas ideias estranhas, que provavelmente surpreenderão e espantarão a média dos devotos judeus e cristãos. A exposição e a discussão dessas ideias singulares sobre a alma serão feitas em outros pontos deste livro, com referência às questões por elas levantadas. No momento, estamos interessados exclusivamente na natureza da alma, e não em sua origem, no modo como ela entra no corpo ou em seu objetivo após ter-se encarnado.

Notamos, portanto, que as religiões judaica e cristã adotaram a ideia quase universal, de todas as demais religiões, ao afirmarem que, a alma do homem não seria apenas uma essência vitalizante, de natureza divina, mas, também a *sede* da consciência ou mente. Por conseguinte, podemos seguramente afirmar que hoje em dia a concepção humana universal é a de que a alma constitui a vitalidade e a consciência do homem. Esta deve ser a concepção de todo o cristão ortodoxo e de todo o judeu ortodoxo do Ocidente, bem como a convicção de todas as pessoas ortodoxas das várias religiões do Oriente. Com esta base geral para o estudo da alma e sua natureza, consideremos agora o ponto de vista expresso pela revelação mística e vejamos qual é a concepção cósmica da alma.

Primeiro, descobrimos que há uma distinção bem definida entre espírito e alma. Espírito é a vitalidade ou energia animadora difusa por toda a matéria viva do universo. Devo lembrar que não é necessário usarmos a expressão *matéria viva*, porque toda matéria é *viva*. Há uma diferença entre matéria viva e matéria consciente. Os minerais são vivos no sentido de que há uma vitalidade, força ou energia, presente em cada cristal e em cada átomo de sua estrutura, que mantém sua massa coesa na forma atômica e molecular apropriada à manifestação de sua natureza específica. Toda a matéria está vibrando com essa energia ou essência cósmica que é universalmente chamada de *espírito*. Essa energia está presente em cada célula dos elementos que compõem o corpo do homem, o organismo de toda planta e a massa de todo o objeto material definitivamente manifesto no universo. Espírito é, portanto, a essência universal que produz e mantém a manifestação da

matéria. Quimicamente, ou do ponto de vista das ciências físicas, podemos afirmar que a essência que compõe o elétron é esse espírito universal. Assim sendo, deixaremos por enquanto de lado essa questão de espírito e consideraremos a alma como algo distinto de espírito.

Nossa concepção cósmica nos mostra que a alma do homem e de todos os seres conscientes é uma espécie de consciência divina, com certos atributos ou funções. Portanto, pode ser chamada de *Mente Infinita*. Essa Mente Infinita possui certas faculdades, que podemos chamar de visão, *tato*, *audição*, *paladar* e *olfato*. Estas faculdades não são funções independentes ou distintas, como o são no corpo físico, e sim uma faculdade conjunta ou amalgamada de apreensão e compreensão que, em qualquer de suas cinco formas de impressão ou receptividade, é interpretada por nós como faculdade de visão, tato, audição, paladar ou olfato. Em outras palavras, a Mente da alma é capaz de receber e absorver conhecimento através de uma faculdade de percepção, que é uma combinação de visão, tato, audição, paladar e olfato. A recepção e interpretação de uma impressão, pela alma, é traduzida para a nossa consciência física, exterior, nos termos dos nossos sentidos: visão, tato, audição, paladar, ou olfato. Portanto, julgando as impressões da alma em função da nossa consciência objetiva ou física, por vezes sentimos como se a alma tivesse visto, ouvido ou sentido alguma coisa, quando, na verdade, as impressões da alma não ocorrem através de qualquer limitado canal de consciência.

A percepção ou recepção de conhecimento, ou impressão, pela alma, através do seu único e complexo canal, constitui o que os místicos modernos denominam "sentido psíquico". Quando este sentido recebe uma impressão profética, é chamado de *intuição*. Outros chamam esse sentido psíquico de canal de inspiração. Muitos outros termos são usados para designar essa faculdade de percepção e compreensão da Alma e, nas religiões e filosofias orientais, encontramos muitas palavras estranhas indicando essa ideia, algo indefinida, que tentei expressar nas frases anteriores.

Assim, a alma tem o atributo de compreensão como faculdade de sua consciência. Tem também a faculdade de comunicar, através de um canal análogo de impressões psíquicas, os pensamentos que ocorrem no âmago de sua consciência. Esses pensamentos se imprimem na consciência da alma presente em outros corpos físicos por um processo simples. Sendo a alma do homem parte integrante da consciência de Deus ou "Superalma" do universo,

nunca está separada da alma presente em cada corpo físico, de modo que um pensamento na consciência da alma de um corpo físico pode estar imediatamente em contato com a consciência da alma de qualquer outro ou de todos os corpos físicos do plano terreno ou do reino espiritual.

Essa mente da consciência da alma, sendo parte integrante da Mente Infinita, é dotada de toda a sabedoria universal ou Cósmica. Isto não significa, porém, que a sabedoria essencial da alma, que ela possuía antes de se encarnar num corpo físico, inclua o conhecimento de todas as crenças e práticas artificialmente estabelecidas e arbitrariamente criadas pelo homem. Com frequência, o estudante neófito de misticismo e metafísica argumenta que, como a alma é infinita em sua sabedoria, não pode haver fundamento na afirmação de que, através de suas experiências na Terra, ela aumente o seu conhecimento, pois, se ela possui já todo o conhecimento, não pode aumentar aquela sabedoria. Esse estudante esquece o fato de que a Infinita Mente da alma, antes de qualquer encarnação no plano terreno, não podia estar familiarizada com um conhecimento mundano como o alfabeto sânscrito, o código Morse, as inferidas leis da química praticada pelo homem, a maneira de dirigir um automóvel, os melhores métodos para se comprar e vender na Bolsa de Valores, ou os códigos éticos e estatutos legais arbitrariamente estabelecidos pelo homem em diversos países, comunidades ou localidades. A sabedoria universal que a alma possuía antes de sua encarnação e conservará para todo o sempre, *como* seu conhecimento fundamental, relaciona-se estritamente com leis ou princípios Cósmicos (decretos ou regulamentos divinos).

Quando nos detemos para considerar que o conhecimento essencial numa nação de uma parte do mundo atual não é o conhecimento essencial numa outra nação de outra parte do mundo, ou na mesma nação daquela parte do mundo séculos atrás, percebemos que o conhecimento humano, ou o conhecimento terreno produzido e aplicado pelo homem, é uma coisa transitória, que muda rapidamente, que não se fixa para sempre. A alma não seria auxiliada em seus objetivos terrenos, durante sua encarnação num corpo, pelo fato de estar consciente de todo o conhecimento humano que vem acumulando ao longo de todas as eras.

O conhecimento essencial que a mente infinita da alma possui é o conhecimento transcendental que o homem não pode obter através de qualquer canal humano, ou de qualquer dos órgãos físicos de percepção, de

modo que ele tem de obter esse conhecimento por um meio espiritual.

Assim, a associação da alma com o corpo não se faz com um único propósito, e deste modo, temos duas boas razões para a encarnação de uma alma espiritual num corpo humano. Primeiro, por um motivo que logo explicaremos, a alma deve passar por certas experiências terrenas; segundo, o organismo físico do homem deve contar com a vantagem de conhecimento espiritual ou iluminação, além de seu conhecimento mundano.

O próximo ponto que temos a considerar é o de que, depois que a alma encarna no corpo físico e a ele traz a divina consciência ou sabedoria, e a faculdade transcendental de percepção e comunicação com a consciência anímica do universo, temos uma associação que, na forma humana, manifesta a maior aproximação à imagem de Deus.

Mesmo um estudo superficial dos princípios da Biologia e da Ontologia, indica-nos que o corpo físico do homem, independentemente da alma e sua consciência, é dotado de uma espécie de consciência ou inteligência própria. A mais diminuta célula biológica, examinada ao microscópio, revela reação à luz, cor e calor, além de outras condições ambientais, o que prova que ela é dotada de uma espécie primitiva de consciência própria. Essa consciência física, mundana, é limitada e mortal. Os menores seres vivos, minúsculos organismos que vivem na água, são um agregado das células primitivas e seu corpo possui, portanto, a consciência conjunta das células que o constituem. A consciência física de todo ser vivo sobre a face da Terra não é senão a consciência global das células que compõem seu corpo.

Limitando nossa análise ao corpo físico do homem, notamos, graças a experimentos científicos, que a consciência das células que compõem a raiz do nosso cabelo é diferente da consciência das células que compõem nossas unhas, nossos ossos, os demais tecidos, os músculos, o sangue, ou outras partes do nosso organismo. Cada célula cumpre suas funções e se ajusta ao seu ambiente com células semelhantes, e mantém sua personalidade e integridade, sua individualidade sua utilidade, em consonância com a consciência específica presente em seu âmago. As células que produzem cabelo não produziram osso ou outro tecido, ou qualquer outra espécie de matéria. Onde quer que elas se congreguem ou quaisquer que sejam as outras células a que se associem, elas lutarão contra grandes dificuldades e sob condições muito adversas para manter ou perpetuar, manifestar e reproduzir sua natureza particular, em conformidade com a sua consciência específica.

Há irregularidades físicas do organismo humano em que células de cabelo, osso, dente, ou outras, se acumulam num local ou numa relação anormal e continuam a manifestar sua natureza, reproduzindo aquilo que estão destinadas a reproduzir, a despeito do obstáculo imposto por esse ambiente impróprio, essa situação anormal.

A consciência do nosso corpo físico é, portanto, o conjunto da consciência presente em todas as células do nosso organismo e, assim, constitui uma combinação das diferentes naturezas de consciência das numerosas espécies de células.

O místico sabe que a diferença que existe entre o símio mais altamente evoluído e mesmo o homem primitivo, não é uma questão de evolução anímica e, sim, da diferença entre as naturezas de consciência das células que compõem o corpo físico, e da presença de uma alma humana nesse corpo, em lugar de uma alma de símio. Em outras palavras, a diferença entre o símio e o homem não se deve tão somente à alma presente em cada qual, mas também à diferença no conjunto ou na consciência combinada das células que compõem o corpo físico de cada espécie. Um macaco, portanto, não poderia evoluir para ser humano pelo fato de uma alma de ser humano entrar de repente em_ seu corpo, substituindo sua alma de símio. Uma grande alteração teria também de ocorrer na consciência física do seu corpo. Nem o macaco poderia se tornar homem por qualquer processo evolutivo em que a consciência física das células do seu corpo se tornasse igual à consciência do corpo físico humano, a menos que, ao mesmo tempo, uma alma humana entrasse no corpo do macaco. Assim, é tola a ideia de procurar um único elo perdido no estágio evolutivo de vida celular do corpo físico de um símio. O maior elo perdido dessa cadeia imaginária seria o elo único representativo do estágio de transição da alma do símio para a alma do homem. E ninguém pode considerar seriamente a busca desse elo.

Assim, o corpo físico do homem é dotado de uma consciência peculiar, limitada e ajustada pela harmonização de suas faculdades, a perceber e a compreender coisas próprias da sua natureza. A consciência física do homem é especialmente ajustada à consciência física de toda a natureza. Mas não pode ser harmonizada com a Mente Cósmica ou Divina, porque esta tem natureza transcendental, de frequência vibratória mais alta do que a das vibrações da consciência física. Todas as faculdades perceptivas do corpo físico, todos os seus canais de impressão, estão restritos às coisas

grosseiramente terrenas do mundo físico. Os olhos só podem enxergar a um grau limitado e dentro de uma limitada porção da escala universal de vibrações. Há cores e tonalidades elevadas demais ou baixas demais para os olhos físicos perceberem. Os ouvidos físicos não podem perceber todos os sons que existem no universo, pois, sua consciência e seu meio mecânico para a interpretação de impressões estão limitados a certa porção baixa da escala de vibrações. O mesmo ocorre com o paladar, o olfato e o tato. Isto é, a consciência humana física é uma consciência de si mesma e do que lhe é semelhante na natureza. Foi criada e colocada nas células materiais para que a matéria pudesse ter consciência de si mesma em todas as formas físicas; para além disso, ela não tem consciência, não pode perceber nem compreender.

Verdadeiramente, o homem, no sentido físico, é um ser finito, mortal, limitado; e sem o sopro de vida, a alma, a consciência divina, ele não é "uma alma vivente" e, sim, um mero agregado de substâncias terrestres, com sua restrita espécie de consciência terrena.

Uma violeta que cresce no campo é uma entidade dotada de personalidade ou caráter que se pode facilmente distinguir. Suas características de forma, cor, aroma, ciclo de nascimento e renascimento, e outros aspectos distintos, constituem sua personalidade. Essa personalidade decorre de toda a consciência presente no seu organismo. Uma rosa pode ser distinguida de todas as outras flores por seu caráter ou sua personalidade, que resulta de sua consciência interior. Luther Burbank, botânico norte-americano, descobriu que modificando a consciência de uma flor ou de uma espécie de fruto, pela introdução de alguma células de consciência diferente, o caráter (ou a personalidade) dessa flor ou desse fruto poderia ser alterado, tanto exterior como interiormente. O homem primitivo aprendeu, há muito tempo, que podia enxertar a personalidade de uma árvore em outra, enxertando alguma parte da consciência física ou vida celular de uma na outra.

Voltando ao homem como nosso tema principal, vemos que seu caráter e sua personalidade resultam da consciência racional em seu âmago. E assim como o caráter (ou a personalidade) de uma flor, uma árvore, uma espécie de mineral, ou uma espécie de fruto, não é manifesto exclusivamente por sua forma exterior, também o caráter e a personalidade do homem não repousam na forma do seu corpo, nem em seu tamanho ou peso, mas, em outras manifestações sutis de forma, tamanho e cor.

Compreendendo então que a consciência presente no interior do corpo humano, como a consciência presente no âmago de todas as coisas, é responsável pelo caráter ou a personalidade do homem, só precisamos pensar num outro ponto importante para ter um quadro perfeito do ser humano como uma criação maravilhosa. Este ponto é o seguinte: a consciência anímica acrescentada ao corpo humano durante a encarnação aqui na Terra é que proporciona ao homem seu caráter ou sua personalidade. Em contraste com as coisas que não têm alma ou consciência divina, o caráter do homem (ou sua personalidade) não é tão-somente uma consequência da consciência física do seu corpo, mas também o resultado de uma combinação ou integração, ou um complexo cooperativo de ação e reação entre a consciência anímica e a consciência física. Assim, a consciência dual do homem constitui sua personalidade ou seu caráter.

Agora, consideremos um último ponto no tocante a esta concepção cósmica da alma. À medida que a consciência física do homem se modifica através da sua evolução física tendente à perfeição, as características físicas do homem se alteram. Conforme a consciência da alma no homem tenha mais oportunidade de se expressar e guiar ou dominar o pensamento e as ações do homem, o caráter e a personalidade do mesmo se modificarão. Em outras palavras, à medida que a consciência anímica e a consciência física do homem se modificam pela experiência, mediante mais oportunidade de expressão, através de mais amplo entendimento ou compreensão, de mais perfeita harmonização com os princípios superiores da vida, o caráter e a personalidade do homem se modificam e evoluem.

Vemos, agora, que temos três razões para a encarnação da alma no corpo. Primeiro (por um motivo que logo explicaremos), a alma deve passar por certas experiências terrenas; segundo, o corpo humano físico deve contar com a vantagem de conhecimento espiritual ou iluminação, além de seu conhecimento mundano; e, terceiro, o caráter e a personalidade do homem podem ser aperfeiçoados.

6. A PERSONALIDADE DA ALMA

No capítulo anterior aprendemos que um dos objetivos da encarnação da Alma no corpo físico é o de favorecer a formação do caráter e da personalidade. Isto nos leva a considerar o que é caráter e em que consiste a personalidade.

Já mostramos que todas as religiões e filosofias, antigas e modernas, admitem que a união da alma ao corpo físico resulta numa "alma vivente" na Terra. No entanto, não nos consideramos apenas como almas viventes, mas com certos caracteres ou personalidades, positivamente diferentes em vários aspectos e suscetíveis de classificação apenas segundo certas generalizações.

Por conseguinte, nossa reflexão deve se prender ao que constitui a personalidade de um ser vivo. O caráter é geralmente compreendido como os princípios morais e éticos que constituem o código de vida de cada indivíduo. Tal como a individualidade, o caráter é algo que não só está se modificando constantemente, em muitos aspectos, mas compreende tal combinação de elementos do Eu físico que pode ser alterado à vontade. Moldamos, desenvolvemos ou formamos o nosso caráter pelos nossos pensamentos, pelos princípios que adotamos e a que nos atermos, e pelos atos que praticamos. Um banqueiro, como indivíduo, é banqueiro somente por causa de sua ocupação ou profissão. A classificação de um homem como banqueiro refere-se mais à sua individualidade, e talvez ao seu caráter, do que à sua personalidade. Um encanador também é classificado como tal devido à sua ocupação ou ao seu ofício. Alguns elementos de caráter podem estar incluídos na determinação dessa classificação, porém, sua *personalidade* pode ser absolutamente desconhecida, mesmo para aqueles que mais frequentemente o empregaram como encanador. Um ator é classificado como tal devido à sua profissão, mas não necessariamente em função do seu *caráter*. Pode haver traços ou características naturais, em seu caráter, que nos permitam identificá-lo como ator, ainda que nada saibamos de sua *real personalidade*. Um pintor pode não ter coisa alguma em si mesmo que o identifique como tal, mas pode haver traços, em seu caráter, que revelem as tendências e habilidades artísticas que ele possua. Pode exercer sua arte, ou não. Não obstante, pode ser classificado como artista, a despeito de não

conhecermos sua personalidade.

A individualidade e o caráter podem se modificar tão instantaneamente que podemos ser levados a um julgamento errôneo. Em nossa atividade comercial diária podemos conhecer um homem que é banqueiro. Ele pode estar empregado num banco onde o encontramos durante muitos anos, de modo que a simples menção do seu nome traga à nossa mente a imediata classificação de "banqueiro". Em seus hábitos, em sua maneira de vestir, em seu jeito de falar de negócios, ele pode se revelar como um caráter apropriadamente classificado como "banqueiro". Podemos, contudo, encontrá-lo informalmente, em seu lar, tocando piano ou violino com tal proficiência que imediatamente reconhecemos que, em caráter, ele também é um músico. Sua individualidade, no tocante a suas roupas e seu jeito pessoal, pode continuar a nos lembrar que ele é essencialmente um banqueiro profissional, porém, notamos que ele pode esquecer a individualidade ou o caráter das horas de trabalho e tornar-se músico, à noite. Mesmo assim, talvez nada saibamos de sua *verdadeira personalidade*. No verão, poderemos encontrá-lo em sua propriedade rural e verificar que ele é também um apicultor muito eficiente e entusiástico. Seu longo estudo de jardinagem, por exemplo, como um passatempo, pode classificá-lo como um perito no assunto; poderemos vê-lo de macacão trabalhando com enxada e ancinho e perceber então um indivíduo de caráter diferente do banqueiro; no entanto, talvez nada saibamos de sua *personalidade*.

Um digno homem de negócios, que tenha conservado uma posição de responsabilidade e merecido a confiança das pessoas, como executivo eficiente, pode ser tentado a cometer algum crime, de modo que o encontremos, mais tarde, numa penitenciária, cumprindo certo período de pena. Tendo sido flagrado em seu crime e desmascarado em sua falsa representação de um honesto, digno e sincero homem de negócios, agora ele revela sua individualidade, seu caráter, no mesmo nível dos demais prisioneiros; e podemos ficar surpresos ao perceber, por sua linguagem e suas ações, que a maneira de falar e de agir que ele manteve durante tantos anos, em seu escritório, representavam apenas qualidades superficiais, que usava como um disfarce. Agora podemos classificá-lo, não como homem de negócios e, sim, como um criminoso. Mas, talvez não saibamos coisa alguma sobre sua *real personalidade*.

Espero ter levado o leitor a perceber a diferença entre caráter e

personalidade. Personalidade, portanto, parece ser a natureza interior, particular, do nosso Eu real, que pouco tem a ver com as nossas caracterizações físicas ou mentais exteriores. É indiscutivelmente verdadeiro que a personalidade real de todo indivíduo há de afetar, consciente e inconscientemente, os hábitos e a maneira de ser do Eu físico. É também verdadeiro, porém, que nem todas as caracterizações exteriores constituem perfeita indicação da real personalidade interior.

Nossa personalidade interior constitui, numa fase mental, aquilo em que de fato acreditamos, aquilo que de fato sabemos, aquilo que se tornou verdadeiramente convicção pessoal, através de nosso pensamento e nossas experiências. No sentido espiritual, o Eu Interior é a fase mais intimamente associada a nossas emoções profundas e a nossas experiências silenciosas, interiores, cósmicas ou espirituais. No sentido moral, nossa personalidade consiste das coisas que, secretamente, intimamente, estabelecemos como nossos princípios imutáveis ou nosso código de vida. Em nossas ações, nossa real personalidade nos influencia pelos hábitos, costumes e maneirismos que, gradativamente, adotamos, tão profundamente que quase não tomamos consciência de sua existência e nos parece quase impossível modificá-los.

Em suma, podemos dizer, portanto, que a personalidade é o Eu Interior, ou o Eu que está sendo desenvolvido pela consciência interior, pelo homem interior. O caráter e a individualidade, por outro lado, constituem o Eu exterior, ou a fase que pertence à consciência física, cerebral.

O estudo da personalidade humana, através da psicologia e da psiquiatria, revelou, nos últimos séculos, que ela é gradativamente formada, em cada indivíduo, por influências externas e internas. Alguns especialistas em psicologia chamam essa personalidade interior de *Eu Subliminar* ou *Eu Autoconsciente*. Numa classificação correta, porém, ela deveria ser chamada de *personalidade verdadeira*. É sem dúvida verdadeiro que herdamos alguns elementos de nossa personalidade, e é indiscutivelmente verdadeiro que também adquirimos muitos elementos de nossa personalidade por influências internas e externas.

Como influências internas, refiro-me aos anseios, às inspirações e ideias, aos impulsos que provêm do âmago de nossas emoções, em decorrência de contato espiritual ou cósmico, ou pela transmissão de ideias e princípios da consciência exterior para a consciência interior. Certos estudos, certos filmes, certas músicas e experiências da vida podem implantar ideias, princípios e

convicções na consciência exterior que, pelo fato de serem agradáveis ao nosso entendimento ou aos outros componentes de nossa personalidade, são por ela adotados como novos elementos de modificação. Experiências da vida que ensinam valiosas lições e trazem à nossa consciência exterior a convicção da verdade de alguma grande lei ou algum grande princípio, que aceitamos como universal e útil para o nosso progresso na vida, são adotadas pela personalidade interior como normas ou leis particulares. O pesar, a dor e o sofrimento, bem como a solidária compreensão da aflição e do sofrimento alheios, tendem a suavizar alguns componentes rudes de nossa própria natureza, transferindo alguns elementos de caracterização para a personalidade interior, onde se fixam como novos componentes do Eu interior. Meditação, prece, visões espirituais e outras experiências desta espécie do Eu interior constantemente acrescentam componentes à personalidade em evolução. Deste modo, a personalidade do Eu interior é gradativamente desenvolvida a um grau de perfeição que não havia alcançado ao entrar no corpo físico.

Devido à natureza muito íntima das lições aprendidas por esse Eu interior, e devido a princípios e ideais secretamente nutridos pelo mesmo, a real personalidade de um ser individual é conhecida somente por aqueles que com ele estão muito intimamente associados, e só é descoberta através de longo e estreito contato.

Verificou-se também, graças a longo estudo da personalidade humana, que a tendência do Eu Interior é a de desenvolver progressivamente uma personalidade para um grau mais elevado de perfeição e não para um grau inferior. Apesar de como viva o homem *exterior*, ou mesmo de como venha ele a perverter os princípios morais e éticos a um padrão continuamente mais baixo (como ocorre com o criminoso contumaz, que é cínico e atrevido ao máximo), a *real personalidade interior* está usualmente se moldando de modo que tende para um padrão mais elevado e um mais alto grau de perfeição. É fato inequívoco, revelado mesmo nas ações de criminosos irrecuperáveis, que os mais elevados ideais e mais perfeitos padrões do Eu Interior constantemente reprovam ou contestam os atos do Eu exterior. Assim, muitos criminosos, cedo ou tarde, veem-se terrivelmente perturbados e perseguidos por uma espécie de remorso desencadeado pelo que é às vezes chamado de consciência, mas que é realmente a voz do Eu Interior, ou da personalidade interior, reprovando a conduta do Eu exterior. A

Psicologia encontrou um meio de alcançar e liberar de seu temporário aprisionamento a personalidade interior de muitas pessoas, a tal ponto que se revela uma imagem correta do Eu real e as melhores tendências do Eu Interior têm oportunidade de controlar o Eu exterior.

A tendência geral de elevação no desenvolvimento da personalidade interior é devido, acima de tudo, ao fato de que ela está intimamente associada à Consciência Divina no homem e aos canais, ou meios de obter conhecimento, que estão constantemente informando o Eu do que é certo, do que é justo e do que é misericordioso. Em segundo lugar, o Eu exterior do homem pode enganar a outrem através de temporárias modificações ou falseamentos de sua verdadeira natureza, mas o Eu Interior não pode ser enganado pelo Eu exterior, como não pode o Eu exterior ser enganado pelo Eu Interior. Portanto, o homem, em seus próprios períodos íntimos de meditação e introspecção, sabe o que é certo e o que é errado, e não é enganado por qualquer declaração fictícia da consciência física. Assim, o homem tende para o pensamento mais elevado e o auto aprimoramento, interiormente através de seu particular entendimento dos fatos reais da vida, ainda que, exteriormente, possa não estar se conformando aos padrões que desse modo estejam sendo estabelecidos.

7. SOBREVIVE A PERSONALIDADE AO FENÔMENO DA TRANSIÇÃO?

Em qualquer análise desta questão, temos a considerar duas proposições distintas e opostas. Uma é a doutrina teológica; a outra é chamada de conclusão científica. Ambas são aceitas por grande número de pessoas, por mera fé. Ambas se apoiam no mesmo tipo de indício quando apresentadas por seus respectivos representantes.

Para prosseguirmos, expressemos em poucas palavras as duas proposições opostas, relativas ao destino do homem:

1. Pela concepção teológica, o homem possui urna *alma* ou *personalidade* imortal, que sobrevive à morte do corpo.

2. Pela teoria da ciência materialista, a *individualidade* ou *personalidade* do homem começa com o nascimento do seu corpo e termina com a morte do mesmo.

Cabe ressaltar que as palavras usadas nestas duas proposições foram cuidadosamente escolhidas. Na segunda, não foi usada a palavra *alma*. O materialismo não reconhece a existência da alma, embora admita a real existência desse "algo" rotulado de *personalidade* ou *individualidade*. A expressão *ciência materialista* é aqui usada para distinguir certa espécie de "ciência" das muitas outras.

Analogamente, na primeira proposição, os termos *alma* e *personalidade* foram usados como sinônimos, somente porque a teologia *supõe* que isto expresse um fato.

A questão, do destino do homem, ou do destino de sua "personalidade" após a morte do corpo, é tão antiga que sua origem se perde no tempo. Os mais antigos registros do pensamento humano indicam que essa discussão era comum e popular, com apenas duas conclusões como possíveis respostas. Aliás, constata-se que a conclusão materialista era defendida pela minoria das antigas civilizações, como hoje em dia; e que a maioria sinceramente sustentava a outra. Em todas as épocas, esta conclusão (ou doutrina) era filosófica, e não puramente teológica, como o homem tem tentado torná-la

nos últimos séculos.

Não devemos ser considerados presunçosos ao comparar essas várias conclusões, dado que nosso desejo é o de verificar qual delas está mais em harmonia com a justiça e fere menos os nossos sentimentos naturais.

A doutrina materialista origina-se e baseia-se na suposição de que o homem nasce como um bebê indefeso, ignorante, produto de um princípio denominado *hereditariedade*, que operaria através de forças e impulsos de que ele nada sabe e que não pode combater; e de que, portanto, ele é dotado, com vantagens e desvantagens, de certas habilidades, tendências, forças e fraquezas, pelas quais *não é absolutamente responsável*.

Por que nasceu, por que é *como* é, e para que finalidade, ele não sabe nem pode saber.

O homem tenta conciliar as condições com que se depara com a doutrina materialista da hereditariedade - a despeito das muitas e claras contradições, pois essa doutrina afirma que o ladrão, o assassino, o tolo, o mentiroso e o depravado apenas herdaram as características de seus antepassados; e que o homem bom, o nobre, o rico, o feliz e o próspero receberam inconscientemente, mecanicamente, ou *simplesmente*, as bênçãos transmitidas pelas gerações precedentes.

Mas essa doutrina não explica o nascimento de um ladrão ou de um assassino numa longa linhagem de ancestrais respeitáveis, nem o nascimento de um homem nobre e afortunado numa árvore genealógica "podre até às raízes".

Sustentam os defensores dessa doutrina que eles não devem ser condenados por suas fraquezas, tendências, ou pelos atos que pratiquem. Mesmo as leis humanas perdoam condições impostas por uma pessoa a outra, sem que esta contribua com responsabilidade ou autorização, e até os povos mais selvagens não tolerariam (e muito menos criariam) uma lei que justificasse a punição de um homem pelos pecados (ou atos) cometidos por um outro.

Crenças como esta excluem a possibilidade de uma inteligência divina envolvida no nascimento e na existência do homem, individualmente e mesmo coletivamente, e eliminam a existência de uma consciência divina ou alma no homem, de natureza distinta da essência material da vida química do seu corpo.

Portanto, afirma a ciência materialista, o homem é um produto químico; o resultado de leis mecânicas ou sistemáticas, que automaticamente

desencadeiam seus processos de reprodução, sem inteligência consciente. O homem simplesmente nasce como é, vive sendo aquilo que é, luta para alterar as cegas e indiferentes leis naturais, e finalmente sucumbe ao inevitável processo de degradação de seus componentes materiais e morre. Este é o fim do homem (mais uma vez, individual e coletivamente).

Uma doutrina fatalista é o credo religioso do materialista. O fato de que nascemos como homens (como certo tipo de produto químico), em vez de macacos, ratos ou bois, deve-se ao acaso. Nosso lugar no reino animal é uma loteria. Viemos de parte alguma (por força de nenhuma lei real que se demonstrasse em justiça, misericórdia, magnanimidade, respeito, ou amor) e iremos para parte alguma.

Os homens bons, os justos do mundo, não merecem mais crédito por suas virtudes do que os maus merecem condenação ou punição.

Assim como nossas tendências, habilidades, fraquezas e talentos são herdados sem a nossa decisão (ou autorização consciente), também nossas experiências, chances, alegrias, nossos pesares, sucessos e fracassos, por toda a vida, advêm sem que os mereçamos e sem que tenhamos responsabilidade moral ou pessoal.

Se conseguimos lograr o sistema, ganhando algum lance no jogo da vida; se conseguimos frustrar os cegos princípios com nossa própria visão desenvolvida, ou construir onde alguma destruição parece iminente, provamos nossa força e aptidão individual para sobreviver aos decretos do destino.

A crença em justiça, lei, ordem, bondade e amor eternos não passa de ilusão. A lei de que o direito prevalece sobre o poder, e o caráter determina o destino, não passa de ilusão pueril.

E isto é tudo! - declara a doutrina do materialismo.

A doutrina teológica (como a materialista) inclui uma suposição, que é ade que a alma ou personalidade de cada ser individual é *singularmente criada* por Deus, para cada existência, através de princípios e leis imutáveis que somente Ele conhece.

Embora esta doutrina *pareça* um grande e inspirador alívio do deprimente ponto de vista materialista (e por isso se tenha tornado a esperança de muitos), percebe-se, por análise e experiência, que ela é insatisfatória para mentes progressistas, reflexivas.

Primeiro, verificamos que, embora ela transfira a autoria da nossa criação, da cega e inconsciente ação química, para Deus, o homem continua a ser uma criatura que é feita ou nasce de parte alguma, de modo que o crédito ou a responsabilidade por sua existência repousa sobre um criador pessoal e não um processo. O homem continua a ser um produto de circunstâncias, isento da responsabilidade de sua criação, de sua existência ou de suas características, mental, espiritual ou fisicamente.

Atribuindo ao poder criador personificado (Deus) aquilo que não poderíamos atribuir aos processos criadores impessoais, químicos, dotamos o *Responsável* por nossa existência de entendimento consciente, poder onipotente, infinita sabedoria e propósito universal.

O primeiro destes atributos, (entendimento consciente), justifica nossa crença em lei, ordem, sistema e propósito universais. A fim de criar deliberadamente, causar conscientemente e permitir compreensivamente, Deus deve ter um propósito, um plano, um esquema. Não pode haver acaso, loteria, acidente. Tudo deve ocorrer por divino decreto.

Segue-se então que o homem é, mais uma vez e em última análise, criatura sujeita ao Destino (ainda que divino, espiritual, infinito).

Outrossim, se o homem é criatura desse Criador, então como criatura deve possuir alguns dos atributos do seu Criador; deve ter, em algum grau, a sabedoria, o poder e o discernimento da essência de que emanou. Deve ter recebido (graças à sua divina herança) o instrumento infinito que a Teologia chama de alma e sugere ser sinônimo de "personalidade".

A Teologia vai mais além em sua explicação dos dons herdados pelo homem e afirma dogmaticamente, ou logicamente (conforme o ponto de vista), que, como a consciência, a sabedoria e o poder de Deus e do homem têm natureza universal (e eterna), a alma do homem é eterna, *imortal*

Como já dissemos, a doutrina teológica é diferente da materialista somente em alguns pontos.

O homem continua a ser criatura sujeita ao Destino. Isto o exime de toda responsabilidade por seu nascimento, sua existência, seus dons e sua herança.

Há um problema teológico implicado nessa doutrina, que requer explicação; e a Teologia o enfrenta de modo bastante conveniente.

O Criador do homem; possuindo discernimento, poder supremo e infinita sabedoria, e atuando com propósito universal, deve deliberadamente permitir, pelo menos, os sofrimentos, pecados e erros de sua criatura. Segue-se que

Deus deve, ou ser indiferente a Suas criaturas, ou positivamente aprovar essas coisas. E, como há um objetivo universal na consciência de Deus, Ele deve aprovar tanto os sofrimentos como as alegrias do homem.

De imediato, nos deparamos com intrincados credos, dogmas e doutrinas, que incluem predestinação e vingança.

Predestinação, conforme expressa na Confissão de Fé de Westminster, é a doutrina que revela que: "Por decreto de Deus, para a manifestação de Sua Glória, alguns homens e anjos são predestinados para a vida eterna, e outros para a morte eterna... medida com que Ele concede ou recusa misericórdia, a Seu critério, para a Glória de Seu Soberano Poder sobre Suas criaturas."

O princípio de vingança ou retribuição é estabelecido no Segundo Mandamento (Êxodo, 20:5): "Porque Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem..."

Praticamente todas as controvérsias teológicas do passado nasceram de tentativas de conciliar o princípio de *fatalismo* com *justiça infinita* ou mesmo *mundana*. Um dos resultados foi a tendência de transferir a responsabilidade pelo mal na vida dos homens para um personagem satânico. Mesmo isto deixa aberto o campo a discussões sobre predestinação, livre-arbítrio, o pecado original de Adão e a expiação do mesmo.

Pois, segundo os princípios teológicos acima citados, o homem é criado arbitrariamente e sem o seu desejo e, no momento de sua criação, é eternamente *abençoado* ou *amaldiçoado*. Portanto, o homem é bom ou mau, feliz ou infeliz, nobre ou depravado, desde o primeiro passo no processo de sua criação física até ao seu último suspiro, a despeito de seus desejos, esperanças, ambições, lutas ou fervorosas preces.

Eis o fatalismo teológico! Oferece ele algum consolo comparado com o fatalismo materialista? Somente a nossa concepção dos reais propósitos e das verdadeiras leis de Deus, concepção mais profunda e verdadeiramente mística, nos permite penetrar esses credos e dogmas teológicos e encontrar a verdade.

Será de estranhar que pessoas progressistas, perquiridoras e sinceras, de todas as partes do globo, façam objeção à estreiteza dos credos teológicos que permitem conclusões como as que apresentamos nos parágrafos anteriores?

O princípio de justiça em todas as coisas (especialmente no decurso da vida), exige que o homem tenha conquistado o que possui, mereça o que

deseja, faça jus ao que busca; inversamente, assegura ao homem que ele não terá o que não tenha conquistado ou merecido. A lei de que *colhemos o que semeamos* não é um decreto teológico, religioso ou ético, mas um princípio científico, filosófico e moral, como base da justiça.

A ideia de que o homem deve sofrer os pecados alheios, somente porque alguém pecou por decreto fatalístico de seu Criador, no momento da criação, é certamente contrária aos princípios de *justiça humana*, quanto mais de *Justiça Divina*.

Que uma criatura seja boa porque o Criador nela tenha implantado o bem, e outra seja má porque nela o Criador tenha implantado o mal (para todo o sempre, eternamente, imutável e irremediavelmente) é, por certo, injusto para com toda a Humanidade. Mas, que homens maus transmitam pecados que não cometeram ou mereceram a seus descendentes, "até à terceira e quarta geração", é o máximo de *injustiça*.

Assim, a doutrina de que todos os homens são pecadores e herdaram o pecado original de Adão, é contrária à justiça, à misericórdia, ao amor, e à onipotente equidade. Naturalmente, se é necessário supor que o homem fatalístico pode pecar contra a Onipotente e Infinita VONTADE ou o Decreto do Criador, então o pecado de Adão foi exclusivamente seu, por permissão ou tolerância de Deus, de modo que somente ele pode fazer compensação por seu próprio pecado. Por outro lado, se a Humanidade, para todo o sempre, pecou através de Adão, então somente o próprio homem pode fazer compensação, mediante sofrimento pessoal, individual. Por conseguinte, a doutrina da expiação, pela qual a responsabilidade do homem por seu pecado original foi transferida para um outro, de modo a ser paga pela crucificação, é também contrária à justiça.

A salvação pelo reto viver é impossível segundo estas doutrinas, pois o homem não pode ser salvo por mérito pessoal, já que não tem nenhum (visto que tudo o que é bom nele, dele, e por seu intermédio, pertence ao seu Criador, que o decretou ou preestabeleceu).

O homem a tal ponto ama a *justiça*, e ao longo dos tempos tem desenvolvido uma ideia de justiça tão melhor e mais nobre (a despeito de sua aparente ausência no esquema teológico das coisas) que se tem recusado a admitir, e muito menos a apoiar ou a encorajar, quer o fatalismo materialista, quer o teológico.

Nenhum código eficaz de conduta na vida, moral ou ético, muito menos religioso, pode ser edificado sobre a teoria de que somos, desde a primeira

fase de nossa criação, e sem qualquer mérito ou demérito de nossa parte, ou os favoritos de bênçãos arbitrárias de Deus, ou cegas vítimas de Sua ira e vingança.

Assim sendo, o homem busca a verdade; e seu desejo essencial é de que se faça justiça à sabedoria e ao poder de Deus, bem como aos interesses de Suas criaturas. É isto que o verdadeiro místico moderno procura; e é isto que os místicos de todas as épocas têm exigido.

8. HEREDITARIEDADE E HERANÇA

O corpo de um bebê não é *criado*, mas, sim, reorganizado a partir de componentes preexistentes. Todo elemento que entra em sua composição sempre existiu, desde "o começo", e sempre existirá (mesmo após a "morte" do corpo). Quimicamente, esses elementos são puros ou impuros, conforme a natureza do ambiente em que são reunidos ou a contaminação por impuras "sementes plantadas para posterior colheita".

Hereditariedade é o processo de modificar a sequência pura, a linhagem direta de ascensão da evolução física do corpo. Relaciona-se exclusivamente com os elementos materiais do corpo, conforme a transmissão ou contribuição do período anterior de evolução, a geração precedente.

Um período de reencarnação, para o corpo *físico*, inicia-se no momento em que elementos preexistentes são reunidos para formar novamente um organismo, e termina quando a influência magnética (vida) cessa de manter os elementos coesos, de modo que esses elementos se separam e voltam "ao pó da terra".

O período que vai desde a concepção, ou unificação, até à "morte" constitui metade do ciclo de *evolução física* de cada corpo. O período que transcende desde a "morte" até à nova unificação constitui a outra metade do ciclo.

A segunda metade do ciclo é tão essencial ao processo de evolução quanto a primeira. Através de sua dissolução ou decomposição, os elementos do corpo são purificados de quaisquer associações anormais ou antinaturais a que tenham sido forçados pelo homem, por deliberada violação de leis naturais. A doença é o resultado de relação ou associação anormal, subnormal ou inarmônica de elementos, numa parte ou em várias partes do organismo. A saúde perfeita é o perfeito *harmonium* na correlação dos elementos.

A "morte" (ou dissolução) é o método econômico da natureza para pôr termo à tensão ou luta entre os elementos inarmônicos por domínio ou poder, e o primeiro passo no processo de retorno a um estado e ambiente puros, normais, naturais de cada elemento.

Assim; a dissolução é a fase de purificação, purgação e reabilitação da evolução física.

No estado de reabilitação, cada elemento é novamente atraído pela

influência magnética da vida reconstrutiva e encontra seu caminho para associação, organização, e manifestação em grupo.

No processo que se estende do estado primário reabilitado à recomposição numa nova forma organizada, esses elementos podem se tornar contaminados, ou alguns elementos desvantajosos ou impuros podem ser forçados ao agrupamento geral. Deste modo, o primeiro estágio e estágios posteriores da evolução física, *antes do nascimento*, podem ser estágios determinantes da normalidade. Isto, e somente isto, é *hereditariedade*, aquilo que os organismos maiores, paternos, semearam. O descendente há de colher o que os pais semearam. A parte menor sofre os efeitos dos atos das partes maiores, enquanto estas têm a responsabilidade e devem fazer compensação.

Eis a lei de justiça, em magnífica demonstração.

Quando a alma entra no corpo físico, faz morada no interior de uma forma física preparada, com pureza ou contaminação, para recebê-la.

A forma física não tem escolha quanto à alma que será sua companheira durante o ciclo de existência a seguir. A alma, por sua vez, não tem livre escolha quanto ao corpo a que deverá estar aprisionada ou em que deverá ser glorificada por mais um período de encarnação.

São elas reunidas, atraídas uma para a outra e unificadas, pela Lei de Compensação (a lei de justiça).

A alma sai de sua morada eterna com sua consciência ou personalidade não afetada pelas modificações do corpo mortal, de que foi antes libertada quando da "morte" ou transição. Ela não é composta de diferentes elementos ou componentes temporariamente associados. É uma entidade simples, incriada e indivisa. É a própria antítese do corpo físico, em todas as suas características. O que quer que possa distinguir o corpo físico é uma expressão negativa do caráter positivo da alma.

A alma possui, como herança da Consciência Infinita, "do começo", uma *memória* ou *mente*, constituindo uma continuidade eterna de experiência.

É então essa consciência do Eu, essa *mente* ou *memória*, que caracterizamos como *personalidade* e que se desenvolve ou é levada a maior compreensão e poder através dos vários ciclos de evolução.

No corpo físico penetra a alma com sua personalidade, sua memória perfeita de todas as experiências passadas, bem como as penalidades que adquiriu e as recompensas que conquistou através da Lei de Compensação.

Ela ainda é livre para escolher, livre para decidir, livre para aceitar ou rejeitar os impulsos que provêm de sua memória de experiências passadas, ou

as sugestões do mundo exterior. Mas tem débitos e créditos, em seu registro do passado, e não os pode evitar.

O que quer que decida fazer, terá de lidar com a Lei da Compensação na tentativa de executar suas decisões. O débito a ser pago será exigido pela Lei do Carma no momento mais oportuno. De vez em quando, o silente regulador da Lei se apresentará e, com um gesto de sua cabeça, permitirá que as decisões do homem se cumpram ou sejam frustradas.

O Carma não tem natureza vingativa. Ele seria autodestrutivo se fosse motivado por vingança ou retaliação. Só pode ser recreativo e construtivo. A progressiva evolução da personalidade, ou seu adiantamento, é seu único propósito.

O Carma não exige "olho por olho e dente por dente", como a lei que o homem inventou em sua imitação da Lei de Compensação. Exige somente justiça; justiça para todos, o pecador e aquele contra quem foi cometido o pecado, o benfeitor e o beneficiado. Tem o poder de levar a efeito os seus princípios. Não deixa coisa alguma a critério do homem, pois este fez a sua escolha e decidiu. O Carma retém exclusiva responsabilidade por sua própria operação, já que o homem concordou com isto quando decidiu.

O propósito do Carma é orientador e seus métodos são instrutivos; suas funções são redentoras. Tal é a Lei do Carma.

O Carma escolhe, como *ocasião propícia* para exigir compensação ou conceder bênçãos, o momento do período de vida da alma no corpo físico em que a personalidade mais possa beneficiar-se com a lição a ser aprendida, a experiência a ser apreendida, ou a recompensa a ser empregada para o aprimoramento de todos os interessados.

Escolhe, como local de manifestação, a localização de eventos que seja mais favorável a uma demonstração impressionante para *todos os que possam discerni-la* e aproveitá-la.

Escolhe, como seu meio de ação, ou seu instrumento de atuação, os canais que proporcionem o máximo de eficiência e direção no ajuste compensatório, *respeitando toda criatura viva*.

Dado que o Carma não visa vingança nem retaliação, mas exige apenas um adequado ajuste de condições, uma regulação do discernimento (a fim de que o homem possa tornar-se perfeito em sua conduta), pode decidir suspender uma compensação objetiva em favor de uma penitência subjetiva.

Se a personalidade do homem é levada a se defrontar com uma situação na vida, que claramente se revela como um débito cármico a ser compensado

por uma experiência difícil, pode ter essa experiência modificada, o teste suavizado, ou o sofrimento amenizado, pelo fato de *reconhecer a justiça do débito e descobrir a lição nele contida*. Com gratidão pelo conhecimento adquirido e o coração contrito pelo erro cometido pode a personalidade verificar que os objetivos da *justiça* ou do Carma foram cumpridos.

Assim, os princípios de salvação pela graça e redenção pela expiação têm sua verdadeira origem na justa operação de uma grande lei.

Na Reencarnação e no Carma descobrimos a única explicação ou causa, racional e aceitável, para a aparente injustiça das desigualdades da vida.

Alguns nascem em berço de ouro e outros em deplorável pobreza; alguns nascem com toda oportunidade de educação e aprimoramento, e outros sem qualquer chance.

Um nasce aleijado, em condição desvantajosa, física e mental; outro nasce em condições ideais.

Numa dada família de quatro crianças, uma é forte e sadia de corpo, mas mentalmente deficiente; outra nasce doente, com um organismo fraco, mas é mentalmente brilhante; outra nasce com tendências cruéis, indignas, sórdidas, causando vergonha a todas as demais; e a quarta é séria e nobre, e nutre ideais religiosos.

A hereditariedade, por si só, não pode explicar todos os defeitos físicos de nascença; não pode explicar sempre as diferenças físicas nas várias crianças de uma família.

Os fatalismos materialista e teológico não podem explicar (de maneira satisfatória e justa) as desigualdades que se verificam em cada raça, cada nação ou mesmo cada grupo humano. Só a Lei da Reencarnação torna *compreensíveis e aceitáveis* as condições e experiências de nossa vida.

Serei amanhã, ou em algum dia futuro, aquilo que hoje determino. Sou hoje aquilo que ontem determinei (ou em algum momento do passado).

Posso estar tão alheio às coisas que faço para determinar o meu Carma como estou alheio a muitos efeitos do Carma.

Posso estar gozando de boa saúde nesta encarnação, sem reconhecer o fato de que conquistei esta condição, de que a mereci ou determinei, graças a atos e atitudes do passado. E posso demonstrar tão pouca gratidão por essa bênção da saúde, e a tal ponto desprezá-la, que um dia sofrerei má saúde (nesta encarnação ou em outra).

Posso ter dons desejáveis que outros não possuem e simplesmente

considerá-los naturais. Posso refletir sobre as coisas que não possuo e considerar meu fardo singular, detestável e maldito.

Cada um de nós, de seu ponto de vista pessoal, tende a avaliar as desigualdades da vida pelo padrão de suas próprias necessidades, esquecendo suas bênçãos.

Mas, se consideramos as boas coisas que possuímos como direitos de nascença, de algum modo merecidos ou conquistados, devemos ser suficientemente coerentes para encarar nossas aflições como analogamente merecidas ou por nós provocadas.

Tão logo o homem encare toda a sua situação na vida como justa condição de nascença, e não apenas a parte aceitável, estará preparado para enfrentar seu Carma e superá-lo.

Como o homem é cuidadoso em proteger suas posses, para que não as perca por algum ato que justifique essa perda! Como se preocupa com a possibilidade de cometer algum ato ou deixar de fazer algo que desvie automática, lógica e justamente as bênçãos de sua vida para outros canais! No entanto, não percebe que as aflições, adversidades, fraquezas, e o fardo de sua vida podem ser transformados, transmutados e transcendidos do mesmo modo.

Vemos, assim, que as desigualdades da vida são cármicas e, em conformidade com a Lei do Carma, ajustáveis. E, assim, o destino do homem está *sempre em formação*, e somente ao próprio homem cabe a *responsabilidade*.

O curso total da vida humana *não* se resume numa só encarnação na Terra, em um corpo físico. Admitir isto ou acreditar nisto implica afirmar que os componentes do corpo físico (matéria) nunca deixam de existir, nunca *morrem*, nunca são completamente destruídos, mas a personalidade e a alma do homem surgem, manifestam-se durante algum tempo e, depois, cessam de cumprir suas funções.

Percebemos, claramente, que a existência da matéria é um ciclo contínuo de periódicas reformas, de expressões, nunca deixando de se manifestar, retendo sempre sua natureza essencial e renascendo em novas formas, em consonância com as imutáveis leis do universo.

A *personalidade* humana tem seu curso de existência, eterno e contínuo. Cada personalidade surgiu "no começo de toda a Criação", mas sempre existiu e existirá por toda a eternidade.

O curso da existência de cada personalidade é marcado por períodos definidos de renascimento num corpo físico (um novo meio de expressão).

Chamamos de *encarnação* a cada período de existência num corpo porque a personalidade ou alma faz morada na carne. As sucessivas encarnações são reencarnações ou renascimentos em corpos físicos.

De nascimento a nascimento, ou de renascimento a renascimento, tem-se um *período de evolução* para a alma ou personalidade. Este período pode ser dividido em duas fases: A *fase mundana* do renascimento à transição e a *Fase Cósmica* - da transição ao renascimento.

Podemos considerar a linha do curso de existência da personalidade deslocando-se eternamente para a frente em fases ondulantes.

A própria terminologia usada acima sugere leis e princípios. É extraída dos ensinamentos dos Rosacruzes, uma instituição mística das mais evoluídas em todas as épocas, cujo conhecimento das leis de Deus e das manifestações da Natureza é muito profundo.

9. CARMA E EVOLUÇÃO PESSOAL

O homem não é desencorajado ou desanimado, em sua busca da perfeição, por aprender pela experiência que existem certas leis imutáveis, universalmente estabelecidas. Nem é bloqueado, em sua determinação de alcançar as culminâncias de seus anseios, por descobrir que essas leis imutáveis são impessoais ou imparciais. O fato delas afetarem todos os filhos de Deus, independentemente de herança genética, posição social, poder econômico, ou harmonização divina, e inclusive todas as espécies de seres vivos, leva o homem a perceber nelas e por elas um princípio de verdadeira justiça.

Declara o místico que é a persistente demonstração das imutáveis leis da Natureza que prova a existência de uma Mente Infinita, um Poder Onipotente, motivado por Amor, Misericórdia e Justiça.

Indiscutivelmente, em todas as épocas, é a comprovação da operação dessas leis imutáveis que tem mantido ou sustentado a fé de milhões de pessoas na existência de alguma inteligência infinita equânime, justa, regendo todo o universo. E tem sido essa fé (convicção mesmo) que tem salvo o mundo da autocondenação e da autodestruição; e essa mesma convicção, que vem se tornando cada vez mais persuasiva graças aos testes e às demonstrações da Ciência e todos os aspectos da experiência comum, é que tem sido responsável pela oposição universal à verdade de certas doutrinas teológicas.

O homem está realmente se tornando cada vez mais religioso em seu modo de pensar e viver, e menos teológico. Isto é prejudicial a algumas igrejas, porém jubiloso para o Reino de Deus.

Quais são as leis *imutáveis* fundamentais? Primeiro, que matéria e energia são indestrutíveis. O fogo, a desintegração, a vontade do homem, e os decretos de Deus, podem modificar, alterar ou reorientar a manifestação e a natureza da matéria, mas nada pode destruir sua existência essencial. Energia (a essência fundamental, essencial, de todo poder), pode ser orientada e reorientada em seu curso de ação e manifestação, mas não pode ser destruída, assim como não pode ser criada. Sempre existiu e sempre existirá.

O homem conseguiu compreender tão bem esse princípio de imutabilidade que se apercebe de que mesmo o Mestre que originalmente concebeu e

decretou essas leis imutáveis, e as pôs em operação, com a "Palavra" (Logos), não pode agora suspendê-las, modificá-las ou anulá-las. Um só caso de suspensão, uma só demonstração de modificação, eliminaria a justiça universal dessas leis. No entanto, nem a história nem a tradição registram um único exemplo autêntico de alteração, mesmo das leis naturais menos poderosas.

Maravilhosa concepção no começo! Sistema, Ordem e Lei excelentes em equidade! Como crescem nossas esperanças e se desvanecem nossos temores na consciência de sublime justiça para todos os seres criados e vivos. Verdadeiramente, Deus foi justo e equânime no começo! Por que devemos duvidar de que Ele *ainda* seja justo?

Uma outra lei imutável é a de que *colheremos conforme tenhamos semeado*; a tendência de toda célula viva é a de reproduzir sua própria natureza e mais algum grau de progresso em sua evolução. Contra fatores adversos variáveis, deliberada interferência por parte do homem, e a influência do ambiente e de forças naturais desconexas, a tendência de todo ser vivo é de ser fiel à sua espécie, a ela revertendo, mesmo quando forçado por algum tempo, a aceitar modificações não desejadas.

Como princípio correspondente, temos o que é geralmente conhecido como a Lei de Compensação ou "Carma", como os místicos de muitas épocas atrás o denominaram.

O trabalho realizado por Luther Burbank só foi possível graças às leis naturais imutáveis. Combinando continuamente os elementos naturais, em conformidade com as leis da síntese, pôde o homem colher muitos testemunhos dessa lei. "Se, apenas uma vez, em qualquer parte do mundo, o homem colhesse laranjas de sementes de melancia, nossa fé em todo o esquema da vida seria destruída!", disse um eminente clérigo da Inglaterra, há muitos anos.

Se o homem descobrisse um só caso em que a Lei de Compensação, ou de ajuste automático, não se manifestasse em processos normais da Natureza, estaria justificado em perder toda a fé na infinita sabedoria da Mente Universal.

Um antigo filósofo, que era verdadeiramente um místico, expressou o maior princípio da Criação afirmando que todas as coisas "estão se transformando". A cada hora do dia toda coisa material está se tornando algo diferente. É a lei de mudança, movimento, vida.

Em todo o universo não há coisa alguma, hoje, que seja *nova* em

existência. Nada mais foi criado desde o começo, quando a "Palavra" instituiu todas as *coisas criadas*; e, como já dissemos, nada foi destruído ou será jamais destruído.

Tudo é incessante e *progressiva* mudança. Esta é a verdadeira lei de evolução. O místico sabe que o homem, como espécie, tem estado *evoluindo*, não de espécies inferiores, mas, de um grau menor para um grau maior de perfeição. No começo era a Palavra, e a Palavra se fez carne; e o homem, como espécie, foi concebido e criado simultaneamente com todas as criaturas vivas semelhantes a ele em algumas características. Mas o homem primitivo estava tão adiantado em relação ao macaco quanto o homem atual está adiantado em relação aos primitivos progenitores de sua espécie. Ele evoluiu mais rapidamente do que todas as demais espécies do reino animal devido a capacidades que as outras criaturas não possuíam.

Tudo o que parece "criação" é "recriação", evolução, mudança. Tudo o que parece destrutivo é apenas uma fase do processo de mudança construtiva; também é evolução. Portanto, tudo aquilo que tem sido imprecisamente chamado de *criação e destruição total* é realmente transformação. Aquilo que parece novo não passa de velha matéria, velho pensamento, velho espírito, velha vida, velho ódio, velho mal, velhos erros, em novas formas, novos surtos de *manifestação*.

Não há contradições nas leis da Natureza. Harmonia é o fator que associa todas elas em uma Lei: a Lei da Evolução.

Uma vez que não há destruição de matéria, energia, força, ou princípio, e nenhuma criação a partir de algo que não tenha sempre existido, "desde o começo", então tudo é eterno, imortal. Segue-se que mesmo o corpo do homem em seus componentes, o espírito vital em sua essência, e a alma do homem em sua consciência, são eternos, imortais.

Tem de existir uma lei de evolução (mudança), da qual resulte nova forma para a mente, o caráter, a personalidade e a alma do homem, assim como existe essa lei para o seu corpo físico.

Concomitantemente com a gradual e progressiva evolução do corpo físico do homem, no passado, deu-se a progressiva evolução de sua alma.

A alma no homem (ou a mente, a personalidade, ou o caráter, como preferamos designá-la) é a flor da Divina Criação, o ápice dos produtos da natureza. É inconcebível que a Natureza concedesse imortalidade, e a correspondente oportunidade para evoluir, à menor partícula de pó

inconsciente, e negasse o mesmo à alma do homem.

Já sugerimos que a alma presente no homem está associada à personalidade e é dotada de *mente consciente*.

Difícilmente se poderá refutar a afirmação de que o homem é um ser dual. Sem a menor preocupação com quaisquer filosofias, antigas ou modernas, podemos dizer, em palavras simples, que o homem, como entidade senciente, é um ser físico através do qual se expressa uma *personalidade*, individualidade, ou um caráter peculiar. Essencialmente, o homem é parcialmente físico e parcialmente não-físico; parcialmente material e parcialmente imaterial.

Nesta dualidade sentimos uma unidade de diferentes seres. O fato de que estamos justificados em encarar a personalidade ou alma do homem como um *ser espiritual* no interior de um corpo físico, é indicado pelas muitas experiências da vida totalmente independentes dos princípios expostos pela Psicologia.

As experiências comumente designadas como sonhos revelam, pelo menos, que o homem pode estar consciente de sua existência e do mundo sem qualquer participação das funções de sua consciência objetiva. Como quer que analisemos os sonhos e concluamos que eles resultem de inquietação por parte do cérebro ou da mente, persiste o fato de que a consciência do Eu, durante os sonhos, não é a mesma coisa que a autoconsciência que temos durante nosso estado normal de vigília, em grau ou em natureza.

Por outro lado, há ocasiões em que a *consciência* do Eu está adormecida ou entorpecida, enquanto o corpo físico está ativo e funcionando mais do que normalmente; como, por exemplo, quando se usa clorofórmio ou éter para insensibilizar a consciência, enquanto o corpo é mantido ativo mediante manipulação ou experimentação.

E há uma classe muito ampla de fenômenos frequentes representados pela experiência na qual a consciência de uma pessoa em profunda meditação parece deixar o corpo físico e, como um ente senciente, projeta-se no espaço e deleita-se em ambientes muito distantes do corpo físico. Nessas ocasiões, sempre se tem um claro sentimento da separação entre o Eu material e o imaterial.

Que é esse Eu Interior? A Teologia responde que é "a alma". A filosofia responde que é "a consciência do Eu". O místico sempre mais cauteloso e preciso do que o teólogo e o filósofo) responde: "É a personalidade ou Ego"!

Personalidade ou Ego é a consciência do corpo espiritual (a alma): É a parte do ser humano dual que vem evoluindo paralelamente à evolução do corpo físico. Assim como o corpo físico, gradativamente, assumiu uma posição mais ereta, expressão mais serena e forma mais refinada, também a personalidade (ou consciência da alma) desenvolveu um discernimento mais universal, um conhecimento mais íntimo de si mesma e consciência mais idealística de seu propósito na vida.

Esse desenvolvimento da consciência da *personalidade*, no homem, é convenientemente chamado de evolução pessoal. O objetivo dessa evolução é formar o caráter.

Todo sistema ético e moral do passado e do presente teve por objetivo formar ou aperfeiçoar o caráter. Mesmo os estágios primários de educação elementar contribuem muito (para o bem ou o mal) para a formação do caráter. Os gregos adotaram um sistema, que hoje está sendo revivido, de formação do caráter *antes do nascimento*, através das influências pré-natais da mãe.

Indiscutivelmente, a *educação* exerce a mais poderosa influência sobre o caráter, enquanto a religião, a ética e a moral (como códigos e credos) contribuem com um fator de refinamento.

Todo o ser racional, progressista, deseja desenvolver seu caráter a um grau de nobreza e perfeição em que ele seja, não somente um bem pessoal (garantindo dividendos bem definidos), mas um bem para a sua família, sua cidade e sua pátria.

Diz-se que *caráter é salvação*. Pelo desenvolvimento do caráter, o homem descobre a si mesmo e aprisiona suas capacidades latentes, ao mesmo tempo que apara as arestas grosseiras de sua natureza. Portanto, em verdade, neste sentido, a evolução do caráter é o caminho da salvação do fracasso e da ignomínia.

Caráter é Destino! Certamente, conforme estamos construindo o nosso caráter agora, estamos decretando nosso destino no futuro. A força da verdade desta afirmação dispensa desenvolvimento.

Cada experiência na vida, cada incidente conscientemente apreendido (e muitos de que não temos consciência), participam da evolução de nossa personalidade.

Não somos apenas *agora* o que *pensamos*, mas, seremos aquilo que resultar do nosso pensamento.

Estamos colhendo, a cada hora, a cada dia, conforme semeamos. A cada dia nos tornamos, física, mental e espiritualmente aquilo que fizemos de nós mesmos. Assim, estamos sempre decretando nossa salvação ou nossa condenação, independentemente das sutis influências da hereditariedade e de qualquer curso de vida predestinado.

O homem tem o poder de escolher. O livre-arbítrio é um fator fundamental de sua consciência altamente desenvolvida (evoluída). Mas, conforme a escolha, terá de suportar as consequências. A responsabilidade é *dele*. Conforme semear, assim há de colher; conforme se comprometa, assim terá de compensar; conforme exija, assim terá de pagar.

A vida do homem é uma batalha sem fim entre impulso e decisão. Inspirações cósmicas, divinas, oriundas da consciência *interior*, estão sempre competindo com tentações mundanas, materiais, grosseiras, do mundo exterior. O homem é motivado por impulsos; é livre para decidir e *tornar-se* aquilo que assim determina.

Eis o princípio, a verdadeira lei do fatalismo. A responsabilidade não repousa sobre alguma lei cega de ação e reação químicas, nem sobre um Deus ciumento e vingativo.

O homem pode estar cego para as consequências de suas decisões, e pode muitas vezes estar cego para o impulso que causa a necessidade de tomar essas decisões. Mas as *leis imutáveis* produzem um resultado direto de cada decisão, de cada ato. Assim como o homem escolhe (semeia), assim há de colher ou pagar. Esta é a Lei de Compensação.

Segundo esta lei, a Natureza, em todos os campos de manifestação, exige justiça, equilíbrio e compensação.

O homem compreende esta Lei há tanto tempo que muitas de suas próprias leis, mesmo entre raças e tribos primitivas, estão baseadas em observações de sua operação.

A manifestação da Lei de Compensação constitui a *grande escola de experiência*. Graças a essa escola, o homem tomou conhecimento de seus poderes e suas limitações, suas fraquezas e sua fortaleza, e de sua vantagem sobre todos os demais seres vivos.

Da infância à velhice, o homem aprende que seus maus atos são, essencialmente, um erro contra sua própria evolução, pelo qual ele terá de sofrer ou pagar. Aprende, também, que seus atos nobres, altruísticos, e seus pensamentos idealísticos, trazem recompensas justas.

Cada experiência do homem com a Lei de Compensação contribui para sua visão da vida, sua diretriz de conduta, seu código de pensamento. A memória de cada experiência (cada lição), persiste como uma pedra na estrutura do caráter que ele está construindo.

A personalidade (ou o caráter), por conseguinte, está se desenvolvendo desde a infância através de cada hora de existência consciente.

Assim, a alma do homem, a parte imaterial de seu ser dual, a consciência do Eu, é uma entidade em evolução, que os místicos chamam de *personalidade ou Ego*. E, devido à sua natureza, à sua associação com a parte imaterial do seu ser, *a personalidade é uma entidade espiritual, eterna, imortal*.

Os enunciados que se seguem não são apresentados como elementos componentes de uma mera doutrina, e, sim, como partes essenciais ou fases correlatas de uma Lei.

A Reencarnação, como doutrina, oferece uma explicação mais que satisfatória para a vida e suas tribulações, provas e compensações, devido ao fato de que ela não requer qualquer outra *suposição básica* além da que já é adotada por todos os cristãos e quase todas as demais formas de crença religiosa: a imortalidade da alma.

Por outro lado, ela não requer a aceitação, por mera fé, de qualquer princípio de-fatalismo, predestinação ou retribuição, atuando através de cega ação material ou de um Deus vingativo e ciumento.

Nem transfere a responsabilidade por nosso destino do átomo terreno para a divindade celestial, mas faz com que ela assente seguramente sobre o indivíduo.

Vejamos, então, o que significa a referida *suposição básica*.

A alma, com sua consciência ou personalidade, é *imortal*. Esta é a *suposição* ou o enunciado básico de todas as doutrinas cristãs e, praticamente, de todas as demais religiões.

Sustenta o místico que, se a alma do homem fosse algo criado, que começasse a existir pela primeira vez quando entrasse num corpo físico, então ela deixaria de existir (*morreria*) por ocasião da mudança de existência **dual** denominada *morte* ou *transição* (pois, se a alma do homem é imortal *após a morte*, há de ter sido imortal *antes do nascimento*).

As imutáveis leis naturais nos provam que é incoerente com o esquema global da Natureza supor, admitir ou crer que a alma que entra em cada novo

corpo seja criada pela primeira vez para esse corpo, vivendo eternamente daí em diante.

A ideia de que a alma é imortal *somente depois que deixa o corpo físico* é apenas metade da verdade, se considerarmos esta ideia como verdadeira. Aquilo que é imortal é e *sempre* foi imortal. A imortalidade não é uma característica ou qualidade que possa ser criada de um momento para outro e atribuída a alguma coisa para servi-la por um período de tempo indefinido. Se é imortal, deve tê-lo sido eternamente.

Além disso, se a alma do homem é um dom, ou uma dádiva do Cósmico, da Consciência Infinita, ou de Deus, deve ter a mesma essência ou natureza desse Deus Infinito (eternamente imortal). Devia existir "no começo" e deverá existir por toda a eternidade. Não pode haver criação periódica de *novas* partes ou novos segmentos da Consciência Divina. A ideia oposta é tão incoerente com todas as demais leis da natureza que a crença na mesma é abominável para o verdadeiro pensador.

Nossa única conclusão tem de ser a de que a alma do homem, com sua consciência do Eu, ou personalidade, é preexistente, imortal, eterna. Sempre existiu, mas está sujeita ao processo universal de mudança.

O corpo físico do homem, como vimos, atingiu seu presente grau de perfeição em aparência, forma, natureza e funcionamento, através de progressivos ciclos de evolução. Certos seres humanos (contando com vantagens de ambiente e experiência) aproveitaram melhor os ciclos de evolução física do que outras.

Em todas as linhagens diretas de descendência, nota-se que cada geração sanguínea; cada ciclo de renascimento físico do corpo, mostra o efeito da evolução física, *desde que más sementes não tenham sido plantadas*.

E, concomitantemente com esses ciclos de evolução (períodos de renascimento numa linha de descendência), a alma também evolui em ciclos de existência ao longo de uma linhagem direta.

Analogamente, a alma do homem, em cada existência, em cada reencarnação num corpo físico, manifesta o efeito de evolução mental e espiritual, *desde que más sementes não tenham sido plantadas*.

10. AGREGAÇÃO DE PERSONALIDADES

Por tudo o que foi dito nas páginas anteriores pareceria que, como o homem desenvolve uma personalidade claramente distinta ou modificada em cada encarnação terrena, constituindo essas personalidades um atributo da alma, elas proporcionariam a cada indivíduo uma agregação das personalidades antes desenvolvidas.

Em outras palavras, se ao entrar no corpo físico por ocasião do nascimento, a alma traz consigo qualquer vestígio da personalidade ou das personalidades que possuiu por força de encarnações anteriores, cada um de nós possui no presente, na encarnação atual, um agregado de personalidades ao invés de uma só.

A verdade é que cada um de nós manifesta precipuamente, em cada encarnação, somente uma personalidade, e é esta que está sendo evoluída no momento; mas essa personalidade em evolução é, indiscutivelmente, um agregado dos elementos essenciais das personalidades anteriores que a alma possui. Nisto assenta a única explicação lógica para a manifestação comum dos complexos que a psicanálise e a psiquiatria tentam distinguir ou separar em diferentes traços ou elementos do caráter.

Puramente como exemplo hipotético, suponhamos que temos de estudar criticamente um homem de negócios, de 45 anos de idade, que atingiu sua posição partindo de uma família modesta e de inteligência média. Suponhamos que sua escolaridade tenha sido obtida exclusivamente em escolas públicas, sem qualquer formação universitária e que, após ter entrado no mundo dos negócios e nele exercido várias funções, se tenha empregado numa firma onde dedicada aplicação, algumas habilidades especiais, lealdade e honestidade, lhe tenham granjeado promoções, até que, aos 45 anos, tenha sido alçado à posição de gerente geral. Agora é um homem casado, com dois filhos, uma ótima casa, boa receita, mente bem treinada, com as vantagens de algumas viagens e muita leitura e os benefícios de cultura e boa posição social, para lhe assegurar felicidade e paz para o resto de sua vida. E suponhamos, em nosso estudo desse homem que, embora ele não seja um extremista em pensamento religioso, dê apoio à sua igreja e a toda atividade humanitária, religiosa; que aprecie esportes ao ar livre; que seja conservador

e respeitável em seus hábitos pessoais e em sua linguagem; equilibrado e lógico em seu pensamento, seu raciocínio e suas atividades em geral; e dado a um ou dois passatempos para relaxação. De modo geral, ele não é nem um caso de estudo especial para o psicanalista, nem uma pessoa que deva ser posta de lado como isenta de complexos de qualquer espécie. Ou seja, ele é apenas um bem sucedido e comum homem de negócios, cuja personalidade e cujo caráter parecem ter sido abrandados pelas muitas experiências vividas, e cuja vida não é afetada por qualquer das emoções ou excitações momentâneas do dia; no entanto, tem revelado singular capacidade em muitos setores e nutre muitas convicções que nada pode inverter ou modificar. Para seus amigos íntimos, tem uma personalidade que é suficientemente distinta para ser reconhecida e discriminada de outras, mas há alguns elementos dessa personalidade que parecem estranhos à mesma ou, pelo menos, inesperadas variações.

Do ponto de vista daqueles que não acreditam na reencarnação, o caráter e a personalidade desse homem seriam exclusivamente resultado de sua educação, de seu treinamento e de suas experiências nos 45 anos da atual encarnação. Isto é, sua personalidade atual seria tão-somente aquela que se estivesse desenvolvendo durante esta encarnação.

De outro ponto de vista, essa personalidade é uma combinação e agregação dos elementos essenciais e mais fortes do caráter e da personalidade desse homem, de todas as suas encarnações anteriores. Em outras palavras, vamos supor que esse homem, em sua encarnação anterior, tivesse sido um soldado, e que grande parte de sua vida foi devotada a treinamento militar e a experiências militares, além de aprender algumas lições de vida através de separação de sua família, de falta de receita que lhe proporcionasse o conforto de que ele teria gostado de desfrutar na parte final de sua vida, e de outras experiências semelhantes. E vamos supor que, na encarnação precedente à de soldado, ele tivesse sido um médico, dedicado ao estudo de doenças e à prática de métodos que aliviassem enfermidades e sofrimento físico, e que, graças a esse treinamento e a essa experiência, aprendera lições de vida muito importantes, as quais, antes de concluída aquela encarnação, deixaram convicções indeléveis em sua memória, como elementos de sua personalidade. E vamos supor ainda que, na encarnação anterior à de médico, ele tivesse sido um agricultor em nível de província, em alguma região à margem do Mediterrâneo; e que, como tal, aprendera por

experiência muitas outras lições de vida, especialmente quanto a agricultura; pequena poupança; benefícios de esforço diligente e vigilância; valor de sacrifícios; e vantagem de economizar, bem como o prejuízo da falta de instrução e de oportunidade para aprimorar a mente e a habilidade manual em aplicações práticas.

Sem recuarmos ainda mais a possíveis encarnações precedentes, veremos agora que, a cada transição, esse homem trouxe em sua alma ou personalidade, certas lições vivamente aprendidas, ou extremamente bem aprendidas, que constituem, no presente, as pedras fundamentais ou os principais elementos de seu caráter e sua personalidade. Se encararmos essas lições marcantes de cada encarnação como regras ou normas de vida, escritas num livro como leis imutáveis pelas quais esse homem se regeria, verificaremos que, à medida que ele passou por cada encarnação e aumentou o livro do seu caráter, também acrescentou novas regras, leis, convicções e novos elementos de personalidade.

Quando ele deixou a vida de agricultor e, pela reencarnação, se tornou médico, encetou uma nova vida, com algumas das lições marcantes que aprendera como agricultor impressas, secreta mas indelevelmente, na natureza interior do seu próprio ser; e à medida que ele atravessou a infância e estudou medicina, esses elementos profundamente registrados de sua personalidade anterior se manifestaram sutilmente, atuando como controles ou diretrizes, ou tendências modificadoras, nas situações com que ele tinha de se defrontar diariamente. Talvez, como médico, ele às vezes estranhasse seu gosto íntimo pela agricultura. Talvez estranhasse, também, sua arraigada tendência a ser econômico, parcimonioso e previdente em suas despesas. Sem dúvida, não teria qualquer lembrança de ter assimilado esses princípios através de experiências de uma vida anterior. À medida que aprendeu novas lições, por força de sua profissão como médico, novas normas foram estabelecidas e novos elementos de personalidade foram adotados, de modo que as características rudes e incultas de sua vida como agricultor foram eliminadas, e, ao término de sua encarnação como médico, sua personalidade era uma combinação das principais características do agricultor e do médico.

Quando ele voltou à vida numa outra encarnação, como soldado, provavelmente percebeu, cedo, em sua juventude, que tinha gosto pelo estudo do corpo humano e desejava conhecer mais sobre os órgãos e o funcionamento das várias partes do corpo, ao mesmo tempo que,

ocasionalmente, pode ter surgido em sua consciência o conhecimento do que fazer em acidentes ou emergências, ou quando seu corpo ou o corpo de alguém estivesse sofrendo muito. Enquanto isso, pode também ter-se manifestado a tendência de querer estar em campo aberto, junto a pomares, ou a campos de trigo, ou a parreirais, ou em lugares onde houvesse agricultores trabalhando. Pode ter surgido em sua consciência o desejo de conhecer algo sobre extratos de ervas ou química, de modo que as pessoas diriam, provavelmente, que ele era um jovem de natureza ou temperamento estranho e estranhos gostos, nos estudos a que se entregava. Mas, após ele ter entrado no exército, ainda jovem, e após ter desenvolvido o gosto pelo treinamento militar e o regulamento militar, novos aspectos foram acrescentados ao seu caráter e à sua personalidade, de maneira que, quando chegou novamente a hora da transição, muitas lições de vida, novas e valiosas, haviam se estabelecido em sua personalidade como normas ou leis.

Por conseguinte, vemos que, quando esse homem renasceu, em sua encarnação atual, sua personalidade latente consistia apenas dos elementos arraigados, e ainda não despertados, de personalidades do passado. Se houvesse um modo de analisar seu passado ou perscrutar a personalidade latente em seu interior, quando ele tinha doze anos ou menos, verificaríamos que, na fase anímica do seu ser, sua personalidade era como um livro inacabado, em cujas páginas estavam escritos certos princípios e leis, para serem os fundamentos de sua personalidade atual. Teríamos constatado admiração pelos processos da natureza, instinto de economizar e poupar, habilidade para plantar e fazer plantas crescerem, desejo de adquirir mais conhecimento e mais recursos modernos, gosto pela química e botânica, sentimento de solidariedade para com pessoas que estivessem sofrendo, e capacidade natural para saber o que fazer para aliviar esse sofrimento, instinto de viver corretamente, de modo a evitar doenças, e, além disto tudo, amor inato à pátria, elevado grau de patriotismo e um instintivo horror a munições, armas de fogo ou conflitos físicos. Deste conjunto de elementos de caráter, que um especialista chamaria de complexos, gradativamente se desenvolveu, nesse jovem, o desejo natural de se engajar em alguma atividade construtiva, pacífica, equilibrada, moderna e prática, que não envolvesse destruição de vida, sacrifício de necessidades pessoais, impossibilidade de educação, e, ao mesmo tempo, favorecesse a manifestação de solidariedade e do desejo de ajudar pessoas que estivessem sofrendo.

Compreendendo então quais eram os elementos essenciais de sua evoluída personalidade e as leis fundamentais do seu caráter, não deveríamos ficar surpresos ao verificar que, ao passar de uma ocupação para outra, em sua atual encarnação, ele encontrasse satisfação em servir a uma companhia produtora de remédios feitos de extratos de ervas, para o alívio de problemas orgânicos. Em outras palavras, vemo-lo agora como gerente geral de uma firma que fabrica e vende extratos usados por médicos e bioquímicos na preparação de remédios para males orgânicos. Neste ramo, ele encontrou a possibilidade de estar em harmonia com todos os instintos de sua natureza e expressar todas as complexidades de sua personalidade. Não só encontrou felicidade em seu trabalho, mas revelou um raro grau de eficiência e habilidade em sua atividade.

Graças ao nosso estudo do passado desse homem, compreenderíamos porque, em sua encarnação atual, ele manifesta alguns caprichos ou gostos "esquisitos", como diriam seus amigos, e porque gosta de se afastar da agitada vida da cidade, com todo o seu brilho, seu barulho e suas nervosas atividades, e ir para o campo, onde haja lavoura e pomares, para meditar sobre as maravilhas da natureza. E também saberíamos por que ele gosta de escutar música militar e assistir a paradas militares, mas expressa a firme e inata convicção de que a guerra é uma coisa brutal e desnecessária. E, finalmente, entenderíamos porque, apesar de sua boa situação econômica, e da segurança de uma receita estável e certa, ele manifesta um estranho instinto de economia doméstica e insiste em comprar grandes suprimentos de alimentos básicos, estocando-os em casa, a despeito de que, hoje em dia, todos aqueles suprimentos podem ser prontamente adquiridos em mercados próximos. Estes e muitos outros traços de personalidade, que parecem incompatíveis com os de um moderno e conservador homem de negócios, seriam chamados de complexos pelos estudiosos do caráter, e classificados como *esquisitices* por parentes e amigos.

Assim, esse homem hipotético seria, hoje, um agregado de suas personalidades anteriores. Em suas convicções naturais, revelaria os princípios que se tivessem tornado ideias firmes através das amargas lições do passado. Em seus padrões éticos, praticaria as coisas que tivesse aprendido constituírem a melhor política e os melhores princípios. As fraquezas que esse homem demonstrasse representariam tendências que não tivessem sido modificadas pela experiência anterior e, portanto, não tivessem sido afetadas

por lições que houvessem trazido convicções e sólidos princípios. E ele persistiria nessas fraquezas, até que aprendesse, por experiência, o seu significado e efeito deletério em sua vida. Assim, aprenderia, ou a modificá-las ou a eliminá-las, a fim de que, ao término de sua vida, elas estivessem superadas ou, se ele as considerasse agradáveis e inofensivas, fossem mantidas como elementos de caráter desejável para o futuro.

Cada um de nós é, do mesmo modo, um agregado de nossas personalidades passadas. Nesta vida, servimo-nos das grandes lições e experiências do passado e as expressamos como elementos fundamentais do nosso caráter atual, ao mesmo tempo que, através de lições e experiências, estamos aprendendo novos princípios e assimilando novos elementos com que adornamos e modificamos, acentuamos, maculamos ou aprimoramos *a beleza do nosso caráter*: É esta a finalidade da reencarnação. Graças a seus princípios, somos levados a provar de todas as *taças da vida* e a aprender todas as suas lições. Por nossa própria vontade superamos as coisas más, eliminamos as que são prejudiciais, fortalecemos as boas, e assim aperfeiçoamos nosso ego e nos aproximamos da Consciência Divina e da imagem de Deus.

De nenhum outro modo pode a personalidade humana se desenvolver ou evoluir *num só período de vida* na Terra, mesmo que esse período seja de cem anos. Um período de vida seria insuficiente e inadequado, devido ao fator tempo, para permitir o desenvolvimento, a evolução, o aperfeiçoamento de uma personalidade; e, além do fator tempo, há os fatores de contato humano, ambiente, localização geográfica, ocupação diversificada e progresso da civilização. Aqueles que nascessem este ano e vivessem somente cem anos, que nunca tivessem vivido antes e nunca mais voltassem a viver, não poderiam evoluir ou desenvolver uma personalidade perfeita, dotada de conhecimento, experiência e compreensão universais, pois não teriam a devida apreciação do passado ao longo do qual se desenvolveu o homem, nem do magnífico desenvolvimento do futuro. Afirmar, portanto, que cada alma só *conta com um curto período de vida na Terra*, (isolado das experiências do passado, com suas valiosíssimas lições, e isolado das magníficas lições que seriam aprendidas no futuro) e em contato com apenas uma fase da humanidade, numa só nação e numa só época, e que esse período constitui tudo o que se faz necessário para um ser humano se desenvolver e para aperfeiçoar o caráter, é absurdo e ilógico, além de injusto.

Se, como seres humanos, deveremos ser, mais tarde, julgados pelo desenvolvimento e a perfeição final do nosso caráter, e por esse julgamento deveremos viver eternamente em paz, felicidade, alegria, ou tristeza, merecendo recompensa ou perene condenação, então é evidentemente injusto que devamos nascer apenas uma vez, em desvantagem e frustrados pelos erros de nossos antepassados e o grande pecado original de Adão, contando com apenas alguns anos, sob condições predeterminadas, para efetuar, em nossa vida e em nosso caráter, as mudanças que eliminariam todos os erros herdados e nos tornariam capazes de superar os erros atuais e estar prontos para o julgamento eterno.

Realmente, nenhuma finalidade seria cumprida com a entrada da alma num corpo físico apenas por uma encarnação de alguns breves anos. Portanto, sermos julgados por não termos alcançado uma perfeição impossível numa única encarnação é uma injustiça, de natureza tal que é incompatível com nossa crença na Divina bondade, no Divino amor e na Divina misericórdia.

11. O PONTO DE VISTA RELIGIOSO E BÍBLICO

Aqueles que hesitam em aceitar a doutrina da reencarnação geralmente afirmam que não há apoio para a mesma em qualquer religião ocidental. Os que pertencem a crenças cristãs são particularmente categóricos em afirmar que a Bíblia e as doutrinas cristãs, conforme propostas por Jesus, não contêm referências à reencarnação ou qualquer declaração que simplesmente tolere, e muito menos apoie a ideia da reencarnação.

Essas pessoas argumentam que algumas das religiões atuais do mundo ocidental (representando apenas uma minoria do pensamento religioso de todo o mundo) não apoiam a doutrina da reencarnação e, por isso, ela deve ser rejeitada. Segundo elas, as religiões modernas constituem o padrão pelo qual devem todas as demais ser apreciadas, de modo que as crenças dessa minoria devem suplantar as da maioria. Esta atitude é uma continuação da antiga atitude de intolerância para com as verdades defendidas por outrem. Mas estamos felizes em constatar que, há já alguns anos, o homem comum não está mais inclinado a se ater às doutrinas e crenças de seus antepassados. Ele busca a verdade e conhecimento, a despeito de sua antiguidade, de sua origem, ou do fato de ser incompatível com os credos e dogmas de uma minoria da civilização ocidental.

Porém, a convicção de que as religiões do Ocidente e a Bíblia cristã não apoiam a doutrina da reencarnação é desfeita por cuidadosa análise de fontes disponíveis de incontestável informação. Aqueles que até hoje tiveram a convicção de que as religiões ocidentais não contêm qualquer referência à reencarnação, ficarão surpresos com os fatos que vou revelar.

Antes de passar a fazer citações das versões autorizadas da Bíblia cristã, sinto que é apropriado explicar por que a doutrina da reencarnação não é geralmente reconhecida no Ocidente como crença religiosa quase universal. As duas maiores religiões do mundo ocidental, hoje em dia, são o Judaísmo e o Cristianismo. Esta última é, fundamentalmente, fruto da primeira. Eminentemente autoridades bíblicas e religiosas afirmam que muitos dos princípios teológicos do Cristianismo estão baseados em princípios místicos contidos nas filosofias religiosas do Oriente. No entanto, podemos seguramente afirmar que (exceto pelas novas e singulares doutrinas ensinadas

por Jesus) a maior parte da religião cristã é semelhante à judaica e, nesta, podemos facilmente encontrar muitos princípios de filosofias orientais que foram considerados razoáveis e úteis, e foram conservados pela igreja cristã durante o processo de desenvolvimento da religião cristã atual.

Para que alguém possa compreender perfeitamente todas as passagens da Bíblia cristã, nas versões autorizadas, é preciso que tenha alguma compreensão das crenças religiosas que eram aceitas pelo povo judeu na época das pregações de Jesus. Muitas passagens do Novo Testamento, e muitas referências feitas por Jesus a condições que prevaleciam ao Seu redor, são incompreensíveis. Os trechos do Novo Testamento que fazem alusão ao casamento, à separação do povo em classes, à maneira de orar, ou à doação de coisas materiais para se tornar humilde, não são plenamente apreciados pelos estudiosos da Bíblia, a menos que eles conheçam os costumes, hábitos e crenças dos hebreus na época em que essas afirmações alegóricas, morais e éticas foram feitas.

Quando os estudiosos da religião e da história judaica tomam conhecimento dos costumes e hábitos do povo à época da missão do Cristo, percebem que há muitos fatos interessantes relacionados com a vida do povo, suas crenças e práticas gerais que não são especialmente comentados, quer no Velho quer no Novo Testamento, porque eram tão normais e tão generalizadamente aceitos e reconhecidos, que os autores da Bíblia não consideraram necessário comentá-los. Em muitos pontos da Bíblia se faz alusão ao apedrejamento de uma pessoa até à morte. Nenhuma explicação é dada por qualquer dos autores da Bíblia quanto ao motivo de ser este o método de punição na Palestina, pois esses autores provavelmente acreditavam que em sua época, quando esses fatos estavam sendo escritos, todo mundo conhecia a história e o caráter universal daquele método. Quando alguém estuda a história da Palestina e tem a felicidade de visitar a região e conviver um pouco com o seu povo, compreende que, devido à abundância de pequenas pedras, ou seixos, por toda parte, e à facilidade com que uma multidão ou turba reunida em qualquer lugar se podia abaixar e rapidamente apanhar muitas pedras para atirar numa pessoa, era natural que essa prática de apedrejamento se tivesse tornado popular. Há outras referências na Bíblia a períodos do dia, períodos e estações do ano, condições climáticas, práticas sociais, costumes pessoais no lar, e outros fatos íntimos que não são comentados ou explicados em detalhe pela mesma razão.

Muitos detalhes importantes sobre a Crucificação de Jesus, o Cristo, não são apresentados nos vários relatos do Novo Testamento, simplesmente porque, na época em que esses relatos foram escritos, os autores sabiam que as massas estavam familiarizadas com tais detalhes, de modo que não havia motivo para que os comentassem em seus relatos e, portanto, trataram com detalhes apenas dos aspectos especiais desse evento histórico. Por exemplo, a forma exata da cruz, a maneira como ela foi feita, o modo como o corpo foi preso à cruz e esta foi erguida eram pontos que todos conheciam tão bem que parecia desnecessário comentá-los. Há milhares de faltas de detalhes semelhantes por toda a Bíblia, que hoje são muito importantes.

Devido a certos fatos não serem comentados na Bíblia não é motivo para o estudante acreditar que eles não ocorreram ou que o povo não os conhecia. Podemos talvez argumentar que pelo fato de não termos encontrado referência ao gelo em muitas obras antigas, isso não significa que a água em estado sólido não era conhecida dos povos da Palestina ou de outras regiões.

A pesquisa histórica e o conhecimento científico apoiam nossa conclusão de que o gelo talvez não tenha sido conhecido das massas, naquela época, no sentido em que hoje entendemos por "gelo". Mas, argumentar que a arte dentária não era conhecida porque não há referência na Bíblia a dentes falsos ou artificiais é cometer um grave engano, visto que a pesquisa demonstrou que, entre os antigos egípcios, essa arte era conhecida, já que foram encontradas muitas múmias com dentes artificiais. Analogamente, ninguém deve argumentar que nenhuma atenção científica ou higiênica era dada ao parto, simplesmente porque não há alusão a isto na Bíblia, e porque o mais importante nascimento que ela registra não traz detalhes quanto à atenção dada à mãe e à criança.

Sabemos agora que havia albergues para cuidar das mães na ocasião do parto e que mesmo as pobres eram voluntariamente assistidas por parteiras ou pessoas aptas a prestar assistência nessa ocasião. Somente porque os detalhes a este respeito foram omitidos com relação ao nascimento de Jesus, não é correto supor que Maria e Jesus não receberam assistência higiênica ou qualquer outra assistência profissional. Os autores do relato desse nascimento não estavam preocupados com os fatos que eram comumente reconhecidos como correntes e generalizados, e sim com os fatos singulares e especialmente importantes.

A doutrina da reencarnação era generalizadamente aceita ou

universalmente reconhecida entre os filósofos e místicos do povo hebreu, por ocasião do nascimento de Jesus e durante toda Sua vida, como veremos em trechos bíblicos que serão citados. Mas essa doutrina não era puramente religiosa, mais do que a doutrina ou os princípios associados à concepção da vida humana e ao nascimento do corpo humano, ou os princípios relacionados com a preparação de alimentos, a cura de doenças, ou a preparação do corpo para sepultamento. Esses princípios comumente aceitos e generalizadamente reconhecidos eram encarados, pelos autores da Bíblia, como de conhecimento universal, não sendo dignos de maior destaque nas escrituras do que os detalhes do plantio de sementes no solo, a tecelagem do algodão, a confecção de vestes e sapatos, ou as mil outras coisas que faziam parte do conhecimento, das práticas e dos costumes da época.

Há, no entanto, muitas referências na Bíblia cristã à doutrina da reencarnação, que são categóricas, definidas e indiscutíveis, mas estão associadas a outras afirmações, de modo tão casual que o leitor comum não as percebe. Mostrarei isto mais tarde, quando citar essas referências. Mas, para provar o quanto era universal a crença na reencarnação entre os judeus e os discípulos de Jesus, e até era convicção do próprio Jesus, passo a expor alguns dos pontos principais sobre a reencarnação, conforme entendida pelos judeus durante a Era Cristã. As mesmas crenças eram também sustentadas por povos do Oriente, porém, como a religião cristã e outras religiões ocidentais do presente foram derivadas da religião judaica, vamos nos limitar à apresentação da doutrina da reencarnação como os instrutores judeus a conheciam e ensinavam. Talvez seja esta a primeira vez que esta informação no tocante à reencarnação tenha sido revelada no mundo ocidental.

Creio que não posso fazer nada melhor do que citar as palavras exatas escritas por Moisés Gaster, Ph. D., Rabino-chefe da Congregação Judaica de Londres e Vice-Presidente da Real Sociedade Asiática, muito conhecido pelo que escreveu sobre vários aspectos da religião, das crenças e das práticas dos judeus. Os parágrafos seguintes são condensações de seus escritos, sem comentários. Lembre-se o leitor de que esta eminente autoridade está se referindo inteiramente a crenças e práticas religiosas judaicas, e de que ele está citando livros sagrados judaicos oficiais, como o Zohar, o Manasseh ben Israel e outros.

"A crença na migração (ou reencarnação) da alma pressupõe a existência da alma; e todo um sistema esotérico sobre a criação da alma, bem como a concepção de pecado e redenção, constituem os princípios fundamentais

sobre os quais essa doutrina deve necessariamente repousar. Deus é o Criador de tudo; portanto, almas são Sua criação. Essa criação concluiu-se ao término do sexto dia. No começo, as almas foram criadas.

O poder de Deus está assim limitado ao que Ele fez naquela ocasião. As almas criadas, então, eram limitadas em número, já que a criação fora apenas um ato limitado e tivera termo num período definido de tempo. Essas almas são criação de Deus e não qualquer emanção de Deus. Concebe-se que tenham existência individual; que vivam separadamente e plenamente cômicas de sua individualidade; que habitem as câmaras celestiais ou o paraíso, em extática contemplação da glória Divina; e que para aí lhes é permitido voltar ao término de sua peregrinação pelo mundo inferior. As almas dos que nasceram e dos que não nasceram, dos que já estiveram no mundo terreno e dos que nele ainda não estiveram, estão vivendo juntas nas câmaras celestiais ou no tesouro de Deus (vide Deuteronômio, 32:34)."

"Moisés, em sua ascensão ao céu, viu as almas dos grandes e piedosos, assim como daqueles que já tinham vivido na Terra e dos que aqui ainda iriam viver (entre outros, Davi e Aqiba). Nenhuma alma nova é criada para cada criança que nasce, visto que o número de almas é limitado. Por meio de seus atos deve o homem abordar a divindade, e toda a sua vida deve ser um longo e constante hino de louvor a Deus. O homem, porém, feito do pó da terra, não pode se alçar a essa perfeição a não ser que a Alma Divina o eleve e a Divina Lei o oriente para o alto, para o céu. Sua vida é uma luta constante entre as tendências grosseiramente materiais, inerentes à sua natureza terrena, e os sublimes impulsos espirituais de sua alma divina. Conforme o sentido em que ele se incline, sua alma se tornará mais ou menos contaminada pelo contato com a matéria; poderá perder cada vez mais o seu brilho e a sua pureza espirituais. Pois o homem é dotado de livre-arbítrio; é senhor de seus próprios atos."

"As almas foram criadas para um fim específico; devem entrar em corpos humanos; mas não lhes cabe escolher o corpo, o momento de nele entrar ou a hora de sair. Embora a alma esqueça a maior parte de sua existência espiritual ao entrar num corpo no mundo terreno, persiste uma sutil lembrança, uma imagem subconsciente, que é o princípio orientador do discernimento básico do bem e do mal. Assim, todo ser humano tem, em seu âmago, um padrão para o que é certo ou errado, outorgado à sua alma em sua existência premundana. No Zohar, a encarnação da alma é descrita da seguinte maneira:

Todas as almas foram criadas no começo de toda a Criação; quando não estão encarnadas, elas permanecem em celestial bem-aventurança e divina iluminação. Quando um corpo está sendo preparado para receber uma alma, a alma que precisa de certa experiência terrena é dirigida ou atraída para esse corpo, que lhe proporcionará essa experiência ou esse conhecimento. A Lei diz à alma: "Verás como o Senhor tem misericórdia de ti. Ele te deu Sua preciosa pérola, a Lei, para te ajudar neste mundo, a fim de que possas retornar purificada". Assim recebe a alma uma oportunidade de fazer compensação por seus pecados e se purificar, elevando-se mais um grau rumo à perfeição final."

"Começa então a alma a sua jornada na Terra. Deve esforçar-se para alcançar absoluto domínio do corpo e não se tornar sua escrava. Logo que entra no corpo, a alma é absolutamente pura, imaculada. E não se depara com o obstáculo do pecado original. O princípio sempre aceito é o de que "cada homem morre por seu próprio pecado", mas a fraqueza inerente à matéria logo se faz sentir, e tentações são colocadas no caminho da alma, pela inveja e o despeito de mentes malévolas, ansiosas por arrastá-la para o seu próprio nível inferior. Através de provas e tribulações deve o homem conquistar a coroa da eterna bem-aventurança. Um período é determinado para a redenção humana. Quando todas as almas assim tiverem sido purificadas por meio de sucessivas encarnações e tiverem alcançado a meta final da perfeição, o Reino do Céu será estabelecido na Terra. A maldade do mundo luta em vão para impedir o firme desenvolvimento ou desabrochar das almas em evolução e purificação. Essa maldade pode retardar o desenvolvimento das almas, porém não pode frustrá-lo indefinidamente. A alma que foi contaminada pelas experiências terrenas pode ser novamente purificada; os pecados cometidos podem ser expiados por compensação, de modo que aqui mesmo é proporcionado o meio para a alma conseguir sua purificação. A alma conserva sua própria consciência e é sensível a seus próprios fracassos; sente a amargura da punição e a tragédia de não lhe ser permitido ascender ao alto e apresentar-se diante de Deus em Sua Prístina Pureza. Após a transição, permanece num estado intermediário do mundo espiritual, aguardando oportunidade para se purificar e fazer compensação por seus pecados. Isto lhe é concedido pela reincorporação ou renascimento, e assim migra a alma de um corpo para outro. Pode ou não lembrar-se, em cada encarnação, de sua existência anterior. E essa migração prossegue até que todas as imperfeições

tenham sido eliminadas. Além disto, serve essa migração das almas a um outro propósito, mais elevado e mais direto: a Justiça de Deus."

"O grande problema que tem atormentado todos os tipos de crença religiosa é o seguinte: como conciliar com a Justiça de Deus a felicidade do pecador e as provas e o sofrimento dos bons e piedosos? Todas as religiões tentaram instituir uma doutrina que resolvesse esta questão. Algumas transferiram este problema para uma vida que continuaria após a morte, pela qual a alma permaneceria em associação com um corpo físico, a fim de que este sofresse os tormentos do inferno. Esta explicação foi, em última análise, um meio sutil de fugir a uma dificuldade, e não está propriamente livre de uma possível acusação de egoísmo. O mesmo não acontece com a crença na reencarnação da alma. Aqui, na Terra, à vista de todos, o pecador (seja ele quem for) tem de expiar seus pecados. Aqui ele tem de sofrer pelos males que praticou e aqui mesmo obter, por assim dizer, um passe para o Reino Celestial. Por este lento processo de purificação em sucessivas encarnações, o mundo inteiro se beneficiará e o progresso geral e o bem-estar da humanidade serão acelerados."

"Há, por assim dizer, sucessivas encarnações para cada alma preexistente, e para seu proveito foi criado o mundo. Simão, o Mago, declarou publicamente sua existência anterior, tendo sua alma passado por muitos corpos antes de ter alcançado aquele que era conhecido como Simão. A doutrina samaritana do *Taheb* ensina a mesma concepção de uma alma preexistente, como a que foi concedida a Adama, e que, através de sucessivas encarnações, em Set, Noé e Abraão, chegou a Moisés. Essa doutrina ensina também que não só o mundo é aperfeiçoado pelos renascimentos das almas, mas cada pecador expia gradativamente seus pecados neste mundo, nas novas existências em que sua alma reaparece. A alma do pecador pode entrar no corpo de um homem piedoso, que, por suas boas ações, elimine as impurezas que ainda estejam aderindo a essa alma, facilitando assim sua ascensão ao alto. Se uma pessoa verdadeiramente piedosa sofre, isto se deve exclusivamente aos pecados cometidos numa encarnação anterior, de modo que seu sofrimento não é um castigo por pecados cometidos *agora* e, sim, uma espécie de purgação dos maus atos de uma vida *anterior*. Analogamente, o pecador se beneficia dos bons atos que praticou numa existência anterior, e graças a isto pode prosperar agora, por algum tempo; porém, se continuar a pecar, consumirá todos os benefícios de sua vida passada e atrairá sofrimento

e punição, nesta ou em sua próxima encarnação."

"Há controvérsia quanto ao número de vezes que uma alma deve reencarnar até alcançar a perfeição. Acredita-se, geralmente, que o ciclo total de reencarnações é aquele em que a alma tenha cumprido todos os 613 mandamentos da Lei, condição necessária para que ela atinja a perfeição. Por meio da reencarnação, a alma cumpre a finalidade de sua criação - passar por existências humanas na Terra e elevar cada vez mais o homem, aproximando-o da divindade. Esta doutrina, constituindo uma justificativa dos atos de Deus para com os homens, é, ao mesmo tempo, uma fonte de consolo para o piedoso e de terror para o pecador. Reconcilia o homem com o sofrimento e as tribulações da vida e, simultaneamente, explica o significado oculto de muitas leis e cerimônias que parecem obscuras."

Esta citação nos dá uma excelente ideia das crenças gerais relativamente à alma e sua finalidade no mundo, conforme eram mantidas pelas massas em todas as nações do Oriente. Essas crenças estavam firmemente estabelecidas na mente da maioria dos homens e mulheres na época de Jesus e, assim sendo, podemos compreender melhor as muitas alusões feitas à doutrina da reencarnação na Bíblia cristã. Num capítulo posterior farei referência a alguns dos pontos específicos esboçados no quadro aqui apresentado para as crenças judaicas.

12. REFERÊNCIAS CRISTÃS

Àqueles que são devotados à religião cristã e que julgam qualquer doutrina moral, ética ou religiosa por sua compatibilidade com os livros da Bíblia Sagrada, dirijo agora minha atenção.

Num critério de justiça para com o tema, rogo a esses devotos cristãos que assumam atitude tolerante e liberal, e considerem os seguintes comentários com o mesmo grau de leal e justa interpretação que esperam quando outros questionam suas crenças e seus princípios de fé.

Como foi mencionado no capítulo anterior, há muitas passagens da Bíblia cristã que, direta ou indiretamente, fazem referência à reencarnação, e mesmo Jesus, o Cristo, se referiu a essa doutrina de um modo que não deixa dúvida quanto à sua familiaridade com a mesma e de que acreditava nela. O fato dessa doutrina não ser comentada em explicada em detalhe na Bíblia, não é motivo para se concluir que não era uma doutrina popular, ou que não era aceita por Jesus e Seus Discípulos.

A doutrina da reencarnação não mereceu lugar de destaque na grande mensagem que Jesus trouxe ao mundo, e não houve necessidade de que fosse apresentada em detalhe nos escritos dos Apóstolos ou dos grandes Profetas, do mesmo modo que muitas outras convicções e crenças filosóficas universalmente aceitas.

Nada há na doutrina da reencarnação que não seja compatível com as doutrinas expostas por Jesus, ou com a vida que Ele levou. Mostrei, nos capítulos anteriores, que a doutrina da reencarnação era universalmente conhecida e aceita pelo povo judeu, e Jesus também sabia deste fato. A crença na reencarnação, porém, não poderia impedir que alguém aceitasse a nova mensagem de Jesus, e não havia motivo, portanto, para Ele criticar, modificar ou comentar essa doutrina, durante Sua obra missionária.

Tudo o que Jesus disse a respeito da *alma* do homem e de sua redenção e salvação, não conflita em nada com os princípios fundamentais ou as grandes verdades da reencarnação.

O cristão comum acredita que, *em algum ponto* da Bíblia, e *em algum ponto* das palavras atribuídas a Jesus por Seus Discípulos, há alguma declaração relativa à alma no sentido de que, quando da transição, a alma do homem se separa do corpo físico e se eleva ao Reino Espiritual, e *ali*

permanece em inconsciente bem-aventurança ou paz, aguardando o dia do Juízo Final. Esse cristão também acredita que Jesus, ou Seus Discípulos, afirmaram categoricamente que *a alma do homem, após a transição, permanece eternamente num reino espiritual*, e que o dia do Juízo Final virá quando todas as almas tiverem passado pela transição e estiverem todas prontas para serem julgadas, ao mesmo tempo. Se estas afirmações atribuídas a Jesus estivessem realmente expressas na Bíblia, certamente pareceriam incompatíveis com a doutrina da reencarnação. Mas o fato é que tais afirmações não foram feitas por Jesus. A ideia de que a alma do homem deixa o corpo físico por ocasião da transição *para viver eternamente num reino espiritual*, aguardando o dia do Juízo Final, é uma doutrina que *foi acrescentada à fé cristã, muito depois da vida de Jesus*, e que não está baseada em qualquer coisa que Ele tenha dito. De fato há referência ao *Juízo* e à permanência da alma num Reino Espiritual, bem como à avaliação suprema e final de nossos erros, porém, não há qualquer afirmação no sentido de que cada indivíduo não possa viver *muitas encarnações antes do momento do Juízo Final*. A doutrina da reencarnação inclui o advento de um Juízo final, e explica *como e por que* recebemos oportunidades para nos prepararmos para esse Juízo. Mas nenhuma razão pode ser encontrada nos ensinamentos originais de Jesus para justificar a crença de que, quando da transição, cada alma, de cada indivíduo, passa para um Reino Espiritual, ou qualquer reino, onde deve permanecer até ao fim dos tempos aguardando o dia do Juízo Final.

Se o cristão, ou o estudioso da Teologia cristã, puder honesta e corajosamente eliminar de sua consciência e de suas crenças categóricas a ideia de que a alma do homem, após a transição, passa a um lugar ou estado em que deve permanecer até ao fim dos tempos, então, não terá dificuldade para aceitar a verdadeira doutrina da reencarnação.

Deve-se notar que estou fazendo distinção entre as doutrinas cristãs ensinadas por Jesus e propagadas por Seus Discípulos e as doutrinas cristãs que foram *instituídas por acordo* em concílios da Igreja, em séculos *posteriores*. Francamente admito que as doutrinas cristãs atuais, como são ensinadas nas igrejas cristãs comuns, não permitem a aceitação da doutrina da reencarnação. Mas essas doutrinas *não são as doutrinas originais de Jesus, o Cristo*. Não estou tentando criticar a virtude ou a validade das doutrinas assim adotadas, mas afirmando que elas incluem certas crenças que agora são

contrárias à reencarnação; mas são também contrárias a outros trechos da Bíblia, como demonstrarei por citações. Em outras palavras, é possível uma pessoa ser um cristão devoto, um sincero seguidor do Senhor Jesus, o Cristo (o Salvador do homem e uma das pessoas da Santíssima Trindade) e, ao mesmo tempo, aceitar a doutrina da reencarnação. Hoje em dia, há centenas de proeminentes clérigos cristãos e defensores do cristianismo na América do Norte que acreditam firmemente na doutrina da reencarnação e não consideram esta doutrina antiga incompatível com qualquer coisa ensinada por Jesus ou demonstrada em Sua vida.

Dando início à nossa pesquisa ou investigação bíblica, consultemos o Velho Testamento, para apreciar apenas uma das muitas passagens que claramente indicam a crença popular no sucessivo renascimento do homem. Consideraremos a última parte do Capítulo 33 do Livro de Jó. A partir do Versículo 27, temos, claramente expressa, a crença no arrependimento e na redenção. Vemos que é indicada a ideia de que, se um pecador confessar seus pecados no momento da transição (ou ao sentir que sua vida terrena está prestes a findar) há de se salvar do castigo futuro e redimir sua alma da cova das trevas. No Versículo 28, lemos que esse pecador contrito "livrará sua alma de ir para a cova, e sua vida verá a luz". No Versículo seguinte, temos os princípios da reencarnação ou do renascimento expressos nas seguintes palavras: "Eis que tudo isto é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem". No Versículo 30, há mais uma explicação do Versículo 29: "Para desviar a sua alma da perdição e o alumiar coma luz dos viventes".

Combinando-se estes três Versículos, não há possibilidade de equívoco de tradução ou interpretação. O *resgatar-se a alma da cova para a luz dos viventes* só pode ter um significado. O uso da palavra *cova* para designar os antigos locais de sepultamento é bastante comum no Velho Testamento. Às vezes ela é usada como referência ao submundo ou Hades. O emprego desta palavra para indicar sepulcro ou lugar dos mortos ocorre em Ezequiel, 32:33, Isaías, 38:18, e também no Versículo 18 do Capítulo 33 de Jó, onde vemos a expressão *da cova* associada à morte. Portanto, ser redimido *da cova*, resgatado para "a luz dos viventes", e a afirmação de que isto ocorra "duas e três vezes para com o homem", tudo isto só pode significar o renascer após a morte e *receber novamente vida entre os viventes*.

As ideias expressas nestes Versículos se refletem em muitos Versículos de ambos os Testamentos, como, por exemplo, no Apocalipse de S. João (112):

"A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, *e dele nunca sairá*".

Quando começamos a analisar o Novo Testamento, vemos que as mesmas ideias eram nutridas pelo povo.

O fato de que Jesus conhecia a doutrina da reencarnação e a lei de compensação é evidente em muitas de Suas palavras. Seria perda de tempo ficar citando todas as asserções de Jesus a seus Discípulos neste sentido; vou citar uma que é típica. No Evangelho de S. João, do Versículo 2 ao Versículo 4, temos um incidente interessante, que trata da reencarnação e da lei do carma. Nessa ocasião, passava Jesus pela estrada, com seus Discípulos, quando encontrou um homem que era cego de nascença. Os Discípulos viram nisto uma oportunidade de aprender mais alguma coisa sobre a Lei do Carma e a causa do sofrimento humano; despertaram então a atenção de Jesus para o cego e perguntaram:

"Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego"? Jesus respondeu: "Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus".

Notamos que os Discípulos claramente afirmaram que *o homem nascera cego*, e, portanto, eles estavam perplexos quanto à causa de sua cegueira. Se a sua cegueira tivesse ocorrido mais tarde na vida, por causa de acidente, lesão, doença, mau trato dos olhos, ou qualquer das muitas causas de cegueira, não teria havido problema quanto a esse caso. Convém frisar que os Discípulos queriam saber se o próprio cego havia pecado, ou seus pais. Se os pais tivessem pecado, uma doença ou um acidente poderiam ter sido responsáveis pelo fato de o homem ter nascido cego; mas, de que maneira poderia o próprio homem ter pecado, de modo a provocar cegueira, *antes do seu nascimento*? Só tendo pecado *numa vida anterior* e assim provocado sua própria cegueira, como uma condição cármica. Nenhuma outra interpretação pode ser dada a esta pergunta dos Discípulos. E devemos notar, também, que os Discípulos fizeram sua pergunta sem hesitação e aparentemente sem timidez. A pergunta é feita como se fosse comum, muito natural, e sua própria natureza indica que os Discípulos estavam perfeitamente familiarizados com as Leis do Carma e do Renascimento, e sabiam que Jesus conhecia o Renascimento e o Carma como leis universais.

Notemos também que a resposta de Jesus não é uma repreensão pela pergunta feita, nem uma crítica às crenças dos Discípulos, e não ignora os

pensamentos que passaram pela mente dos Discípulos e provocaram a pergunta. Jesus aceitou o conteúdo implícito da pergunta e respondeu que nem o homem nem seus pais haviam pecado, mas que aquela condição havia ocorrido ao homem para que Deus pudesse ensinar uma lição e manifestar um princípio. Certamente, esse único incidente seria suficiente para mostrar que Jesus e Seus Discípulos estavam perfeitamente familiarizados com as doutrinas da reencarnação ou do renascimento e do carma, e que não havia nada incompatível com os ensinamentos de Jesus em qualquer destas doutrinas; do contrário, Jesus teria corrigido imediatamente Seus Discípulos por expressarem ideias como aquelas e os teria repreendido por tais pensamentos errôneos.

Por todo o Novo Testamento, vemos que Jesus nunca perdeu uma oportunidade de corrigir Seus Discípulos ou repreender qualquer um deles que expressasse incorretamente uma lei universal ou afirmasse um princípio falso.

No Capítulo 3 do Evangelho de S. João, Versículos 3 a 9, temos um outro incidente que claramente se refere ao renascimento da alma. Aqui Jesus está dizendo como é importante o homem renascer, para que possa entrar no Reino de Deus. Nada afirma quanto ao número de vezes que um homem precisa renascer para purgar o seu ser dos erros e alcançar a purificação que propiciaria sua admissão ao Reino Espiritual. Mas lemos no Versículo 8, do mesmo Capítulo, que o espírito, ou a alma do homem, virá e partirá como o vento, e ninguém poderá dizer de onde nem para onde. Tudo isto é uma afirmação alegórica do nascimento e renascimento da alma, bem como de todo o processo de purificação e redenção.

Uma outra referência à reencarnação, muito citada, encontra-se no Capítulo 9 do Evangelho de S. Marcos. A partir do Versículo 11, vemos Jesus novamente discutindo, confidencialmente com Seus Discípulos as doutrinas importantes sobre a vida. Como de hábito, os Discípulos estavam fazendo perguntas e Jesus respondendo à Sua maneira. Eles Lhe perguntaram por que os escribas diziam que Elias deveria vir primeiro. Jesus respondeu-lhes dizendo que, em verdade, Elias viria primeiro e restauraria todas as coisas, mas acrescentou que Elias *já viera*. A pergunta sobre a vinda de Elias referia-se ao seu renascimento, à sua volta. No Versículo 12 do Capítulo 17 do Evangelho de S. Mateus, a resposta de Jesus é ligeiramente modificada de modo a incluir o fato de que, embora Elias tivesse realmente voltado, como

se esperava, o povo não o reconheceria e, portanto, não acreditara nele e o maltratara. Em todas as referências a Elias, nos quatro Evangelhos, vemos que seu renascimento era esperado. Em nenhum momento Jesus corrigiu Seus Discípulos por expressarem essa ideia, mas, pelo contrário, respondeu às suas perguntas e observações com perfeito assentimento dos princípios de reencarnação implícitos.

Essa referência ao renascimento de Elias pode ser encontrada numa outra notável confirmação bíblica da doutrina da reencarnação. Refiro-me ao famoso evento registrado por Mateus, Marcos e Lucas. Passando ao Capítulo dezesseis de Mateus, vemos que, quando os Discípulos estavam novamente a sós com Jesus, o Mestre levantou a questão da atitude do povo para com Sua vida e Sua missão. Ele sabia que o povo tinha esperado o renascimento de Elias, e que todo o grande avatar ou filho de Deus era considerado um *Filho renascido por Divino decreto*. Por isso, Jesus perguntava, dentre os esperados renascimentos de Homens Santos, quem é que o povo pensava que Ele era. Assim, voltou-se para os Discípulos e perguntou: "Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" Ou, em outras palavras: "Agora que Eu estou sendo discutido e comentado como o Messias, quem diz o povo que Eu sou, já que Sou filho de ser humano e estou fazendo esses chamados milagres e proclamando essas novas doutrinas? Em suas conversas e suas reuniões privadas, quem dizem as pessoas que Eu realmente Sou?" Esta pergunta não pode se referir a outra coisa senão à tão comumente discutida questão do renascimento, da reencarnação. O povo acreditava que Ele era filho de ser humano, que José era Seu pai ou O havia adotado, de modo que não havia dúvida, em sua mente, quanto a quem era Jesus *em sua forma física* ou linhagem hereditária. Além disto, Jesus não haveria de se preocupar com estes assuntos e nunca teria feito uma pergunta tola como, "de quem pensa o povo que Eu sou Filho?"

Examinemos agora a resposta, como consta do Versículo 14. Os Discípulos responderam dizendo: "Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas". Cabe observar que a resposta dos Discípulos referia-se a pessoas cujo *renascimento fora predito*, que se esperava renascessem, e pelas quais o povo ansiava como líderes ou *profetas renascidos*. Essa resposta dos Discípulos é uma perfeita expressão de sua crença no renascimento, e um reflexo da crença generalizada na reencarnação.

Nessa ocasião, Jesus teve ensejo de reprovar ou corrigir Seus Discípulos por expressarem o princípio da reencarnação, mas não o fez. Pareceu concordar com essa crença, como fez em todos os outros momentos em que o princípio da reencarnação foi expresso em Sua presença. Sua própria resposta aos Discípulos representa aceitação do que eles haviam declarado, bem como do princípio implícito. Pois, voltou-se Ele para os Discípulos e perguntou: "E vós, quem dizeis que Eu sou?" Em outras palavras, perguntou-lhes, após terem estado associado a Ele, ouvindo Suas doutrinas, e tendo aprendido o segredo de Sua missão e Seu papel na vida, quem entendiam os Discípulos que Ele era. Foi então que Simão Pedro deu sua famosa resposta: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo".

Jesus aceitou esta afirmação e ordenou aos Discípulos que mantivessem Sua divina identidade secreta, deixando que o povo O encarasse como uma das grandes personalidades anteriores, como preferia fazer. O mesmo incidente é relatado, quase com as mesmas palavras, no Capítulo 8 do Evangelho de S. Marcos e no Capítulo 9 do Evangelho de S. Lucas. O fato de esse incidente ser relatado na mesma terminologia, com as mesmas ideias, por três dos evangelistas, prova que não se trata de um incidente de pouca importância e que nenhuma "expressão acidental" de pensamento poderia ter sido responsável pelos princípios implícitos.

Como mais uma indicação da crença popular no renas cimento das pessoas, há no Capítulo 9 de S. Lucas, a partir do Versículo 7, outro incidente interessante. Neste caso, Herodes ouvira falar da obra maravilhosa que estava sendo realizada por Jesus e sentia-se perplexo porque era voz corrente que esse novo grande instrutor não era outro senão *João ressuscitado*, embora houvesse quem afirmasse que era Elias, ou um dos profetas antigos, que voltara à existência na Terra para desenvolver atividades em mais uma encarnação. Certamente, dado que os governantes do país e o público em geral nutriam essa crença, e a discutiam com Jesus e Ele não os corrigia, mas respondia às suas perguntas com solidária compreensão de sua crença na reencarnação, não podemos afirmar que essa doutrina fosse desconhecida, *ou nova*, em Sua época.

Tomando estas citações como exemplos típicos, vemos que, por um lado, em nenhum ponto das palavras de Jesus, conforme constam da Bíblia, há qualquer observação de Sua parte que seja incompatível com a crença na doutrina da reencarnação, ou qualquer afirmação de que o homem deva nascer apenas uma vez, ou de que após a transição ele nunca retorne a Terra;

e, por outro lado, muitas citações mostram que Jesus e Seus Discípulos acreditavam no renascimento do homem na Terra. Assim, somos forçados a entender que aqueles que fazem objeção à doutrina da reencarnação com base em sua alegada incompatibilidade com crenças cristãs, estão desorientados pelas declarações de líderes cristãos modernos, que não podem encontrar autoridade para essas declarações em coisa alguma que Jesus tenha dito.

Voltando ao caso em que os Discípulos perguntaram a Jesus: quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?", cabe chamar atenção para o fato de que era perfeitamente entendido, entre os judeus, que os erros cometidos numa encarnação anterior causariam algum tipo de punição na vida seguinte. Seja-me permitido citar novamente um parágrafo da doutrina judaica da época:

"Se uma pessoa verdadeiramente piedosa sofre, isto se deve exclusivamente aos pecados cometidos numa encarnação anterior - uma espécie de purgação dos maus atos de uma vida anterior". Este trecho faz parte dos escritos do eminente Rabino que já mencionei neste livro. E foi este ponto que suscitou aquela pergunta dos Discípulos de Jesus.

Certamente não há motivo para cristãos devotos sentirem que a doutrina da reencarnação, como é apresentada neste livro, é incompatível com os princípios fundamentais do verdadeiro cristianismo, ou contrária a qualquer coisa que Jesus tenha ensinado ou em que Seus Discípulos acreditassem. Nas poucas citações já feitas, temos prova suficiente da aceitação da doutrina da reencarnação por Jesus e Seus Discípulos.

Se as igrejas cristãs posteriores, ou a moderna religião cristã, modificaram os ensinamentos originais de Jesus, ou introduziram novas doutrinas, contrárias às de Jesus, nenhum verdadeiro cristão deve pensar que é obrigado a aceitá-las simplesmente porque elas contam com a aprovação de autoridades religiosas modernas. Tanto é assim que, muitas das modernas luzes do cristianismo e dos modernos líderes do pensamento cristão, têm aceitado a doutrina da reencarnação e publicamente afirmado que essa doutrina é a única explicação justa para as leis universais da vida.

A doutrina da reencarnação, conforme exposta neste livro, não elimina a Redenção, a Salvação, e o julgamento final de nossos erros, nem despreza qualquer dos princípios básicos que Jesus ensinou ou que constituem pedras fundamentais da religião cristã. Devotos cristãos que são sinceros e tolerantes em seu estudo dos princípios cristãos, e que estão sinceramente se esforçando

para entender melhor sua religião, encontrarão nesta doutrina uma valiosa ajuda para a compreensão da vida. Os obstinados e preconceituosos simplesmente fecharão os olhos às afirmações deste capítulo do meu livro, e tentarão refutar a interpretação das citações que fiz, acreditando que elas ocultem outros pensamentos ou outras ideias, que nós não entendemos. Portanto, não tentarei mais provar que a doutrina da reencarnação é compatível com as crenças e os ensinamentos de Jesus. As pessoas inteligentes e razoáveis devem estar perfeitamente satisfeitas; as outras, nunca poderão ser convencidas, seja qual for o argumento racional.

13. A ALMA ABSOLUTA E OS CICLOS DE ENCARNAÇÕES

Nas páginas precedentes deste livro, foi dito que existe somente uma Alma por todo o universo, e que essa Alma é a Consciência e a Suprema Essência de Deus. Foi também dito que as chamadas almas individuais dos seres humanos não são almas separadas, independentes, *mas, partes inseparáveis* da Alma Universal, nunca perdendo sua associação ou seu contato com a Consciência de Deus e a Essência Divina que constituem a energia essencial de vida. Como estes fatos podem ser novos para muitas mentes ocidentais, parece apropriado, neste ponto, ampliar essas ideias pelo uso de diagramas esquemáticos e símbolos, a fim de esclarecer melhor as leis fundamentais envolvidas nos princípios propostos nesta obra.

A ideia de que existe *uma só Alma* no universo, e de que essa Alma é a Consciência e Essência Vital de Deus, não deve surpreender qualquer estudante sincero de literatura sagrada; nem há de ser surpreendente para aqueles que fizeram um estudo profundo das leis fundamentais da biologia e da ontologia.

Se Deus é o Criador de todas as coisas, e se de Sua Consciência e Suprema Essência emanam toda a consciência e toda a vitalidade, então, toda a consciência do universo e toda a energia essencial de natureza criativa, viva, deve necessariamente ter *uma fonte central, Divina*, e deve ser contínua e uniforme por todo o universo.

Um só instante de reflexão há de revelar que é muito mais difícil pensar que Deus tenha criado, de Sua Consciência e Essência, milhões e milhões de almas individuais, cada qual com sua individualidade e existência distintas, do que pensar em uma única essência universal e em uma única alma universal. Conceber qualquer meio de manter entidades individuais da mesma essência anímica, da mesma Consciência Divina, sem que elas tendam a se unir e se fundir em *urna essência e uma consciência*, é realmente uma coisa muito difícil.

Deus, o Criador de todas as coisas, é o Pai de todas as criaturas por Ele feitas à Sua semelhança. Não podemos conceber que os filhos terrenos de um mesmo pai humano, tenham energia vital e natureza sanguínea tão distintas que a mesma essência não esteja em cada um deles. No caso da essência

anímica, porém, estamos tratando de uma energia sutil, transcendental, presente em todo o espaço e que não pode ser isolada ou confinada em qualquer envoltório, de modo que não podemos conceber que essa essência esteja numa forma humana sem ao mesmo tempo estender-se para além dessa forma e estar em contato com a mesma essência presente em todas as demais formas humanas.

Quando as escrituras sagradas dos orientais e mesmo dos cristãos falam da alma do homem, não sugerem necessariamente uma *alma separada, individualizada*, mas, a *Essência Anímica e Consciência Anímica* de Deus, presente no homem. Cada um de nós tem *alma*, mas não *uma alma*, no sentido de que haja em cada uma *algo separado de todas as outras almas* de seres humanos.

Para ilustrar o princípio, ou a lei aqui implicada, recorro à ilustração familiar da eletricidade usada comumente em iluminação.

Na Figura 1, na parte superior do desenho, mostro os fios passando de lâmpada para lâmpada, sem interrupção na ligação das mesmas (exceto quanto às lâmpadas B e J). As lâmpadas, A, C, D, E, F, G, H e I, são de vários tipos que podem ser usados. Algumas são pintadas, em diferentes cores; outras são bem pequenas e irradiam muito pouca luz; outras são grandes e muito luminosas; algumas são longas, outras são curtas.

A eletricidade que flui por cada uma dessas lâmpadas, fazendo com que cada uma delas esteja "viva", irradiando luz, não é interrompida em sua continuidade ou em sua corrente por todas as lâmpadas ligadas. A eletricidade que dá vida ou luz a essas lâmpadas passa por cada uma delas e entra na seguinte, e assim por diante. A corrente elétrica, portanto, em cada lâmpada, pode ser entendida como a essência anímica da lâmpada, e, embora possamos dizer que cada lâmpada tem *sua própria eletricidade*, que está utilizando, não podemos encarar a eletricidade de cada lâmpada como *algo separado ou distinto da eletricidade presente em todas as outras lâmpadas*. Apenas uma parte do circuito elétrico se faz presente em cada lâmpada, mas *todas as partes estão unidas* num circuito contínuo. Mesmo que tiremos uma das lâmpadas do circuito, como indicado em B, a eletricidade chegará ao ponto ou local de entrada nessa lâmpada e passará para a seguinte. A lâmpada pela qual não passa mais a corrente elétrica está agora *sem vida, sem luz*.

Na parte inferior da Figura 1, comparo a essência e consciência anímica universal com a corrente elétrica. Os círculos pontilhados, assinalados com

A, B, C, D, E, F, G e H, na parte inferior do desenho, representam corpos físicos humanos, e a linha contínua superior representa a Essência Anímica e Consciência do Universo, com partes descendo e passando por cada um dos corpos físicos. Logo vemos que essa Divina Consciência e Essência, chamada Alma, não está dividida em segmentos *individuais, separados*, nos diversos corpos físicos, mas, passa por cada corpo nele se manifesta, proporcionando-lhe vida, a mesmo manifestando-se ao mesmo tempo nos outros corpos físicos. Enquanto uma parcela da Alma se encontra num desses corpos físicos, manifesta consciência, vida e inteligência, nesse corpo, de modo que, sem essa *Essência Anímica*, o corpo físico não teria vida nem inteligência ou consciência. O círculo pontilhado, B, representa um corpo físico após a transição, quando a essência anímica e a consciência dele se retiraram, deixando-o sem vida e inconsciente.

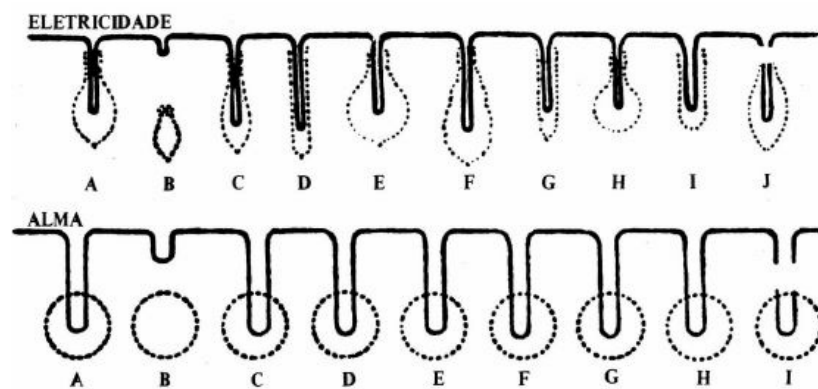


Figura 1

As lâmpadas não são luzes elétricas até que a eletricidade se manifeste nelas e através delas. Quando compramos uma lâmpada numa loja e a levamos para casa, nada mais temos do que algumas substâncias da terra, modificadas por processos científicos e reunidas de modo a formarem o corpo da lâmpada, pelos fabricantes de dispositivos elétricos. Não podemos chamá-la de *luz*, já que não irradia qualquer luz e, portanto, não tem vida, é inútil e sem qualquer valor, enquanto não está ligada à corrente elétrica. No instante em que a colocamos num bocal ou em qualquer situação em que a corrente elétrica possa por ela fluir, imediatamente transformamos seu corpo físico, sem vida e sem luz, numa *vibrante, luminosa e viva* fonte de luz; e, no instante em que a corrente elétrica ou energia elétrica é retirada dessa lâmpada, ela volta a ser sem vida e inútil, e não pode cumprir a finalidade

para que foi construída.

O corpo físico do homem é exatamente como a lâmpada elétrica. Cada minúscula parte de sua natureza e sua forma física, material, foi extraída de substâncias terrenas, e todas as partes foram reunidas por um processo maravilhoso e associadas numa forma, por um Mestre Criador; mas, antes que a Divina Essência de Vida e Consciência penetrem nesse corpo físico, ele é inanimado e verdadeiramente sem luz. Isto traz à nossa mente o princípio tão bem expresso na Bíblia cristã, no livro do Gênesis, onde lemos que Deus fez o homem do pó ou dos elementos da Terra, e depois insuflou em suas narinas, ou em seu corpo físico, o *Sopro da Vida* ou a *Divina Essência*, e o homem tornou-se *alma vivente*. Antes que essa essência fosse insuflada em seu corpo, o homem não tinha vida e era incapaz de cumprir a finalidade para que fora criado, de modo que era tão inútil quanto a lâmpada antes que a energia elétrica lhe proporcione luz e vida. O corpo físico do homem permanece sem Inteligência Divina, ou consciência, e sem vitalidade ou finalidade, até que a alma nele penetre e o torne alma vivente, ao invés de mero corpo.

Podemos compreender, por estas duas ilustrações, que a essência e consciência anímica presente em cada corpo físico não está separada da essência e consciência presente *em todos os outros corpos vivos*. Se pensássemos na alma em cada corpo individual como uma *alma separada, distinta*, independente de todas as demais, e não em efetivo contato com elas, teríamos uma condição semelhante à indicada pela letra J na parte superior da Figura 1. Aqui, a lâmpada tem o fio elétrico em seu interior, mas ele não está ligado ao circuito. Logo vemos que a lâmpada, nesta condição, não é diferente da indicada em B, pois, não há contato do fio elétrico da lâmpada com o fio que transporta a real energia. Essa lâmpada não poderá irradiar luz de qualquer espécie. Olhando para o corpo I, no extremo direito do desenho inferior, vemos a mesma ideia ilustrada pela interrupção da ligação entre a alma, no corpo, e a Essência Anímica Universal. Logo percebemos que esta condição é impossível, porque a essência e consciência anímica, num corpo físico, devem necessariamente permanecer em contato com a *fonte de Essência e Consciência*, para que se mantenha sua manifestação de essência e consciência. A matéria, propriamente, não é inteligente, pois, é composta dos elementos grosseiros da Terra, e esses elementos não possuem mente ou consciência, a menos que estejam organizados e preparados para receber

alguma espécie de consciência.

Há muito tempo, filósofos e místicos deram um nome à Alma e Consciência Universal que se faz presente em todo o espaço. Preferimos a expressão *Alma Absoluta*. Alguns a têm chamado de Alma do Cósmico; outros, de Alma Divina; e, outros ainda, de Alma de Deus. Estas expressões, porém, sugerem que há várias espécies de alma no universo e que uma delas é Divina, ou a *-Alma de Deus*, ou do Cósmico, enquanto as demais não o são. Mas, como existe *uma única Alma* no universo, a expressão *Alma Absoluta* é preferível, porque não tenta distinguir essa Alma de qualquer outra, exceto para sugerir que se trata da Alma presente em toda parte, sem estar separada de suas várias manifestações em corpos físicos.

Portanto, usaremos a expressão *Alma Absoluta*, para designar a Alma Universal ou Deus, ou, em outras palavras, a Divina Essência e Consciência de Deus presente em todo o espaço e, da qual, parte se manifesta em cada corpo humano. Isto implica que no corpo de cada ser humano está presente a Essência Anímica, o Poder, a Energia, a Consciência de Deus; que *Deus está em nosso interior*, e não fora de nós. Isto nos leva a uma compreensão mais clara de muitas escrituras sagradas do passado e, especialmente, das que tratam das doutrinas cristãs.

Ao pensarmos na Alma Absoluta projetando uma parte de si mesma para baixo, para o corpo de cada ser humano, devemos dar alguma consideração à relação da alma com o Ego, ou a personalidade de cada ser humano, mencionada em capítulos precedentes. Para transmitir essa relação à mente do leitor, recorro a uma outra ilustração esquemática, apresentada na Figura 2.

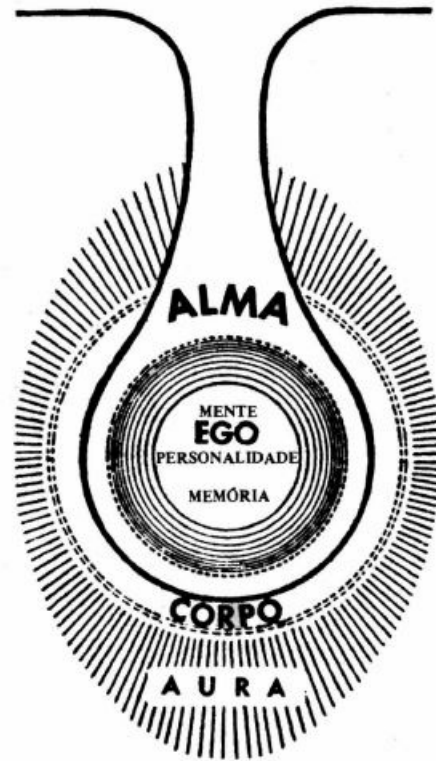


Figura 2

Aqui temos duas linhas contínuas fortes descendo da parte superior do desenho e unindo-se numa só linha para formar um envoltório circular no centro do mesmo. Consideremos os dois círculos pontilhados que inscrevem esse envoltório como o corpo físico do homem. Dentro destes dois círculos, vemos a linha contínua e forte que representa a Essência e Consciência Anímica descendo do Cósmico para o corpo físico. No centro dessa alma, vemos um outro corpo, frequentemente chamado de corpo psíquico, que é o Ego ou a personalidade. Esse Ego é constituído pela mente ou memória que está associada a cada parte da Alma Absoluta.

Em outras palavras, se considerarmos a Alma Absoluta do universo dividida em segmentos ligados à mesma, cada segmento representando uma parte da Alma Absoluta presente num corpo humano, notaremos que cada um desses segmentos da Alma Absoluta possui um Ego (ou uma personalidade) composto de mente ou inteligência, e consciência com memória. A própria alma consiste da Essência Divina, ou Energia Essencial de Vida, energia criativa que emana de Deus, a fonte de toda vida. Mas, além dessa energia criativa e vitalizadora da alma, cada segmento possui como atributo um Ego ou uma personalidade, com sua mente, sua memória e sua consciência. Como

já declarei, esse Ego ou personalidade, com sua Mente Divina e sua Consciência Divina, tem sido frequentemente chamado de *corpo psíquico do homem*, presente no interior de seu corpo físico.

Na Figura 2, vemos também a aura que se irradia do corpo físico. Essa aura é como as radiações de luz que provêm de uma lâmpada quando o filamento em seu interior está ligado à fonte de corrente elétrica. A aura do corpo humano é um efeito da essência e vitalidade anímica presente no corpo físico. Representei-a com forma oval, porque ela é frequentemente vista com esta forma e, em muitos manuscritos antigos, a aura humana é comparada com um ovo, simbolizando a energia reprodutora do reino animal. Quando a alma, com sua essência e consciência, é retirada do corpo físico, a aura segue a alma e não mais se manifesta em torno do corpo físico. Como já afirmei, em algum ponto deste livro, milhares de observações foram feitas no momento da transição, quando se viu a aura do corpo físico elevando-se acima do mesmo e pairando no espaço, enquanto a alma se retirava e deixava o corpo sem vida.

É muito importante que os elementos da Figura 2 sejam diligentemente estudados. Tenhamos em mente que as duas linhas contínuas e fortes (que se unem numa só) representam

a Divina Essência da Alma Absoluta descendo e se infundindo no corpo físico. Este é representado pelos dois grandes círculos pontilhados. Mas, no corpo, a alma apresenta outros atributos além de sua divina essência e vitalidade. Esses atributos constituem o Ego ou personalidade, dotado de mente e memória. Esse Ego, ou personalidade, *permanece sempre em cada segmento* da Alma Absoluta, pois é imortal como a própria alma, de modo que não pode ser destruído e nunca deixa de existir. Quer o segmento da alma esteja *no corpo físico ou fora dele*, o Ego com sua mente, sua memória e sua consciência, permanece com esse segmento, e assim vemos que podemos ter um segmento inteligente, consciente, da alma, seja *num corpo ou fora de um corpo*. Quando ele se encontra *num corpo*, temos a união do espiritual com o material, dando origem à manifestação perfeita de uma alma vivente na Terra. Quando ele está *fora de um corpo*, temos um corpo físico sem vida, sem inteligência, inconsciente, e um segmento da alma retendo ainda sua vitalidade e consciência, seu Ego, e seu intelecto.

Com estes pontos em mente, consideremos agora a Figura 3. Aqui, mostro vários corpos físicos, cada qual com um segmento anímico e personalidade, ou Ego. A B C e F, representam corpos vivos, com a essência anímica e o Ego em seu interior, e a aura de vitalidade estendendo-se ao seu redor. Em D mostro o que ocorre no momento da transição. Aqui, a alma, com seu Ego e a aura, está se retirando do corpo físico, deixando-o sem aura e sem vida. Em E mostro a separação total, e podemos notar que illustrei este fenômeno indicando o segmento da alma ainda mantendo sua aura e sua personalidade ou Ego, embora tenha ascendido ao Cósmico e não mais esteja em contato com o corpo físico, que agora repousa no pó da terra, desagregando-se e retornando a seus elementos primários.

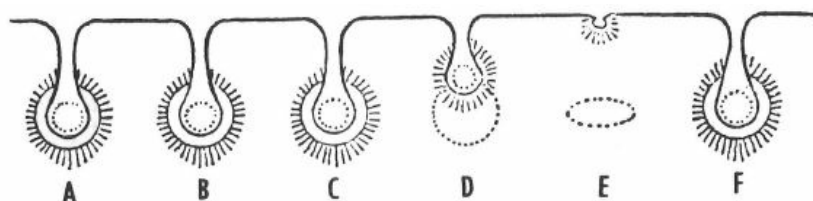


Figura 3

Estudando a Figura 3, notamos que todo Ego, em cada segmento da Alma Absoluta, está associado por contato ou ligado à Divina Essência Anímica, e que, mesmo no caso em que a alma se retirou completamente do corpo, o Ego desse segmento está em contato com todos os outros Egos através de sua ligação universal com a Alma Absoluta.

Isto é suficiente quanto à ilustração do princípio do contato ou da associação universal de todos os Egos, em todos os seres vivos. Isto deve nos imbuir do princípio de que a personalidade que cada um de nós possui por toda a vida, ou o Ego que manifestamos na vida, não é um ente *mortal*, e sim um ente *imortal*, que existe eternamente como parte integrante da Alma Absoluta.

Devemos também ficar imbuídos do fato de que o Ego, ou a personalidade que cada um de nós manifesta durante seu *período de vida*, continua a existir e mantém sua identidade, mesmo após a transição. Por conseguinte, há Egos ou personalidades em corpos físicos, na Terra, e *fora de corpos físicos*, no Cósmico. E todos esses Egos (ou personalidades), encarnados em corpos ou vivendo fora de corpos no Cósmico, estão em contato e constante comunicação entre si, porque a mesma Essência Anímica passa continuamente por todos eles.

Aliás, vale mencionar que este antigo entendimento da associação de todos os Egos entre si, e da união de todas as almas numa *Alma única*, foi o fundamento da crença na *fraternidade universal dos homens* através da *paternidade universal de todos os seres*, e estabelece o fato de que todos os seres humanos são irmãos sob o mesmo Criador e têm a mesma essência, a mesma vitalidade e a mesma consciência, a despeito de raça, credo, cor, ou outros elementos distintos do Ego.

A consideração seguinte é importante e diz respeito aos ciclos de encarnações. É comum levantar-se a questão de quantas vezes o homem

encarna na Terra e de quando esse processo de desenvolvimento chegará ao fim. O Misticismo, ou o estudo científico desta questão, dá um exemplo bem conhecido de *perfeito desenvolvimento de personalidade anímica*, no qual cessou a necessidade de mais encarnações na Terra. Trata-se do caso de *Jesus, o Cristo*, que, tendo vivido muitas encarnações anteriores, como é sugerido nos evangelhos cristãos, finalmente nasceu puro, com uma personalidade ou um Ego que requeria apenas *Inais um* conjunto de experiências. Ao término dessas experiências, que se destinavam a demonstrar os mais elevados princípios da Lei Cósmica, bem como a vontade e o poder de Deus, o *Cristo Jesus*, tendo alcançado o estado crístico graças à mais sublime perfeição e pureza de consciência, ascendeu aos Céus e ali foi absorvido pela Consciência de Deus, de modo que seu Ego tornou-se um dos Sublimes componentes da Divindade.

Até que essa perfeição seja alcançada por cada ser humano, será necessário que cada personalidade ou cada Ego reencarne *repetidamente* e, através das experiências da vida, de esforço e consecução pessoais, de devoção e sacrifício, se purgue de todo mau pensamento e ação e se torne finalmente puro em todos os aspectos e pronto para o *juízo Final*, quando será novamente acolhido por Deus, tornando-se parte de Sua Divindade.

O próprio Jesus prometeu que esta seria a suprema e final recompensa por todo o empenho e devoção em busca desse estado de divindade. O que Ele afirmou a este respeito foi bem compreendido pelos Profetas que O precederam, nenhum dos quais, porém, havia alcançado o grau de perfeição que Ele alcançou.

Vemos, portanto, que é impossível dizer quantas vezes cada Ego, ou personalidade, terá de reencarnar em forma física no plano terreno. Mas um ponto, quanto aos ciclos de reencarnação, foi determinado por observação. Foi constatado que cada Ego, ou personalidade, reencarna na Terra *aproximadamente a cada 144 anos*. Em outras palavras, verificou-se que 144 anos é o período médio de tempo *entre renascimentos*. Isto não significa, porém, que não possa haver exceção a essa média. Assim como há uma duração média para gestações humanas, (embora ela possa às vezes variar) há um período de tempo médio entre renascimentos na Terra, ainda que também esse período possa variar segundo as circunstâncias.

Foi observado, entretanto, que, embora haja variação nesses períodos de 144 anos, após dez ou doze reencarnações o número total de anos leva a uma

média de 144 anos entre renascimentos em novos corpos.

Ou seja, o homem deveria viver em seu corpo físico 144 anos, e então a alma se retiraria desse corpo, ascenderia ao Cósmico e, dentro de alguns dias, ou algumas horas, desceria e se infundiria num novo corpo. Mas o homem, por sua maneira de viver, e sua constante violação das leis naturais, gradativamente diminuiu seu período de existência na Terra, de modo que, em geral, o corpo físico atinge o momento da transição muito antes de se passarem 144 anos. E, como não deverá *renascer* senão após o 144^a ano, haverá um período de permanência no Cósmico para o seu Ego, durante o qual este aguardará o fim do 144^a ano, para renascer.

Em outras palavras, se uma pessoa vivesse 100 anos na Terra, e então passasse pela transição, seu Ego teria um período de espera de 44 anos, no plano Cósmico, até o momento normal de renascimento. Se uma pessoa vivesse 124 anos na Terra, seu Ego aguardaria 20 anos no Cósmico. E uma pessoa que tivesse vivido 80 anos de existência terrena, aguardaria 64 anos no Cósmico.

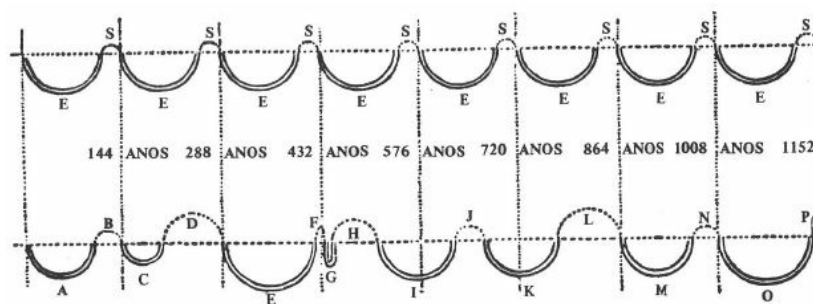


Figura 4

Na Figura 4 temos esses períodos de renascimento claramente ilustrados. A linha superior mostra os ciclos de renascimento divididos em períodos de 144 anos. Nesta linha, os duplos semicírculos assinalados com E representam os *ciclos de vida na Terra, ou*, em outras palavras, os ciclos de encarnação da alma num corpo físico. Os pequenos semicírculos pontilhados, acima desta linha, marcados com S, representam a *permanência espiritual* do Ego no Cósmico. Toda essa linha sinuosa superior representa uma linha de vida imaginária de um Ego que viveu 100 *anos na Terra* e 44 *anos no Cósmico*, em cada período. A partir do primeiro nascimento na Terra, vemos que o segundo ocorreu após o 144^o ano, o terceiro após o 288^o ano, o quarto após o

432° ano etc. Ou seja, em 1152 anos, essa personalidade teria passado por oito encarnações na Terra, e estaria pronta para a nona.

Mas essa divisão perfeita de nascimentos e renascimentos é puramente imaginária e, provavelmente, impossível de ocorrer na experiência real. Por conseguinte, consideremos a linha inferior da Figura 4. Aqui temos uma linha de vida imaginária de uma pessoa que podemos de fato encontrar em qualquer parte do mundo. Nesta linha de vida, logo notamos que os períodos de vida *na Terra* têm *vários* comprimentos. A partir do começo da linha, vemos que o primeiro período na Terra, indicado pela letra A, foi de cerca de 90 anos, deixando um período de 54 anos para a personalidade permanecer *no Cósmico*, como indicado pela linha pontilhada B. Ao término do 144° ano, porém, a personalidade renasceu na Terra, e este renascimento é indicado pela linha dupla assinalada com C. O novo período na Terra, por sua vez, foi de apenas 50 anos, de modo que, após a transição, a personalidade permaneceu no plano Cósmico durante 94 anos, como indica a linha pontilhada D. Depois, ao término do 288° ano, a personalidade renasceu novamente, como se vê pela linha dupla E. Desta feita, o período de existência terrena foi de 135 anos, de forma que a personalidade ascendeu ao Cósmico e aí permaneceu durante nove anos, como indicado pela linha pontilhada F. Passado este período Cósmico, a personalidade renasceu mais uma vez, como vemos pela linha dupla assinalada com G; mas, desta feita, a vida terrena foi de apenas 10 anos e, após a transição, a personalidade ascendeu ao Cósmico; entretanto, como seu período na Terra fora tão curto, a personalidade permaneceu no Cósmico somente por 35 anos, e então renasceu, como se vê pelo duplo semicírculo assinalado com 1. Assim, vemos que houve curtos e longos períodos, tanto no plano terreno como no Cósmico, e que os renascimentos nem sempre ocorreram precisamente ao término do 144° ano do ciclo. Notamos, todavia, que, ao cabo de 1152 anos, essa personalidade tinha passado aproximadamente por oito encarnações na Terra, assim como a personalidade imaginária da linha superior do desenho. Portanto, embora uma dessas vidas não tenha ocorrido estritamente em conformidade com os períodos de 144 anos, a média foi realmente de cerca de oito encarnações em 1152 anos.

Assim se constatou, em geral, nos casos das pessoas cujas encarnações foram estudadas ao longo de sua história. Embora elas não tenham nascido precisamente ao término do 144° ano do ciclo completo, tomando dez, doze ou catorze encarnações passadas e dividindo o número total de anos pelo

número de encarnações, constatamos que realmente deu a média de 144 anos entre renascimentos.

O Ego de uma criança que nasça hoje e viva apenas algumas horas, passando então pela transição, poderá permanecer no Cósmico pelo restante dos 144 anos ou poderá renascer em dez, vinte ou cinquenta anos. Mas, após certo número de reencarnações, o período médio terá sido de 144 anos.

Isto significa que, em geral, a pessoa que está vivendo hoje pode estimar que renasceu aproximadamente a cada 144 anos para trás. Esta regra não é exata, pois há exceções, como vemos no gráfico da Figura 4. Por que algumas personalidades nascem mais cedo do que outras é questão que só pode ser apreciada considerando-se a Lei do Carma. Como a finalidade da permanência do Ego no Cósmico, aguardando o renascimento, é de que ele seja purificado e instruído, bem como preparado para a sua encarnação seguinte, podemos seguramente supor que aqueles que tenham levado uma vida pura e quase perfeita aqui na Terra, até ao momento da transição, requeiram um período muito curto de preparação Cósmica para o renascimento. Inversamente, aqueles que perderam o estado de graça, que cederam a tentações e muito erraram, provavelmente terão de passar todo o tempo devido no plano Cósmico, em purgação e preparação para o renascimento.

Em tudo isto podemos sentir a beleza e a maravilha dos princípios divinos, e a uniformidade dos princípios e leis Cósmicos, manifestos já nos ciclos de vida, tais como se manifestam na formação de cristais, no movimento dos planetas, e na composição dos elementos materiais.

Mesmo a vida do homem na Terra está dividida em períodos ou ciclos de sete anos, durante os quais certas coisas ocorrem na vida de todo mundo. Pelo estudo desses ciclos terrenos, qualquer pessoa pode facilmente prever ou predizer os eventos que ocorrerão em sua vida terrena, e preparar-se para eles, tirando vantagem dos eventos propícios ou auspiciosos. No livro em que trato dos ciclos da vida na Terra, todos esses períodos foram explicados e sistematizados em tabelas, de maneira que qualquer pessoa pode facilmente determinar os períodos favoráveis e os desfavoráveis de sua vida terrena, preparando-se para emergências de qualquer espécie. Inclusive os ciclos de encarnações anteriores podem ser assim determinados, e é possível cada qual verificar o que sua personalidade ou seu Ego manifestou em sua última encarnação. Como tudo isto foi exaustivamente desenvolvido naquele outro livro, não será tratado aqui, já que não tem lugar, especialmente no exame do

presente assunto.

14. INTERVALO ENTRE ENCARNAÇÕES

Duas questões são comumente levantadas quanto às atividades da alma durante seu período de existência temporária no reino espiritual, entre renascimentos. A primeira é: por que deve a alma viver uma existência, longa ou curta, no reino espiritual, entre encarnações? E a segunda é: o que se conhece das atividades da alma nesses intervalos entre encarnações terrenas?

A primeira questão está geralmente associada à ideia de que, se é apropriado que a alma do homem tenha muitos renascimentos sucessivos na Terra, a fim de desenvolver e aperfeiçoar o Ego a um ponto ideal, por que não passa ela imediatamente, no momento da transição, de um corpo para outro, sem um intervalo mais longo do que alguns minutos ou algumas horas entre os dois grandes eventos? Ou seja, por que deve haver qualquer protelação na passagem da alma de um corpo que ela está desocupando para um novo corpo que deverá ocupar?

Considerando que, no mundo inteiro, estão ocorrendo nascimentos a cada minuto do dia e da noite, pareceria que, a qualquer momento em que ocorresse a transição de alguém, a alma poderia retirar-se do velho corpo físico que estivesse ocupando e passar imediatamente para um outro corpo recém nascido. Muitos milhares de pessoas, que conhecem muito superficialmente a doutrina da reencarnação, acreditam que isto ocorre com frequência. Há quem creia que quando a mãe passa pela transição no momento do parto, sua alma se transfere diretamente para o corpo recém-nascido, não somente devido a que esse corpo está logo ali e pronto para receber uma alma, como por causa da relação que ela guarda para com o mesmo. Há muitos que também acreditam que, quando uma pessoa de idade avançada falece numa dada comunidade, a alma dessa pessoa entra imediatamente no corpo de qualquer criança que esteja nascendo nessa comunidade.

Estas ideias decorrem da falta de conhecimento dos princípios implicados, conforme esboçados no capítulo anterior. Cada personalidade ou Ego da *Alma Absoluta* tem um ciclo definido de renascimento, com intervalos de existência espiritual.

Vimos, no capítulo precedente; que as encarnações terrenas da alma, com

seu Ego ou personalidade, podem variar em duração, desde uma hora a cem anos ou mais, e que os períodos entre encarnações também têm duração variável; mas apenas ocasionalmente haveria um período muito breve ou curto de existência no reino espiritual, entre encarnações.

A finalidade desses intervalos entre encarnações é de permitir que o Ego se purifique mais e seja iluminado pela Mente Divina e pela Sabedoria Cósmica. É como um período de repouso e relaxação entre horas de trabalho. É um refrigério para a alma e a personalidade, e uma renovação para os poderes espirituais das faculdades divinas da alma.

Podemos comparar os intervalos entre encarnações com as horas de sono que decorrem entre períodos diários de atividade.

Podemos trabalhar dezesseis ou dezoito horas do dia, em estado de alerta de consciência, e depois nos entregarmos a seis ou oito horas de sono, totalmente inconscientes de nossas atividades terrenas, objetivas. Essas horas de sono e repouso dão ensejo à renovação de forças e restauração das faculdades e funções esgotadas, exauridas, do corpo físico. O sono propicia exercício mais poderoso das faculdades e um grau mais intenso de energia no corpo e na mente, pela manhã, quando o corpo desperta.

O mesmo se pode dizer quanto aos intervalos entre encarnações.

Imediatamente após a transição, a alma e o Ego do indivíduo separam-se gradativamente do corpo. Esta separação não é tão súbita que toda a essência anímica e o Ego sejam retirados do corpo e *instantaneamente* elevados ao reino espiritual ou Cósmico. A saída da essência anímica e do Ego, do corpo, requer de dez minutos a meia-hora, e às vezes mais. Isto foi observado em hospitais, lares e clínicas, em milhares de casos em que pessoas estiveram reunidas em volta do leito de alguém que passava pela transição, ou em que enfermeiras ou médicos muito observadores registraram os fatos. Geralmente, quando há uma luz suave no recinto, ou outras condições vibratórias e magnéticas favoráveis, pode-se ver a aura humana expandindo-se gradativamente, ao se iniciar a transição; e essa aura, de cor ou combinação de cores muito suaves, pouco a pouco se eleva para fora e acima do corpo, até que, de cinco a vinte minutos, está quase totalmente separada do mesmo. Mas, por um tempo curto, não continua a se elevar, não sai da presença do corpo. Em alguns casos, observou-se que a aura permaneceu no recinto, pairando acima do corpo ou próximo a ele, durante muitas horas; e nos casos em que a iluminação do recinto e outras condições eram favoráveis à

observação, viu-se a aura continuar na presença do corpo durante vários dias.

Em muitos casos, a perfeita observação da aura próximo ao corpo, após a transição, sofreu interferência do súbito acender de muitas luzes e da presença de pessoas que tinham de cumprir seus respectivos deveres no preparo do corpo. Nos casos em que não houve essa interferência durante horas, a observação da aura foi perfeita e muitos detalhes interessantes foram notados.

Este fenômeno foi comentado em muitos escritos antigos. Nos casos em que a aura, ou o Ego, foi visto pairando na presença do corpo durante vários dias (ou no recinto em que ocorrera a transição), foi afirmado que a alma (ou o Ego) estava "ligada à Terra".

É muito comum entre povos orientais que observaram e estudaram o comportamento da alma após a transição, a crença em que a alma (ou o Ego) permanece presente depois de se separar do corpo, a fim de executar certas coisas, antes de se elevar do plano terreno para o reino espiritual. Entre esses propósitos, mencionam-se a tranquilização e o fortalecimento das pessoas que estão pranteando o falecido, ou daquelas que foram súbita e seriamente afetadas pela transição; a inspiração de certos atos ou pensamentos naquelas que mantinham íntima associação com o morto, e a elucidação de muitos mistérios por ventura ligados à transição.

Foi declarado, por exemplo, que centenas de casos cuidadosamente estudados mostraram que, quando a transição ocorre de repente, sem dar chance ao indivíduo de resolver um problema sério e aconselhar devidamente aqueles que por isto ficariam em dificuldade, a alma (ou o Ego) permanece no ambiente imediato dos parentes e amigos do falecido e os ajuda, por inspiração ou intuição, a localizar certos papéis, valores escondidos, ou outras coisas muito importantes. As mesmas autoridades afirmaram que o Ego muitas vezes permanece em contato com aqueles que o estão pranteando, para lhes indicar, por intuição ou de outros modos, a causa da transição, quando esta ocorre por assassinato ou acidente envolvendo grave mistério.

De muitas outras maneiras o Ego pode exercer um efeito muito tranquilizador e confortador sobre as pessoas que eram mais íntimas do falecido. Foi este registro de fatos cuidadosamente observados, relativamente ao contato do Ego com o plano terreno, após a transição, que deu origem à crença supersticiosa na existência de *fantasmas*.

Quando as mentes incultas e mal informadas ouvirem falar de casos de

Egos que se demoraram por algum tempo, para indicar como um crime havia sido cometido, ou onde ocorrera um acidente, ou onde certos papéis ou documentos estavam guardados, elas acreditaram que o Ego fosse uma réplica intensamente luminosa do corpo do falecido, e que ele ficava por tempo indefinido no ambiente da transição, fazendo-se visível a todo mundo que se aproximasse desse ambiente. Como eu já disse, esta espécie de crença foi responsável pelo desenvolvimento da ideia de *fantasma* que persiste entre pessoas incultas, sem instrução.

A verdade é que somente aqueles cujo desenvolvimento psíquico ou espiritual atingiu um elevado estágio podem ver a aura sutil da alma ou do Ego liberado. As pessoas que eram mais íntimas do falecido, e seriam as que mais provavelmente receberiam quaisquer impressões do seu Ego, muitas vezes não veem a luminosidade da aura, mas sentem as radiações magnéticas ou vibratórias desse Ego durante muitas horas, ou vários dias após a transição, e têm geralmente uma forte impressão de que a personalidade do falecido ainda está presente entre elas, e ainda vive tentando confortá-las e com elas entrar em comunhão.

Quanto mais afetiva e profunda tiver sido a harmonização existente entre o falecido e os que ele tenha deixado na Terra, mais perfeita será essa impressão da presença do Ego após a transição; e essa impressão é inconfundivelmente positiva na mente da mãe, quando um filho ou uma filha de natureza amorosa e comunicativa passou pela transição.

Alguns estudiosos deste aspecto dos princípios universais declararam que uma pessoa que na vida terrena tivesse sido dada a depositar exagerada confiança em coisas materiais, certamente permaneceria "ligada à Terra" por alguns dias ou algumas semanas após a transição, e que as coisas materiais que a tivessem escravizado durante a sua existência terrena continuariam a mantê-la presa ao plano terreno durante algum tempo. Assim acreditavam eles que um homem que tivesse sido avarento, que tivesse devotado todo o seu coração e toda a sua mente a dinheiro ou fortuna material, ou a alguma coisa terrena como se fosse o seu Deus, a isso estaria ligado e escravizado durante muitos dias ou muitas semanas após sua transição. Daí surgiu a afirmação de que certas pessoas estariam condenadas a ficar "ligadas à Terra".

Muitas histórias fantásticas foram escritas tendo esta ideia como tema principal, e muitos criminologistas sagazes e bem sucedidos, em várias regiões, declararam que sua experiência na resolução de assassinatos

misteriosos e alguns outros crimes demonstrou que uma pessoa que cometeu um assassinato ou algum outro crime muito sério contra uma vítima inocente fica "ligada à Terra" por esse crime, e durante dias e semanas, após sua transição, há de permanecer na vizinhança do crime, numa tentativa de ajudar a desvendar o seu mistério. Essas pessoas sustentam que o Ego não encontra paz, felicidade e oportunidade de se elevar e libertar da Terra enquanto não ajuda a resolver o mistério do crime que cometeu e não deixa que alguma pessoa inocente sofra por esse crime. Afirmam esses criminologistas que, aguardando pacientemente e observando as ações de outras pessoas, e analisando as impressões que venham à mente daqueles que mantinham íntima associação com o falecido, acabam descobrindo muitas chaves que ajudam a desvendar o mistério.

Este é um campo maravilhoso para exploração e estudo, para aqueles que estão interessados em criminologia e na possibilidade de Egos "ligados à Terra" inspirarem na mente de certas pessoas a solução correta dos crimes que cometeram. Este assunto não tem lugar nesta obra, embora muitos Rosacruz, em várias regiões, tenham se aprofundado no mesmo com grande sucesso.

Pouco após a transição, contudo, a alma e o Ego são atraídos para o *alto*, para o Reino Espiritual ou Cósmico, e aí permanecem até chegar o momento de *descerem* novamente ao plano terreno e entrarem num corpo recém-nascido. Como foi declarado no capítulo anterior, a personalidade, ou Ego, permanece no segmento da alma como parte integrante da mesma, e o Ego nunca perde sua identidade, nem a perde o segmento da "Alma Absoluta" associado a esse Ego.

Durante seu período de existência espiritual, a alma, com seu Ego ou sua personalidade, está em contato imediato com todas as mentes e todos os Egos, não somente no Reino Espiritual, mas por todo o universo. Mostrei, no capítulo precedente, que toda expressão da alma, todo Ego do universo, quer esteja encarnado num corpo físico ou vivendo no plano espiritual, está sempre unido e em contínuo contato com todos os demais, graças a seu contínuo contato com a *Alma Absoluta*. Isto permite que a mente divina ou o corpo psíquico de cada Ego se comunique com qualquer outra mente psíquica, sem dificuldade.

A única maneira pela qual a mente do Eu exterior, físico, pode tomar conhecimento dessas comunicações universais, consiste em fazer com que esse conhecimento se transfira do Eu interior, ou Ego, para o Eu exterior.

Neste ponto, muito importante, repousa o problema que faz a comunicação universal parecer impossível ou incontrolável.

O pesquisador despreparado ou não desenvolvido, de telepatia ou comunicação cósmica, tende a julgar sua habilidade para se comunicar com outros pelo grau de conhecimento que seja transferido do Eu interior para o Eu exterior. Este não tem outro meio de saber se o Eu interior está sempre em contato com outros Egos ou não, exceto por uma ocasional transferência de alguma impressão do Eu interior para a consciência exterior. Se essa transferência de impressão for apenas ocasional, ou incompleta e indefinida, o Eu exterior interpretará erroneamente o funcionamento do Ego neste particular.

Experimentos efetuados por pessoas que entendem os princípios e leis revelam que é tão fácil um Ego se comunicar com outro como um Eu exterior falar a outro num recinto qualquer. Verificou-se, também, que o nosso Eu interior está constantemente recebendo impressões do Cósmico que foram liberadas por outros Egos, e que esse tipo de troca de comunicação ou impressões é mais ou menos constante. Muito frequentemente, a transferência dessas impressões, do Ego para o Eu exterior, ocorre durante sonhos ou visões, quando o Eu exterior está parcialmente adormecido ou no chamado *estado intermediário de consciência*. Em outras ocasiões, a transferência de impressões é feita através da faculdade de intuição, ou uma espécie de impulso interior.

O ponto importante a termos em mente é que não devemos julgar o grau ou a intensidade da comunicação por contato, assim levada a efeito, pelo grau ou pela quantidade do conhecimento que seja transferido para o Eu exterior; pois apenas uma pequena parcela desse conhecimento cruza o *limiar* e se revela à consciência objetiva.

Naturalmente, processos de desenvolvimento, concentração, meditação, e experimentos, capacitarão o indivíduo a usar à vontade as faculdades de que é dotado para provocar essa transferência de pensamento do Eu interior para o Eu exterior. Este é um dos aspectos do desenvolvimento místico que os orientais e os membros da Ordem Rosacruz, AMORC conhecem, bem como associações congêneres de místicos e metafísicos de todo o mundo.

Todavia, quando a alma e o Ego são libertados do corpo físico e retornam ao Reino Cósmico, a personalidade, com sua mente e sua memória, permanece como parte da alma; e a comunicação direta com outros Egos, tanto no plano Cósmico como no plano terreno, é mantida com o *mesmo* grau de precisão e intimidade de antes da transição. Isto é tão verdadeiro que pessoas que estão vivendo no plano terreno e são misticamente desenvolvidas, ou conhecem o processo para harmonizar o Eu exterior e o Eu interior, com o fim de transferir impressões, muito frequentemente *recebem* conhecimento ou impulsos de pensamento difíceis de classificar, visto que é muitas vezes impossível saber se o Eu interior recebeu essas impressões ou esses impulsos do Ego de uma pessoa que está vivendo na Terra ou de um Ego que se encontra no Reino Espiritual aguardando reencarnação.

Em outras palavras, mensagens ou impressões podem vir ao nosso Eu interior, à nossa mente psíquica, ou ao nosso Ego, não somente de pessoas

que estejam vivendo ao nosso redor no plano terreno, mas também *de* Egos que estejam agora no plano Cósmico, vivendo um intervalo entre encarnações.

Nada do que foi dito nos parágrafos precedentes deve ser tomado como confirmação implícita da *tese* do movimento espírita, segundo a qual a alma ou o "espírito" *de* pessoas falecidas *volta à Terra e* transmite mensagens àqueles que ainda estão vivendo aqui. Nada neste capítulo pode ser interpretado neste sentido, *em vista* do fato de que nem a alma nem o chamado "espírito" *de* uma pessoa falecida *volta à Terra, exceto* para reencarnar num corpo físico *e* aqui permanecer por certo período *de* tempo. Deve *se* entender, portanto, que eu estou propondo que há um processo ou método diferente, pelo qual a Mente Divina ou o Ego em nosso interior pode se comunicar com os Egos daqueles que passaram pela transição, sem demonstrar quaisquer das convenções e proposições do movimento espírita.

Enquanto esses Egos de pessoas falecidas se encontram no plano Cósmico, mantêm a natureza dominante da última personalidade que manifestaram na Terra. Mostrei, em capítulos precedentes, que cada personalidade é um agregado de personalidades ou, em outras palavras, um acúmulo dos elementos de personalidades anteriores. E que, após a transição, o Ego de cada indivíduo mantém a mesma personalidade predominante que manifestou durante sua última encarnação num corpo físico, na Terra. Mas está sempre consciente de suas caracterizações anteriores, embora estas permaneçam, por assim dizer, em segundo plano, como as memórias de nossa infância. Portanto, o homem que foi sucessivamente fazendeiro, médico, soldado e banqueiro, e passou para o Reino Espiritual após ter sido banqueiro, retém a personalidade predominante de banqueiro, enquanto aguarda reencarnação, embora esteja consciente do fato de que, no passado, foi também fazendeiro, médico, soldado, e teve talvez muitos outros caracteres em vidas terrenas. Até o nome pelo qual essa personalidade foi conhecida em sua última encarnação na Terra é mantido como símbolo de identificação durante seu período de existência Cósmica.

Somente quando a alma e o Ego entram num novo corpo, para mais uma encarnação na Terra, é que o nome da última personalidade é posto de lado e suas características dominantes são transferidas para um segundo plano enquanto outras são adquiridas.

Vemos assim que existem, no Reino Espiritual, milhões de Egos ou personalidades aguardando reencarnação. Alguns estão lá há muitos anos;

outros, há apenas alguns dias ou algumas horas. Alguns reencarnarão amanhã, ou depois de amanhã, ou daqui a anos, segundo os ciclos de vida explicados no capítulo anterior. Alguns desses Egos que estão atualmente no plano Cósmico têm personalidade infantil, por sua transição ter ocorrido pouco após o nascimento ou na infância; outros são Egos de jovens; e, outros ainda, de velhos. Mas todos são iguais em essência anímica, em divino poder e em sabedoria, embora sejam *diferentes* em experiência e consecução mundanas.

É nesse Reino Cósmico que encontramos esses Egos habitando as *Mansões da Alma*. Essas mansões são mencionadas em muitos pontos da Bíblia e, ao que podemos entender através dessas referências, e pelas impressões que nos são transmitidas pelos Egos que as habitam, parece que os Egos de todos os seres humanos têm a prerrogativa de ocupar *doze* divisões do Reino Cósmico, como doze câmaras de um grande templo, e que cada Ego que aguarda reencarnação goza do privilégio de permanecer numa dessas doze mansões, até o momento do renascimento na Terra. Essas doze mansões são mencionadas ou descritas no Capítulo 19 do Livro de Mateus, do Versículo 27 ao Versículo 30, como *tronos*, e, em outros pontos da Bíblia Sagrada e das escrituras sagradas de muitos povos, essas mansões recebem vários nomes e várias representações alegóricas. O próprio Jesus as mencionou, afirmando que na casa de Seu Pai havia muitas mansões, e disse a Seus Discípulos que ia deixá-los para ascender ao Reino Celestial, a fim de para Ele preparar um lugar.

As personalidades permanecem nessas *Mansões da Alma*, em preparação para a reencarnação, enquanto recebem conhecimento e bênçãos divinas que as purificam dos erros de que se tenham arrependido e que tenham espontaneamente confessado. Isto as banha em novo esplendor, de modo que elas se tornam mais evoluídas, e mais desenvolvidas para sua nova missão na Terra.

Os erros cometidos por essas personalidades na vida anterior, na Terra, e que constituem seus débitos cármicos, são por elas conhecidos enquanto se encontram no Reino Espiritual e, embora elas sejam perdoadas por esses erros e purgadas da mancha que eles lançaram sobre seu caráter, compreendem que devem voltar à Terra e fazer compensação por cada erro, e que somente assim poderão esses erros ser ajustados. Portanto, enquanto esses Egos ou personalidades permanecem nessas *Mansões* e são *preparados*

para levar vida mais nobre no futuro, são também preparados para voltar à Terra e trabalhar por sua salvação, fazendo compensação por seus erros e levando uma vida de reconciliação.

Durante sua regeneração nas *Mansões da Alma*, esses Egos tornam-se intensamente conscientes de seus erros anteriores, de modo que o arrependimento e remorso em seu coração, bem como o ardente desejo de desfazer os males que praticaram e fazer compensação, constituem os fatores ou as condições que os homens decidiram chamar de Inferno e Purgatório. Mas o verdadeiro sofrimento que cada indivíduo deve suportar pelo sofrimento que causou ou o mal que praticou *não é sofrimento da alma*, e, sim, *sofrimento da carne*, pois foi a carne que cometeu o pecado e é a carne que deve fazer compensação pelo sofrimento. Por conseguinte, a alma e o Ego devem se tornar novamente encarnados na Terra, a fim de assumirem um corpo, de serem dotados de carne que possa sofrer e fazer compensação, promovendo assim a devida reconciliação. O verdadeiro *Inferno da carne* ocorre, portanto, *na Terra*, pois a carne não pode sofrer *após a transição*, e no Reino Espiritual não há carne para sofrer.

Estes são os fatos relativos às condições e circunstâncias dos Egos ou personalidades que estão aguardando reencarnação, conforme aprendidos por contato Cósmico, Divina revelação, e recordação do Ego. Mais uma vez o estudante de literatura sagrada e da Bíblia há de encontrar nestes princípios melhor compreensão das afirmações alegóricas feitas nessas escrituras, e explicação para muitas das parábolas e histórias contadas por Jesus, o Cristo, a Seus Discípulos.

15. PERSONALIDADES SECUNDÁRIAS E MÚLTIPLAS

Há alguns anos, o público tomou conhecimento de muitas novas teorias sobre o Eu, o Ego, ou a personalidade de seres humanos, graças a argumentos curiosos apresentados em julgamentos públicos ou em comentários jornalísticos de atos criminosos de pessoas proeminentes. Termos como *demência americana* e *Ego exagerado* foram os primeiros a se tornar públicos e foram seguidos de uma curiosa descrição do "homenzinho preto" que se teria apossado de uma pessoa sadia e sensata, fazendo-a cometer um assassinato. Posteriormente, psicólogos mais conservadores ou profundos estudiosos do Ego humano introduziram as expressões *personalidades múltiplas* e *personalidades secundárias*.

Estas expressões foram usadas para sugerir que todo ser humano seria uma mistura de duas ou mais personalidades, uma das quais seria a personalidade exterior ou geral, e as demais estariam profundamente implantadas no Eu interior ou na consciência interior.

Experimentos científicos dirigidos por eminentes líderes da pesquisa psíquica na Inglaterra e nos Estados Unidos desenvolveram a ideia de que, sempre que a personalidade exterior ou geral de um ser humano fosse inibida ou inativada, como num transe ou através de profunda concentração e relaxação, uma ou mais das *personalidades secundárias* (ou Egos interiores) tomariam posse do corpo e suplantariam a personalidade exterior. Esta manifestação de crédito por parte de reconhecidos cientistas abriu as portas da área do espiritismo às mentes não-científicas e elas imediatamente se apoderaram desse crédito e da terminologia científica, de modo que, por muitos anos, se ouviu muita coisa acerca de personalidades secundárias dos chamados *médiuns*.

Felizmente, a continuação das pesquisas dos cientistas trouxe à luz certos fatos relativos a personalidades humanas, especialmente às chamadas personalidades secundárias, e esses fatos pouco a pouco tiraram deste assunto a aura de mistério, evitando maior desenvolvimento das crenças supersticiosas a respeito dessas personalidades, no tocante a demonstrações em sessões mediúnicas.

A questão das personalidades secundárias foi afinal retirada dos setores especulativos, supersticiosos e mágicos de demonstração, e entregue ao

campo verdadeiramente científico de pesquisa psíquica.

Muitos exemplos de escrita automática ou de ditado automático são, indiscutivelmente, magníficos exemplos da existência e da atuação de uma personalidade secundária, e de como essa personalidade secundária pode controlar o funcionamento da mente e da mão, para escrever ou falar.

Em tais circunstâncias, a personalidade adota um nome para si mesma, presumivelmente um nome que certa vez possuiu de fato, e se expressa com todas as características com que foi supostamente muito familiar ou bem conhecida. Não é incomum, portanto, notar-se que essa personalidade secundária é muito diferente, em muitos pontos essenciais, da atual personalidade exterior ou geral. Há casos de diferença de sexo, de nacionalidade ou idioma, e de considerável diferença de grau de instrução, gostos, habilidades e desejos.

Nas demonstrações em que a personalidade secundária foi valiosa devido a seus escritos ou ditados especiais, verificou-se que ela tinha instrução muito superior à da personalidade exterior. Em alguns casos, a personalidade secundária era versada em arte e filosofia, demonstrava alto grau de cultura literária e ética, e se expressava em belos pensamentos, verdadeiramente dignos de publicação. Em outros casos, porém, a personalidade secundária era ignorante ou inculta em suas expressões e quase totalmente o oposto da personalidade exterior.

O critério da autenticidade da personalidade secundária assenta em sua persistente e coerente expressão de certa natureza. Por meio de testes feitos num longo período de tempo, verificou-se que os escritos de algumas dessas personalidades secundárias mantêm coerentemente o mesmo estilo literário, sem nenhum deslize que revele qualquer tendência forçada ou artificial, e com excelente recordação ou memória de eventos e condições, pessoas e coisas, associadas à sua vida como entidade.

Em outras palavras, o persistente estudo de algumas dessas personalidades secundárias mostrou, conclusivamente, que, no tocante à peculiaridade de caráter, de instrução e de experiências mundanas, a personalidade secundária é como uma entidade distinta, que viveu em alguma época, em algum lugar, independentemente da atual personalidade externa.

Para tornar isto mais compreensível para aqueles que não sentem inclinação para estudar esta questão das personalidades secundárias, recorreremos a uma ilustração. Durante quase catorze anos fui presidente do

Instituto de Pesquisa Psíquica de Nova Iorque. Durante esse tempo, o Instituto realizava regularmente reuniões mensais ou quinzenais com muitas sessões extraordinárias nos intervalos, sempre que investigações especiais se faziam necessárias. Creio que, naqueles catorze anos, os membros do Instituto investigaram mais de cem casos das chamadas personalidades secundárias, ou casos de escrita automática, ditado automático, ou manifestação automática através da mesa *Ouija*. Muitos desses casos não mereciam mais de uma noite de teste, porque, ou havia evidência de deliberado engodo por parte da personalidade exterior, ou uma mistura tão grande da personalidade exterior com a secundária que as duas não podiam ser separadas nos escritos e ditados. Por outro lado, houve muitos casos genuínos e intensamente interessantes, que acompanhamos durante muitos anos. Passo relatar um deles, a título de ilustração.

A Sra. J. B. era esposa de um destacado advogado da cidade de Nova Iorque. Recebera instrução escolar normal, com um ano de segundo grau. Pertencia a uma família razoavelmente instruída, de modesta situação econômica, e recebera a instrução usual quanto aos princípios comuns de ética e cultura. Seu marido tinha formação universitária, mas não se interessava por qualquer empenho intelectual além de seus estudos como advogado. Ele prosperou bastante durante os dois primeiros anos de profissão, e depois casou-se. Durante os dois anos seguintes, acumulou fundos suficientes para morar numa excelente residência em Nova Iorque e proporcionar muitos luxos à sua esposa. A Sra. J. B. era uma mulher muito bondosa, amável e simpática, dotada de personalidade magnética e um jeito charmoso, o que a tornava uma excelente anfitriã. No transcorrer das muitas atividades sociais do casal, foi descoberto que a Sra. J. B. havia desenvolvido tal grau de harmonização com o seu marido, que tomava consciência de muitos de seus mais intensos pensamentos e emoções, mesmo quando ele se encontrava a muitas milhas de distância. O relato de um incidente esclarecerá o que eu quero dizer.

Numa ocasião em que os membros do Instituto estavam reunidos na casa dessa senhora, preparando-se para um teste de sua escrita automática, dois de nós pensamos, súbita e espontaneamente, em testar sua harmonização com o marido.

Nesse momento, a Sra. J. B. estava na grande sala de visitas de sua casa com um grupo de senhoras do Instituto, numa discussão animada de moda e outros

assuntos femininos, enquanto três ou quatro dos homens estavam com o Sr. J. B. à porta da frente de sua casa, sob um toldo, fumando e aguardando o início da reunião. Sem qualquer preparação para o teste, meu companheiro pegou um alfinete e subitamente o espetou no braço do Sr. J. B., como por acidente. O Sr. J. B. fez um gesto brusco e uma expressão de dor veio à sua fisionomia, porém, não gritou, pois era o tipo de homem que se controlava imediatamente, em qualquer situação de dor ou qualquer espécie de sofrimento. No entanto, uma fração de segundo após ele ter sentido a dor, ouviu-se um alto e horripilante grito da Sra. J. B., vindo da sala de visitas, situada a uns vinte metros do Sr. J. B. e separada por várias salas com umas cinquenta pessoas falando e se movendo. Quando a Sra. J. B. gritou, corremos para onde ela estava, como fizeram os outros, juntando-nos ao grupo que já estava de pé à sua volta.

Ela disse imediatamente: "John acaba de sentir uma dor no braço, bem aqui, e eu a senti e quero ver o que aconteceu com ele". Ela mostrou corretamente onde a dor fora causada pelo alfinete e, ao juntar-se ao marido, afirmou que sentira a dor ao mesmo tempo que ele. Disse que era comum ela sentir qualquer dor aguda que ele sentisse.

Mas não era sua harmonização com o Sr. J. B. que nos interessava e, sim, sua escrita automática. Durante horas, ela sentava-se à mesa com lápis e papel, e escrevia milhares de palavras referentes à filosofia, orientação, comentários ou incidentes do passado, descrição de pessoas e princípios etc., sem hesitar e sem dar sinais de cansaço. Antes de começar a escrever, ela sentava-se numa posição descontraída, com o lápis na mão e encostado ao papel, aguardando certa alteração gradual que lhe ocorria, interna e externamente e, quando essa alteração se completava, a mão que segurava o lápis começava de repente a escrever com extrema rapidez. E a Sra. J. B. muitas vezes fechava os olhos e os mantinha fechados por meia-hora, enquanto folhas e mais folhas de papel eram preenchidas mais rapidamente do que o ser humano comum é capaz de escrever com profundidade e coerência.

Em função de nossas perguntas, que eram sempre relutantemente respondidas, essa personalidade que se expressava na escrita automática sustentava que era o Eu "interior" da Sra. J. B., e que a personalidade desta, que conhecíamos, não passava de uma personalidade infantil que estava tentando usurpar o lugar do Eu real em seu interior. Esse "Eu real" nos disse que se chamava Clara W Recusou-se, porém, a nos dizer onde tinha vivido ou

quando. Seus escritos, no entanto, revelaram muito a este respeito. Ela demonstrou grande familiaridade com muitos dos estados da Nova Inglaterra e com cidades e rios de setores muito antigos. Referiu-se a prédios, e especialmente a várias igrejas, que haviam existido naquelas cidades cem anos antes, mas que já eram ruínas ou tinham desaparecido completamente. Mencionou também pessoas daquelas cidades que já não eram vivas. Conhecia perfeitamente música e harmonia musical, embora a Sra. J. B. não tocasse qualquer instrumento musical e, ao que sabiam mesmo seus mais íntimos amigos, nunca demonstrara mais do que um interesse casual pela música. Essa personalidade secundária era também versada em certos tipos de literatura de natureza profundamente puritana, e conhecia bem a Bíblia, assim como certas crenças religiosas que indicavam claramente sua afiliação religiosa.

Em seus escritos, as expressões eram sempre puritanas, algo tacanhas, mas bondosas e compassivas. Durante todos os anos em que a Sra. J. B. escreveu, nunca houve uma expressão ou mesmo uma palavra que não fosse absolutamente coerente com tudo o que fora escrito e expresso por essa personalidade em sessões anteriores e, embora as mesmas perguntas fossem feitas a intervalos de muitos anos, as respostas eram sempre as mesmas, como provava a comparação dos escritos. A Sra. J. B. nunca ficava com cópias dos escritos e, portanto, não podia preparar-se para perguntas futuras.

Essa outra personalidade fora, sem dúvida, uma entidade distinta numa época anterior e era agora uma personalidade secundária aprisionada, por vezes lutando para readquirir o controle do corpo físico da Sra. J. B. Mencionei sua forte harmonização com o marido apenas porque fora este fato incomum que fizera ambos perceberem que a natureza mental ou espiritual da Sra. J. B. era algo diferente em relação ao ser humano comum, e isto os levava a investigar as leis e os princípios da personalidade humana. Quanto ao fato de a Sra. J. B. ter algum outro desenvolvimento psíquico incomum, nada posso afirmar, visto que o nosso trabalho de pesquisa estava limitado ao estudo de sua personalidade secundária.

Ora, a Sra. J. B. não é diferente de milhões de outras pessoas. Por trás daquela personalidade secundária da Sra. J. B. havia uma outra, por trás desta mais outra etc. Muitos testes efetuados na Europa e nos Estados Unidos revelaram a existência de três, quatro personalidades distintas. Essas *múltiplas personalidades* são indiscutivelmente resultantes de encarnações

anteriores, conforme explicado em capítulos precedentes deste livro. O ponto interessante, porém, é que o estudo de personalidades secundárias se tornou bastante sistematizado e foi reduzido a um campo bem definido.

Os pesquisadores de múltiplas personalidades não estão interessados em quaisquer doutrinas ou princípios envolvendo o motivo da existência de tais personalidades, ou como e quando elas se tenham introduzido no ser humano. Estão interessados somente na atual manifestação dessas personalidades. Essa pesquisa, esse estudo, revelou muitos atos interessantes. Precipuamente, revelou que cada um de nós é às vezes influenciado por súbitos desejos, impulsos, exigências ou tendências de má personalidade secundária que parece encontrar-se logo atrás de nossa personalidade exterior. Em outras palavras, parece haver duas personalidades em cada corpo humano, cada qual tentando dominar as faculdades e funções objetivas. Quando a personalidade secundária é diferente em gostos, desejos e modo de viver, em relação à personalidade exterior, seguramente ocorre conflito, e esse conflito se expressa sob forma de complexidades contrárias ou estranhas, que perturbam o curso regular de nossa vida.

Muitas vezes, o desejo de viajar ou visitar certos países estrangeiros, de nos entregarmos a determinados hábitos ou práticas, ou de provar certos alimentos, é efeito do afloramento à consciência de uma *personalidade submersa*. Uma pessoa virtuosa, boa, pode assim ser tentada a praticar maus atos, e uma pessoa má pode ser tentada a praticar bons atos, devido às tendências ou aos impulsos de uma personalidade secundária. Esta pode se manifestar também em períodos de sonho ou de meditação, quando o Eu exterior está parcialmente adormecido e relaxado. Certas condições doentias, ou certos acidentes, podem provocar prolongados períodos de dormência do Eu exterior, permitindo que a personalidade secundária assuma total controle da mente e das faculdades do corpo. Nesses casos, a pessoa manifesta diferentes características, hábitos, modo de viver e jeito de falar, de modo que parece uma pessoa totalmente diferente.

Somente duas explicações são possíveis para a existência de personalidades secundárias ou múltiplas. Uma explicação é a crença em que um estranho, ou seja, a personalidade de um indivíduo ainda vivo ou que já passou para o Além, tenha temporariamente possuído nosso corpo e submergido nossa personalidade exterior, suplantando-a com a sua própria personalidade. Portanto, uma explicação é a de que a pessoa está "possessa".

Esta explicação, porém, recorre ao que pode ser chamado de leis e princípios sobrenaturais, ou crenças sobrenaturais, e guarda semelhança muito forte com as antigas superstições e crenças na existência de *entidades malévolas*, capazes de se apossar de nós e nos controlar. A outra explicação para personalidades secundárias, ou múltiplas, é a de que elas são *remanescentes de nossas próprias existências anteriores na Terra*. Esta explicação não recorre a princípios sobrenaturais ou a qualquer princípio irracional da vida.

Cabe ao leitor escolher entre as duas explicações. Se rejeita a doutrina da reencarnação e se recusa a crer que já tenhamos vivido antes neste plano terreno, ou que já tenhamos tido outras personalidades além da que é geralmente conhecida como a nossa personalidade atual. Então deve acreditar que a grande quantidade de provas científicas da existência de múltiplas personalidades e da fácil manifestação de uma personalidade secundária constituem provas de que a consciência humana pode ser possuída ou afastada por uma outra personalidade, e por ela pode ser escravizada durante um período curto ou longo. Certamente, para a mente sensata e racional, é mais difícil acreditar que Deus tenha permitido nossa escravização por outras personalidades, quando nos criou e em nós infundiu Sua própria Sublime Consciência, do que acreditar na racional doutrina da reencarnação.

16. ALMAS DE ANIMAIS E A DO "NATIMORTO"

Com frequência se quer saber se os animais inferiores em espécie ao ser humano têm alma e o que acontece com essa alma após a transição. Aqui também, incidentalmente, a pergunta sugere que cada animal tem uma alma distinta e separada que, de modo algum, está ligada a qualquer outra alma do universo.

A propósito da suposta alma animal, não podemos saber o quanto conseguimos aprender a respeito da alma humana, por razões óbvias, mas sabemos que existe uma essência anímica geral para todo o reino animal, assim como para os seres humanos do universo. Essa essência anímica universal se infunde no corpo de todo ser vivo do reino animal. Aliás, podemos acrescentar que também existe uma essência anímica universal para todos os seres do reino vegetal e do reino mineral.

Sem dúvida, o elemento de personalidade ou caráter da alma animal passa por estágios de evolução ou desenvolvimento, do mesmo modo que a alma humana. Com isto, quero dizer que o caráter anímico de um cachorro, por exemplo, pode evoluir ou progredir ao longo de várias encarnações, até tornar-se um caráter bem treinado, bem educado e altamente inteligente. Ou seja, a personalidade anímica ou personalidade-alma de um "fox terrier" reencarna em corpos de "fox terrier" de tempos a tempos, e assim evolui para uma personalidade muito inteligente. O caráter anímico de um "fox terrier" continua a encarnar em corpo de "fox terrier", até alcançar certo grau de perfeição e, então, começar um novo ciclo de encarnações num tipo de corpo animal maior ou mais desenvolvido.

Apreciando o ciclo deste ponto de vista, podemos dizer que as personalidades-alma ou os caracteres do reino animal passam por várias encarnações em cada espécie, e depois começam um novo ciclo no estágio superior seguinte ou progressivo do desenvolvimento animal. O estudo do intelecto dos animais, pelos especialistas, revelou progressão de inteligência no reino animal. Alguns desses especialistas consideram o cavalo o animal mais desenvolvido, do ponto de vista de inteligência; outros acham que o cachorro é o mais desenvolvido. O elefante também é situado bem alto nessa escala de progresso. Ainda não se tentou classificar devidamente as diversas espécies de animais deste ponto de vista, e este assunto ainda não atraiu a atenção e o estudo sério que realmente merece.

Teoricamente, pode ser verdade que a alma animal comece seu primeiro ciclo de encarnações terrenas na espécie mais inferior, menor, ou mais insignificante. O tamanho do animal não é um dos fatores para se determinar esse progresso intelectual; sabe-se, por exemplo, que, entre os insetos, a abelha e a formiga demonstram quase o mesmo grau de inteligência evoluída, embora haja uma grande diferença em seu tamanho. Há inúmeros animais muito menores do que as maiores cobras, que demonstram inteligência superior à das cobras, e habilidade para vencê-las em qualquer confronto de intelectos. O rinoceronte, com seu corpo enorme, nem dá sinal de possuir o intelecto de muitos animais pequenos.

A convivência com seres humanos é, indiscutivelmente, um dos fatores do progressivo desenvolvimento do caráter ou da personalidade da alma dos animais. Quanto ao fato do desenvolvimento especial do intelecto desses animais ser devido a treinamento objetivo que eles tenham recebido de seres humanos, ou a Natureza ter decretado que certos animais devessem ser mais desenvolvidos intelectualmente, para servir mais eficientemente ao homem, é questão que ainda precisa ser determinada através de meticoloso estudo. Aqueles que, há alguns anos, se têm dedicado a este assunto, ainda não decidiram se, na Índia e em outras regiões, a convivência de elefantes com seres humanos, que os treinaram para efetuar trabalho muito eficaz e prestar serviço especial, resultou no desenvolvimento de um alto grau de intelecto no elefante, ou se a concepção Cósmica da personalidade-alma do elefante foi originalmente decretada de modo que ela pertencesse a um elevado estágio, a fim de que o elefante pudesse servir ao homem de muitas maneiras. A última hipótese parece constituir a opinião mais generalizada, mas não diminui o efeito que o treinamento pelo homem tenha exercido na inteligência do elefante. Pode ser, realmente, que o elefante tenha sido predestinado a servir ao homem, como o faz, de modo que tenha nascido com alto grau de inteligência, a fim de prestar seus serviços especiais, e que essa inteligência superior tenha sido aumentada e intensificada por treinamento e associação com seres humanos.

Com relação à anatomia estrutural e às características fisiológicas especiais de certos animais, sabemos que elas foram cosmicamente preparadas e particularmente evoluídas para ocupar certos lugares no esquema das coisas e para enfrentar certas condições. O camelo, por exemplo, é muito singularmente qualificado para enfrentar a vida no deserto, onde a água é escassa, e para lutar contra tempestades de areia e outras

condições de vida do deserto. Se ele evoluiu gradativamente para essas características, no sentido fisiológico, ou se foi originalmente criado com elas, é questão que foge ao nosso atual âmbito de estudo. Sem dúvida, a constante luta com certas condições da vida no deserto tendeu a desenvolver, em cada geração de camelo, uma criatura mais eficazmente equipada ou mais preparada para enfrentar tais condições. Se isto é verdadeiro no sentido fisiológico, com toda certeza deve ser verdadeiro no sentido intelectual, mental ou de caráter.

Porém, a ideia de que a personalidade anímica de um animal inferior ao ser humano, possa finalmente evoluir a um grau de perfeição em que esteja preparada para entrar no corpo de um ser humano, como uma espécie de *personalidade-alma humana primitiva*, é uma ideia que se originou em crenças antigas e que não encontra apoio em quaisquer fatos reais descobertos por aqueles que têm passado toda sua vida investigando o assunto.

É provavelmente verdade que o corpo físico do homem, em seus aspectos anatômicos e fisiológicos, atravessou muitos estágios de *evolução material*. Não há dúvida quanto ao fato de que as formas iniciais do homem primitivo eram grosseiras e muito mais rudimentares ou carentes de certos refinamentos, do que a atual forma humana. Há toda a evidência possível para provar que a forma física do homem evoluiu em estágios gradativos, desde uma aparência de fera até à presente aparência refinada. Apesar do fato de que podemos estudar a forma física do homem e seguir de modo retroativo o seu desenvolvimento, até épocas em que seus braços eram mais longos, seus pés maiores, sua cabeça ou capacidade cerebral menos desenvolvida, suas narinas e orelhas maiores, e seus músculos mais fortes, não há motivo para se acreditar que podemos continuar essa linha retroativa de desenvolvimento até a um ponto em que a forma humana não seja mais humana e, sim, *inteiramente bestial*. Em outras palavras, o fato de o homem, em sua forma primitiva, ter sido mais ou menos semelhante a um animal, não justifica a crença de que tenha havido estágios de desenvolvimento anteriores, em que o homem pertencesse à espécie dos macacos, dos gorilas, ou de qualquer outro animal.

O homem, como *espécie distinta*, foi criado ao mesmo tempo que todas as outras espécies animais. A despeito do fato de que, em alguma época do desenvolvimento do homem, seu corpo era muito mais animalesco do que

agora, ele era, nessa época, tão superior a quaisquer outras espécies do reino animal, e tinha certas faculdades e certos atributos fisiológicos, bem como caráter anímico, que o faziam ser, essencialmente, *imagem de Deus*, muito acima de qualquer outra criatura.

O ambiente do homem e seu modo de vida tiveram algum efeito nas alterações fisiológicas que ocorreram em seu corpo, mas sua inteligência e seu caráter anímico em evolução são responsáveis pelas mudanças em seu ambiente e pelos aperfeiçoamentos que ele conseguiu. A Personalidade-Alma do homem sempre lutou para alcançar graus mais altos de desenvolvimento e perfeição, e sempre nutriu o ideal de harmonização cósmica e final unidade com Deus. Isto por si só já elevaria o homem gradativamente a um ambiente melhor que ele criaria para si mesmo, e, embora esses ambientes aprimorados tenham tido sua reação sobre a condição física do homem, a verdade é que o homem fez o seu ambiente, ao invés de o ambiente ter feito o homem.

O uso do sapato exerceu considerável efeito na conformação do pé humano, e há de exercer efeito ainda maior em séculos futuros, pois, o corpo físico gradativamente se ajustará a condições físicas forçadas; mas, afinal, foi o homem quem criou o sapato e é responsável, portanto, pelo efeito que o sapato exerceu sobre ele. O mesmo se pode dizer de muitos outros aspectos da vida do homem. O maior efeito sobre o ser físico do homem, porém, foi o resultado do desenvolvimento do intelecto e da personalidade anímica interior.

O que acontece com o caráter anímico nos animais mais desenvolvidos é algo que não sabemos responder. A eliminação da crença em que um animal em evolução possa algum dia entrar no corpo de um homem selvagem e iniciar sua carreira como personalidade humana deixa-nos sem qualquer explicação ou compreensão do futuro ou da finalidade última do reino animal.

O sentimentalismo, naturalmente, levou muitos a acreditar que a alma de um animal de estimação (especialmente um cachorro muito inteligente, que tenha manifestado muitos traços de caráter ao compreender o pensamento humano) poderá um dia tornar-se a *primitiva essência anímica* de um ser humano. Esta não é uma ideia grosseira ou irreverente, mas é totalmente carente de apoio em qualquer evidência. Consideremos, por exemplo, o cão muito inteligente que acompanhou o Comandante Byrd em sua expedição ao Polo Sul. Esse cão, que sempre fora o líder do grupo de cães que conduzira o

primeiro trenó a todas as regiões desconhecidas das expedições anteriores de Byrd, revelara um alto grau de intelecto, compreensão do homem e intuição. Quando ele foi ferido e mesmo assim insistiu em enfrentar as tempestades do Polo Sul, parecendo estar angustiado quando não pôde mais liderar o trenó da expedição, foi necessário matá-lo e enterrar seu corpo no gelo daquela parte desértica do mundo, para que ele não morresse de inanição ou congelamento, num sofrimento em que nenhum dos homens sequer suportava pensar. Que há de acontecer a esse caráter ou essa personalidade canina altamente evoluída? Os homens que amavam aquele cão gostariam de pensar ou crer que algum dia ele renasceria e alcançaria um estado superior de desenvolvimento. Isto é possível, mas nada pode garantir nossa crença em que o desenvolvimento desse caráter anímico terá lugar no corpo de um ser humano, mesmo que este pertença à mais primitiva forma de desenvolvimento.

Tudo o que sabemos da alma humana indica que ela é parte integrante da Divina Alma Absoluta do universo, que é a Consciência e Sublime Essência de Deus; e que essa Consciência e Essência Criativa foram estabelecidas no universo por Deus, que se faz presente na imagem de Sua própria semelhança, como uma espécie definida do reino animal, denominada *homem*. Essa Divina Alma Absoluta, que provê as personalidades anímicas humanas de todo o universo, tem de sempre existir intacta, já que Deus criou a humanidade e nunca a aumentou nem diminuiu através de qualquer dos processos de evolução que estão ocorrendo nas manifestações inferiores da Natureza.

O próximo ponto interessante relativamente à alma humana diz respeito às personalidades-alma que estavam destinadas a entrar em corpos humanos quando do nascimento destes, mas que não puderam fazê-lo devido a alguma interferência na vida dos corpos. É comum perguntar-se o que ocorre quando um corpo humano vem à luz sem vida ou não atinge o desenvolvimento embriônico total.

É preciso notar que um caráter anímico humano, ou personalidade-alma, não começa a se manifestar num corpo humano antes que o primeiro sopro de vida penetre suas narinas. Sabe-se que a alma que está prestes a entrar num corpo fica pairando sobre a gestante, envolvendo a mãe e o filho algum tempo antes do nascimento; e, sem dúvida, algo da essência anímica se infunde em todos os pontos do corpo da mãe e do feto; mas não há manifestação dessa alma no corpo da criancinha antes que ela comece a

respirar, tornando-se uma, *entidade distinta*, num sentido fisiológico e psicológico. Em todas as escrituras sagradas do passado, se pode encontrar a mesma ideia que é expressa clara e categoricamente no livro de Gênesis. O corpo do homem é formado do pó ou dos elementos da Terra, mas não se torna alma vivente antes que o sopro de vida penetre em suas narinas ou nele seja introduzido, de modo que ele se torne vivo em consciência e em todas as suas funções.

Portanto, uma alma atraída do Cósmico para um feto, envolve o corpo da mãe e do feto que aguarda nascimento. Se a criança já nasce morta ou não consegue respirar, se nasce prematuramente sem vida, ou se é destruída ou fatalmente ferida nos primeiros estágios de seu desenvolvimento embriônico, a alma não consegue entrar no corpo, no sentido funcional. Tão logo o pequeno corpo é separado da mãe e deixa de ser vitalizado, perdendo totalmente a vida, a personalidade-alma que aguardava com sua essência vital retorna ao Cósmico, de onde proviera, e não ocorre sua encarnação ou existência terrena no pequenino corpo.

Qual o efeito que isso pode ter no caráter anímico não se sabe, e constitui mera especulação expressar mesmo uma opinião. Se o corpo recém-nascido respirar pelo menos algumas vezes, ou os órgãos tiverem consciência das funções do corpo por um breve período, ainda que seja por apenas uma hora ou duas, a alma terá entrado nesse corpo e iniciado sua vida terrena. Se sobrevém a transição logo após, ela é semelhante à transição que ocorre em qualquer momento durante a vida terrena de qualquer indivíduo. Isto é tudo o que se pode dizer sobre este assunto com verdadeiro conhecimento.

A crença em que qualquer destruição ou lesão praticada contra o embrião implica lesão da alma é apenas uma ideia sentimental, com genuína atitude mental de reverência. Indiscutivelmente, a destruição do corpo humano ou do embrião em qualquer estágio de sua existência, desde a concepção à maturidade, é um pecado contra o processo da Natureza e, portanto, contra os desígnios de Deus. Mas é um equívoco pensar que qualquer destruição ou lesão possa ter qualquer efeito na alma da criança, pois, mesmo após o nascimento, nenhum acidente ou lesão que sofra o corpo de um ser humano poderá ferir ou danificar a Divina, Imortal Essência e Consciência da alma.

17. RECORDAÇÕES DO PASSADO

Um dos argumentos muito frequentemente usados na tentativa de refutar a possibilidade da reencarnação é o seguinte: se já vivemos antes e nossa memória retém algum conhecimento dessa existência anterior, por que não nos lembramos de evento algum de nossas vidas precedentes?

Deve-se notar que esta pergunta, como quer que seja formulada, sempre inclui a afirmação ou implicação categórica de que ninguém se lembrou jamais de coisa alguma de suas encarnações anteriores. Esta pergunta não é realmente uma pergunta, e sim uma afirmação, e torna impossível qualquer contestação, já que supõe, logo de partida, que ninguém se lembra de coisa alguma de vidas passadas. .

Esta atitude é absolutamente injusta, por duas razões. Em primeiro lugar, ninguém tem o direito de supor que, pelo fato de não ter recordações claras de uma existência anterior, ninguém mais tem; e, em segundo lugar, não é correto supor que a mente não nos revela, ocasionalmente, imagens reais do passado, que não compreendemos ou não relacionamos com o passado.

Para ilustrar este ponto, relatarei uma conversa muito recente e oportuna. Um homem de negócios, de ideias religiosas conservadoras ou ortodoxas em total dissonância com a doutrina da reencarnação, procurou-me a propósito de meus planos para uma viagem ao Egito e à Palestina com muitos de meus colaboradores. Ele admitiu francamente que, embora não estivesse interessado nas pesquisas que pretendíamos fazer, ou em quaisquer das cerimônias de que participaríamos no Egito, sentia um profundo desejo de visitar aquelas regiões estrangeiras, mas não queria viajar sozinho. Agora que algumas pessoas de sua cidade, que ele conhecia relativamente bem, iam viajar conosco, ele desejava ir e desfrutar de nossa companhia naquela viagem. Sabendo, em função de seus comentários anteriores, que ele estava em total desarmonia com muitas das ideias expressas neste livro, perguntei-lhe, sem rodeios, por que queria ir ao Egito e à Palestina de preferência a qualquer outra viagem turística. Sua primeira resposta foi: "-Porque sempre senti um estranho fascínio ou uma atração especial por alguma parte do Egito e da Terra Santa".

Tentei analisar sua declaração e descobrir que parte do Egito, ou que aspectos do Egito e da Terra Santa eram responsáveis pela atração que ele

sentia. Suas respostas foram sempre indefinidas, vagas, até que consegui arrancar dele o seguinte:

"Bem, desde jovem senti que certas fotografias que via do Egito ou da Palestina eram mais interessantes para mim do que as de qualquer outra parte do mundo. Não me refiro a fotografias das agitadas ruas de comércio do Cairo, mas, de algumas aldeias distantes do centro. Sempre senti que haveria de encontrar ali, ou de descobrir em alguma daquelas localidades, algo que seria extremamente interessante, e talvez, de algum modo, pessoalmente proveitoso para mim."

Com um pouco mais de insistência, ele admitiu, relutantemente, que algumas das cenas que vira, de aldeias e populações de costumes nativos, haviam-lhe parecido "algo" familiares, e acrescentou que este fato o levava a ler muitos livros sobre a história e os costumes do Egito e da Terra Santa. E, em alguns trechos que descreviam incidentes de alguns séculos atrás, pareceu-lhe sentir certa familiaridade, ou *afinidade simpática*, como ele expressou, que aumentou a atração que sentia por aquelas regiões. Não pude deixar de sorrir quando ele admitiu isso, com aquela relutância, pois logo percebi exatamente o que ele havia vivenciado, e também sabia que seria inútil, então, dizer-lhe por que certos incidentes da história, relacionados com certas localidades e cenas, certos povos e lugares, lhe eram "algo" familiares. Sei que, se tivesse pressionado minha interrogação o suficiente, ele teria admitido que algumas daquelas cenas lhe eram familiares como se as tivesse visto alguma vez em sonho. Mas isto teria provocado sua suspeita e o teria feito sentir que eu o estava levando a admitir coisas que ele preferia não admitir, de modo que resolvi suspender a conversa.

A experiência desse homem é típica da que pode ser constatada na vida da média dos seres humanos. Creio que, em minha vida, já interroguei talvez dez mil pessoas quanto às chamadas recordações do passado. Não as denominei assim, mas, perguntei francamente a essas pessoas: "em seus momentos de meditação, contemplação ou devaneio, não percebem cenas, lugares, pessoas, prédios, residências, que surgem em sua mente como quadros ou imagens familiares"? Se esta pergunta é feita antes que se fale de qualquer coisa sobre reencarnação, a pessoa comum, que podemos encontrar em todos os setores da vida, acaba admitindo francamente que, em seu caso, isso é verdade e ela tem muitas vezes pensado nisso e tem ficado intrigada. Se a pessoa a quem é feita a pergunta viajou muito, especialmente para países estrangeiros, ela

geralmente acrescenta que, "quando eu estava viajando por tal país, fui subitamente surpresa ao me deparar com uma cena, em frente a um prédio (parque, praça pública, ponte, ou qualquer outro cenário), que senti como réplica exata de algo que já vira mentalmente muitas vezes, mas que nunca vira na vida real".

Quando essas pessoas dizem que se depararam com cenas que nunca tinham visto antes na vida real, sempre querem dizer que nunca as tinham visto *nesta vida ou nesta encarnação*, e acabam afirmando, francamente, que era a primeira vez que tinham viajado para os lugares daquelas cenas ou haviam estado em qualquer lugar próximo àquelas cenas familiares, em sua existência terrena atual. Se então levantarmos a questão da reencarnação e lhes perguntarmos se não seria possível que sua familiaridade com aquelas cenas fosse devida a terem vivido no local das mesmas numa encarnação anterior, verificamos que algumas têm a mente suficientemente aberta para perceber a possibilidade disto e admitem que pode ser verdadeiro, enquanto outras imediatamente afirmam que, como não *acreditam* na reencarnação, não podem encarar essas coisas como indício de terem vivido antes.

Isto significa que temos de deixar essas pessoas oferecerem uma outra explicação teórica para o porquê e o como surgem cenas em sua consciência, com certo grau de familiaridade, mas que elas nunca viram realmente. As explicações então propostas são por vezes divertidas e, naturalmente, associadas a princípios sobrenaturais extremados ou leis mentais impossíveis. Em outras palavras, essas explicações não explicam nada. E, no entanto, essas pessoas nos asseguram seriamente de que não têm recordações de qualquer existência anterior e, portanto, seguramente não podem ter vivido em qualquer outra época.

Por outro lado, quase toda a pessoa que leu alguma coisa sobre eventos históricos em outros países e outras épocas, diferentes dos atuais, sentiu-se estranhamente afinada com a história de certos períodos ou lugares, e sente-se mais atraída pela história desses lugares do que de outros. Às vezes, esse interesse relaciona-se com lugares da América do Norte, ou mesmo do Estado onde a pessoa vive; outras vezes, com lugares situados a algumas centenas, ou alguns milhares ou muitos milhares de milhas.

E há muitos seres humanos que, em momentos de reflexão, relaxação, ou devaneio, sentem-se retroceder no tempo, por assim dizer, para uma rápida visão de cenas e incidentes que parecem se esforçar para emergir da névoa de

memórias do passado, mas não conseguem se revelar com toda a clareza e distinção que permitiria perfeito reconhecimento. As pessoas que vivem esta experiência ficam frequentemente perplexas, não somente ante as imagens peculiares que conseguem chegar ao limiar da clara percepção, mas também ante a multiplicidade de cenas que parecem surgir num "flash", muito rapidamente, no plano de fundo de sua consciência. Há também muitos indivíduos que sentiram determinadas impressões emergirem das profundezas de sua consciência, as quais parecem relacionadas com sua própria vida numa época ou num período passado há muito. Esses indivíduos também ficam perplexos com essas coisas, mas raramente as associam a algo parecido com uma existência anterior.

Ora, que devemos exatamente esperar quanto à recordação de eventos de uma vida passada? Será lógico o ser humano comum esperar que os eventos de uma vida anterior estejam registrados numa memória tão próxima ao limiar de sua consciência presente que ele possa facilmente cruzar esse limiar, ou transpor o véu que separa o passado do presente, e trazer as imagens daqueles eventos à luz da realidade? Admitindo que a memória que temos agora é a mesma memória que tivemos numa vida anterior, e admitindo que, em seus arquivos, essa memória retém todas as imagens e impressões nela registradas em todas as nossas existências terrenas, será lógico supor que deva ser uma coisa fácil e simples alcançar esses arquivos e liberar seus registros *à vontade*, obtendo imagens claras e perfeitas relativamente a qualquer época? Se o leitor acha que isto é lógico, então é razoável que eu pergunte por que não lhe é possível recorrer agora ao seu arquivo da memória e dele extrair todas as cenas, todas as imagens relativas aos eventos de sua vida na atual encarnação, que se registraram durante o segundo, o terceiro e o quarto ano de sua infância. Pode fazer isto?

Talvez me responda dizendo que consegue lembrar-se de certos incidentes de sua infância e de sua adolescência muito claramente. No máximo, talvez consiga me relatar dez incidentes claramente registrados em sua mente e facilmente lembrados, relativamente aos seus primeiros anos de vida. Mas pense nos milhões de outras impressões e imagens que estão registradas em sua memória e que não consegue recordar. As poucas de que pode falar constituem uma fração ou parcela tão pequena que mal merece ser mencionada como exemplo de recordação.

Examinemos as poucas impressões que consegue lembrar, para ver o quanto elas são claras e bem distintas. Lembra-se da primeira vez que lhe foi

permittedo brincar na rua ou com os vizinhos? Talvez responda destacando um incidente relacionado com esse importante evento de sua vida. Mas, se analisarmos esse incidente, verificaremos, antes de mais nada, que há alguma coisa incomum relacionada com o mesmo, a qual não somente impressionou o próprio leitor muito profundamente, na ocasião, mas impressionou também a seus pais ou parentes, ou seus companheiros, levando-os a falar disso frequentemente. Esse evento pode ter ocorrido em seu segundo ano de vida, ou no quarto ano, mas o próprio leitor pode verificar que ele foi provavelmente discutido e comentado em sua casa, durante vários anos subsequentes, de modo que não só foi registrado em sua memória muitas vezes, mas, pela repetição de sua descrição, do relato do mesmo, ele foi estendido ao quinto ou sexto ano de sua vida. Depois, talvez muitas vezes durante seu oitavo ou nono ano, facilmente se lembrou desse evento e o comentou, ou escutou outras pessoas falarem dele, e assim ele foi novamente trazido dos velhos registros do passado para o presente e mais uma vez registrado em seu oitavo ou nono ano, embora tivesse ocorrido no segundo, no terceiro ou no quarto ano. Em seguida, talvez aos seus doze anos, foi esse evento de novo lembrado, por algum acontecimento semelhante ou alguma conversa em família, e, mais uma vez, aquela imagem, aquele incidente que já estava se tornando algo vago, prestes a se perder nas brumas do passado, foi reativado, acentuado, fortalecido em seus detalhes e novamente registrado.

Isto pode ter acontecido tantas vezes em sua vida que aquele particular incidente, entre milhões de outros, tenha sido relembrado de tempos a tempos e transferido do *passado* para *agora*, a tal ponto que, quando deseja recordá-lo agora, basta-lhe remontar à última vez em que o registrou para reativá-lo, para trazê-lo à tona e o examinar.

O leitor há de admitir que um incidente como esse não representa todos os incidentes do seu passado. Para provar isto, pode tomar qualquer incidente de sua infância, que lembre com facilidade, e, após tê-lo descrito ou pintado com todo o seu realismo, fazer a si mesmo a seguinte pergunta: "Que fiz no dia seguinte a esse incidente, ou que fiz naquela mesma tarde ou noite"? Certamente, se o leitor pode sondar o seu passado com facilidade e rapidamente entrar em contato com certo dia ou hora de sua vida de criança, deveria ser capaz de correr os dedos da recordação pelos silenciosos registros da memória, e, nas poucas linhas seguintes, relembrar o que aconteceu algumas horas após aquele incidente. Pode fazer isto?

Os poucos incidentes da infância que são facilmente lembrados não são apenas aqueles que foram reativados de tempos a tempos, como foi acima exposto, mas, geralmente, estão muito distanciados uns dos outros, em natureza e época, e as grandes lacunas entre esses eventos permanecem absolutamente esquecidas. Não tende isto a provar que, embora um perfeito registro de todos os eventos do passado seja retido na mente, a recordação dos mesmos não é fácil, já que não é dado ao homem livre acesso a todas essas impressões?

Se o leitor perguntar por que não é fácil recordar todos os eventos de um certo dia ou mês, vinte e cinco anos atrás, do mesmo modo que é fácil lembrar os eventos de ontem ou da semana passada, cabe-me salientar o fato psicológico de que nossa atual autoconsciência é como um ponto central num grande quadro, e esse quadro contém os eventos dos últimos dias. A medida que retrocedemos, passando pelos dias recentes, o quadro vai se tornando vago, indefinido. Hoje estamos conscientes não só de nós mesmos e do nosso ambiente imediato, mas das coisas que fizemos esta manhã e dos planos que fizemos para esta tarde, para a noite e para amanhã. Agora mesmo, estamos no centro de um turbilhão de impressões, e isto nos confere consciência de nós mesmos e de nossas relações com pessoas e lugares. Mas o homem logo perderia a sanidade mental e se tornaria irremediavelmente louco se persistissem no limiar de sua atual consciência as vivas e vibrantes impressões de todas as coisas que ocorreram em sua vida passada ou desde sua infância.

Com o passar de cada dia, as imagens e impressões que estiveram vivas e ativas na consciência são lentamente apagadas e transferidas para os arquivos da memória. Isto é análogo ao trabalho da bibliotecária que, todas as manhãs, ao encontrar exemplares de novos números de revistas e periódicos em sua mesa, se dirige à sala de leitura da biblioteca e aí coloca esses novos números, recolhendo os que estão ficando velhos e colocando-os no arquivo para que possam ser encontrados quando solicitados. Se os velhos números fossem acumulados enquanto os novos fossem constantemente acrescentados, logo haveria tal amontoado de publicações na mesa de leitura que seria difícil encontrar os novos números entre os velhos.

Assim vemos que, embora os registros do passado sejam arquivados indelevelmente, só podem ser lembrados por associação de ideias ou por algum processo especial que nos permita escolher uma impressão ou cena por vez, e trazê-la para o presente. Às vezes, graças à associação de ideias ou

semelhança de cenas e eventos, uma imagem ou impressão do passado é trazida à consciência atual. Quanto mais velha essa impressão ou imagem, mais vaga e indefinida, até que algumas são como fantásticos esboços numa superfície transparente, através da qual podemos ver tão claramente que a imagem superficial é quase invisível. Se isto é verdade quanto a eventos que ocorreram em nossa vida atual há não mais de trinta, quarenta ou cinquenta anos, imagine o leitor como têm de ser indefinidas as impressões arquivadas na memória e que datem de cem ou duzentos anos.

Segundo os ciclos de reencarnação, a média das pessoas hoje em dia teria encerrado sua encarnação anterior na Terra há mais ou menos cem a cento e trinta anos atrás. Isto significa que qualquer pessoa teria de retroceder pelo menos cento e trinta anos para colher impressões os últimos anos dessa existência anterior. Se trinta ou quarenta anos podem enfraquecer imagens e impressões, cobrindo-as com um misterioso véu de imprecisão, cem anos hão de seguramente torná-las extremamente vagas e esmaecidas. Somente as mais impressionantes, as psicologicamente mais fortes, e mais importantes dessas velhas imagens e impressões, talvez escritas ou impressas com sangue e dor, sofrimento, tribulação e ansiedade, ficariam tão indelevelmente impressas que conservassem seu brilho até o presente. Não é de admirar, então, que em nosso devaneio e em nossa meditação, ocorram apenas vagas imagens e impressões de cenas familiares, e essas coisas nunca são frívolas ou associadas tão-somente a condições transitórias. São impressões de uma cidade ou de um edifício, de um povo, um parque, uma ponte, ou quaisquer outras coisas que constituam as imagens registradas que se tenham acumulado na memória ao longo de anos de sério contato com as mesmas e estejam, portanto, mais indelevelmente impressas do que os meros eventos passageiros de um dia ou uma hora.

Mas há seres humanos que, por vezes, descobrem muitas recordações definidas com relação a certos eventos que foram muito importantes em sua vida passada. Numa de minhas viagens pela Europa, um companheiro que procurava certo castelo que vira em fotografias e lhe parecera familiar, súbita e inesperadamente deparou-se com o mesmo. Já era quase noite, de modo que, por meio de luz artificial, ele viu apenas o que restava de um velho portão de ferro numa muralha enorme. Essa muralha não constava da fotografia que ele tinha na mente. Mas, quando ele se pôs diante do portão, perguntando-se para onde ele daria, de repente lembrou-se ou sentiu certa familiaridade com aquela abertura na muralha. Voltando-se para mim, disse:

"Se há uma porta pequena dentro desta muralha, pela qual uma pessoa pode descer alguns degraus e passar por baixo da muralha, então, eu sei onde estou".

Com nossas lanternas, entramos na velha e abandonada muralha e encontramos, a uns quinze metros adiante, uma outra abertura, parcialmente obstruída com restos de madeira e plantas, e que permitia descer doze degraus para um túnel por baixo da muralha. Este, por sua vez, levava a uma câmara subterrânea, que meu companheiro descreveu perfeitamente antes que nela entrássemos. Voltando para a estrada e finalmente para o nosso hotel, aguardamos o amanhecer e, então, encontramos, no centro dessa área amuralhada, o velho castelo que ele tantas vezes descrevera em nossas entrevistas nos Estados Unidos e que estivera procurando na Europa. O interior dessa grande construção era exatamente como ele o descrevera e, inclusive, tivemos alguma dificuldade para abrir uma porta para uma outra passagem subterrânea e uma outra câmara, que meu companheiro descreveu com precisão antes de entrarmos, e que, segundo nosso guia e as autoridades da aldeia, não era aberta havia cem anos ou mais, por causa de seu estado perigoso e da dificuldade para alcançá-la.

Meu companheiro sustentou que, ou vivera ou trabalhara naquele lugar e na sua vizinhança, e que suas obrigações o levavam especialmente a esses locais subterrâneos, que provavelmente eram adegas em sua época. Cito este exemplo para mostrar que uma imagem, uma impressão, ou um pensamento pode se associar a outro e servir como chave para desvendar inúmeras imagens e impressões correlatas. A visão daquele velho portão, na muralha, trouxe à mente daquele homem o fato de que havia uma outra passagem arqueada que levava a uma câmara subterrânea. Disto ele nunca se lembrara em todas as outras vezes em que me falara desse castelo e de seus inúmeros compartimentos. Muitas vezes, a visão de uma parte de um prédio ou de uma cidade traz instantaneamente da memória outras imagens e impressões associadas, que nos parecem tão familiares que sentimos que poderíamos descrevê-las, pintá-las, e até estender a mão e tocá-las.

De onde vêm essas impressões, essas imagens? Não de nossa experiência na vida atual, seguramente, pois, a maioria dessas coisas está relacionada com lugares muito distantes, onde nunca estivemos na vida presente.

E temos também os casos bastante frequentes em que uma criança, ou um adulto, sofrendo alguma condição mental ou psicológica anormal, entra num

estado em que o arquivo da memória é subitamente aberto e revela grande quantidade de impressões e imagens, com plena nitidez e sem restrições.

Um caso deste tipo foi o de uma jovem que estava num hospital de Montreal. Ela só falava francês e não sabia coisa alguma de qualquer língua estrangeira, nem tinha boa instrução. Essa jovem estava naquele hospital para uma operação contra a qual protestava e lutava com todas as forças de seu pequeno corpo. Finalmente, quando chegou a hora da operação e os médicos estavam prontos para levá-la para a sala de cirurgia, ela fez mais um grande esforço para lutar contra eles. Em sua fúria selvagem, em seu desvario, ela se entregou a um estado de histeria, em que gritava, ria e chorava. Incontrolável, ela estava prestes a ser amarrada a uma cadeira, quando sua fúria recrudescceu e ela falou do modo mais violento que os médicos e as enfermeiras já haviam testemunhado. Desta vez falou em perfeito inglês, dizendo-lhes que já fora uma vez submetida àquela operação, quando tinha trinta e cinco anos de idade, numa vida anterior, e sofrera tanto que se recusava a passar por essa operação novamente. Revelou seu nome, o nome de sua família, o nome da cidade onde havia morado e muitos outros incidentes daquela vida anterior e, de repente, voltou a ficar quieta; mais tarde, não se lembrou do que havia dito ou de ter expresso aquelas ideias. Seu uso de um inglês perfeito e a estranheza dos fatos que ela relatara induziram as autoridades a fazer uma investigação, que foi continuada por várias organizações e diversos jornalistas. Constatou-se, na cidade onde ela dissera ter vivido e passado pela transição, que uma mulher da idade indicada e com o nome citado vivera ali uns oitenta anos antes e ali mesmo falecera, e até seu túmulo e sua lápide foram localizados, comprovando o nome e a data.

Não faz muito tempo, na Índia, uma jovem, por causa de uma doença, entrou num estado psíquico diferente, afirmando então que se lembrava de uma vida passada e sabia onde seus parentes anteriores podiam ser localizados. Eminentemente pesquisadores acompanharam a jovem à cidade que ela mencionara e que nunca vira em sua vida atual. Ela os guiou por certa estrada previamente descrita à determinada casa, e ali, embaixo do piso de um dos quartos, na condição e na posição que ela predissera, foi encontrada uma velha caixa contendo registros idênticos aos que ela mencionara antes. Esses registros provaram a identidade da jovem e confirmaram a sua história.

Centenas de incidentes como estes foram registrados no passado e confirmados por todos os pesquisadores que os examinaram. Uma lista

completa de tais casos dariç1 uma leitura interessante, mas o livro que a contivesse seria volumoso demais. Negar esses fatos é negar conhecimento público indiscutível.

Cada um de nós guarda em sua memória, nos fechados ou selados livros do passado, um registro completo de suas passadas experiências, impressões e atividades. Esse registro nos serve de vez em quando, sob forma de lições aprendidas e experiências a serem usadas como padrões para nos guiar em nossa vida presente. Mas o fato de não podemos facilmente lembrar essas coisas e trazê-las à tona, como podemos fazer com os eventos de ontem, não é prova de que elas não existam, pois, quando a ocasião assim exige, ou quando elas podem servir a algum propósito, estão sempre disponíveis; e todas as pessoas que adquiriram considerável experiência na prática de certas leis psicológicas, metafísicas e místicas, já extraíram impressões suficientes do passado, para comprovar, pelo menos, uma ou duas de suas muitas encarnações anteriores.

18. O MEDO DA MORTE

Talvez um dos mais belos e satisfatórios resultados da compreensão da doutrina da reencarnação seja a total eliminação, de nossa consciência, de qualquer temor da chamada morte.

Conheci em minha vida, muito intimamente, e entre meus parentes mais chegados, pessoas que sofreram intensamente no fim de sua vida devido a esse inconfessado mas poderoso medo da inevitável transição. Entre elas havia várias pessoas que eram, sem dúvida, cristãos sinceros e devotos, e cuja única felicidade consistia na contemplação da transição, por acreditarem que, levando uma vida cristã, estariam salvas dos tormentos do Inferno. No entanto, não encontraram felicidade ou alegria na perspectiva de um longo período de existência inconsciente num desconhecido reino etéreo, aguardando o dia do Juízo Final.

O cristão comum acredita que, por ocasião da transição, sua alma penetra em reinos desconhecidos, para passar por experiências também desconhecidas, e depois fica em estado de esquecimento por um imenso período, aguardando o dia do Juízo, antes de desfrutar as recompensas da virtude ou do reto viver. Mas estremece de medo, porém, de pensar nesse longo período de sono ou perda de consciência.

Um indivíduo pode dizer o que queira, e cantar os hinos de uma religião, rejubilando-se com o fato de que, tendo sido considerado bom e digno, passará a viver no Espírito de Deus; entretanto, persiste o fato de que, na intimidade do seu pensamento, ele é como milhões de outros indivíduos que não veem perspectiva de qualquer felicidade ou prazer em aguardar um certo dia de Juízo, tão distante que um período aparentemente interminável de tempo deva ser passado em total inconsciência ou esquecimento.

Dois fatores participam do generalizado medo da transição, conforme podem ser detectados no coração e na mente da maioria das pessoas do mundo ocidental. O primeiro reside na crença em que a chamada morte pode lhes sobrevir de repente, cortando suas carreiras, suas ambições, seus desejos de consecução, e privando-as de seu sucesso na vida. O homem de negócios que acaba de começar a concretizar as ambições de sua vida, e que está então se empenhando na realização de todas as suas esperanças e todos os seus planos, percebendo que é preciso tempo para que ele veja a materialização de tudo o que criou, é constantemente deprimido e entristecido pelo pensamento

da inexorável figura da morte aproximando-se dele e encerrando tudo para sempre. O jovem que acaba de entrar na plenitude da vida e começa a sentir alguma felicidade, como recompensa por todo um passado de espera, ansiedade, prece e sofrimento, teme que a morte sobrevenha de repente e dê cabo de tudo.

Poderão essas pessoas encontrar algo esperançoso numa ortodoxia do Ocidente? Tudo o que elas podem aprender é que, após o término súbito desta vida, serão imersas num local de purificação, para a purgação de seu corpo e sua mente, cheios de pecados; ou, se isto não acontecer, entrarão num sono extremamente longo e inconsciente, mais obscuro e vazio do que qualquer coisa que tenham conhecido na vida, e que permanecerão neste estado por um tempo aparentemente interminável, talvez milhões ou bilhões de anos, e depois, subitamente, serão postas ante o Grande Juiz e, ou receberão recompensas eternas, ou serão condenadas a um lugar de punição e purgação. Haverá algo alentador nesta visão ou neste quadro do futuro?

Haverá algo alentador na ideia de que, ao término desta vida, quando sobrevier a morte, seremos responsabilizados pelos pecados que herdamos de Adão e Eva e dos nossos antepassados, bem como por aqueles que cometemos por ignorância e falta de compreensão, e que sofreremos por causa dessas coisas, sem termos oportunidade de desfazer os males cometidos, lavar os nossos erros, e levar uma vida virtuosa? Se nossa transição significa o fim de toda a nossa existência terrena, e que aquilo que formos no momento da transição constituirá o quadro ou registro pelo qual seremos julgados para sempre, então, a transição há de ser o começo de um período de sofrimento, aflição e arrependimento. Nossa natureza clama alto contra a injustiça desta ideia. Até as leis do homem, precariamente inventadas ou imperfeitamente concebidas, são mais justas, pois ninguém é responsabilizado pelos erros de outrem, e a incapacidade de um indivíduo para conhecer as leis e se redimir é levada em consideração.

A compreensão da doutrina da reencarnação muda toda a nossa visão da vida. Em primeiro lugar, permite-nos entender que os maiores pecados que herdamos são aqueles que nós mesmos cometemos e pelos quais somente nós somos responsáveis. Além disso, leva-nos a compreender que os erros que cometemos aqui e agora, por ignorância ou falta de compreensão, podem ser compensados; a lousa pode ser apagada para um novo começo, a fim de que possamos levar uma vida cheia de alegria e mais uma vez tentar alcançar a meta com um registro limpo. Ajuda-nos a entender as finalidades da vida e a

descobrir os benefícios inerentes a todas as nossas provas e tribulações. Podemos compreender por que pode haver uma lição proveitosa no sofrimento pelo qual passamos se tivermos outra oportunidade de viver e, graças à lembrança dos erros atuais, poderemos evitá-los no futuro. Podemos encarar o inevitável momento futuro da transição sem medo, e mesmo com esperança, se soubermos que ela não representará o fim de todas as nossas experiências, mas apenas a interrupção de uma jornada e o começo de outra.

Pela compreensão da doutrina da reencarnação, somos preparados para seguir adiante e criar, construir e desenvolver nossos planos e pô-los em ação, entendendo que, se o que quer que estejamos fazendo for a verdadeira missão da nossa vida, nela deveremos empenhar todo o nosso esforço, o melhor possível, sem o menor temor de que essa missão possa ser subitamente interrompida e nossos desejos fiquem insatisfeitos. Se a transição sobrevier antes que tenhamos completado a grande obra que aqui tenhamos iniciado, sabemos que, se ela for realmente a nossa grande missão na vida, voltaremos e a reassumiremos, levando-a à sua grandiosa realização.

A doutrina da reencarnação nos ensina que a chamada morte não é o começo do nosso aniquilamento, ou de um longo ou interminável sono, ou de um eterno período de esquecimento, mas apenas uma transição da consciência terrena, que de modo algum afetará a consciência interior ou consciência do Eu, e que, ao invés de um longo e obscuro sono, estaremos vivos, entre os vivos do reino Cósmico, aprimorando-nos conscientemente e nos preparando para uma nova oportunidade, um novo período de existência terrena e esforço pessoal. Este conhecimento das leis faz com que estejamos preparados para o futuro, a despeito da transição, e nos leva a entender que nada há na transição a ser temido e nada deve ser motivo de remorso, se vivermos em conformidade com os mais sublimes ideais do Cósmico.

A doutrina da reencarnação nos assegura que, se seguirmos o Grande Mestre, vivendo o verdadeiro espírito cristão, ou seguindo os mais elevados ensinamentos da nossa religião, qualquer que ela seja, ganharemos certas recompensas que nos fortalecerão e prepararão para uma outra vida, em que poderemos conquistar mais recompensas e alcançar um estado mais elevado de desenvolvimento.

Através dessas sucessivas existências na Terra, podemos atingir a perfeição e o grau de espírito cristão, em nossa consciência, que nos tornarão aptos para nos apresentarmos ante o Grande Juiz e recebermos a mais alta

bênção.

A pessoa que aceitou a doutrina da reencarnação sabe verdadeiramente que não há morte. Não é como o indivíduo que canta hinos e proclama que "não há morte" mas teme-a em seu coração, lutando contra os ditames da natureza quando vem a hora de abandonar o velho e exaurido corpo e assumir uma nova vida. Ela é uma pessoa cheia de alegria, feliz no conhecimento de que, conforme semear hoje, assim colherá; de que sofrerá pelo mal que tiver praticado, mas receberá toda oportunidade de fazer compensação e se redimir, e novamente viver, em consonância com os mais sublimes ideais. Onde quer que encontremos alguém que compreenda essa doutrina, aí encontraremos uma pessoa alegre, feliz, bem-sucedida, como que divina, amável, tolerante e compassiva. Acima de tudo, porém, veremos que essa pessoa não teme o futuro, nem a transição, e não sente horror ante a chamada morte.

19. PERGUNTAS E RESPOSTAS

Talvez seja mais interessante cobrir as objeções e questões usualmente levantadas quanto à doutrina da reencarnação, escolhendo as principais perguntas de uma grande quantidade de correspondência e publicando-as com suas respostas.

Pergunta: Por que não ouvimos eminentes ou famosos cientistas e clérigos falarem da reencarnação? Não será isto uma indicação de que essas pessoas não aprovam esta doutrina?

Resposta: Dificilmente se pode esperar que clérigos, ou pessoas que sejam representantes oficiais de credos ou movimentos religiosos (especialmente os que não incluem a doutrina da reencarnação), promovam esta doutrina ou a endossem, qualquer que seja sua opinião pessoal. Por outro lado, muitos clérigos e cientistas eminentes endossaram os princípios da doutrina da reencarnação. Especialmente os cientistas fizeram, com frequência, declarações públicas a este respeito, como as fizeram muitos destacados e bem sucedidos homens de negócios. Exemplos típicos destas duas classes são Sir Conan Doyle e o Sr. Henry Ford. Devemos lembrar, contudo, que poucas pessoas andam com sua religião escrita na testa e bem poucas, realmente, desejam proclamar suas crenças religiosas ou filosóficas; o mero silêncio por parte de qualquer pessoa, quanto a tais crenças, de modo algum indica os pensamentos que de fato passam por sua mente. Se você conseguir que pessoas proeminentes lhe revelem confidencialmente suas opiniões e crenças pessoais, talvez fique surpreso com o que elas disserem.

Pergunta: Por que o senhor não publica uma lista de todas as pessoas proeminentes, ou de todos os pensadores famosos, que endossaram a doutrina da reencarnação?

Resposta: Simplesmente porque essa lista seria injusta se não fosse completa, e uma lista completa daria um livro muito volumoso, que poucas pessoas se interessariam em ler. Em segundo lugar, a doutrina da reencarnação não é proposta ou apresentada a alguém como algo que deva ser aceito em função de endossas eminentes. Muitas das mais notáveis falácias ou teorias ilógicas que tiveram aceitação popular foram, em alguma época, oferecidas ao público exclusivamente em função de respeitável endosso científico ou eclesiástico. Milhares de pessoas foram queimadas em fogueiras ou assassinadas em seus lares, porque se recusaram a aceitar doutrinas, ou

dogmas, respeitavelmente promovidos pelos representantes daqueles que os endossavam. No entanto, posteriormente, verificou-se que esses mesmos princípios ou dogmas eram falsos. No passado, milhões de pessoas aceitaram pela fé as ideias e crenças de outrem, apenas para descobrir que foram tão verdadeiramente enganadas, por esse endosso eminente, como por seu próprio discernimento. A doutrina da reencarnação não foi difundida por todo o mundo para se tornar uma orientação importante na vida de milhões devido a qualquer endosso, mas, através de bom senso, raciocínio lógico por parte das pessoas que dirigiram seu próprio pensamento para os mistérios da vida e a análise dessa doutrina. Se o seu próprio discernimento não pode persuadi-lo da razoabilidade da doutrina da reencarnação, você não deve aceitá-la pela força da fé de uma outra pessoa ou pelo endosso de quem quer que seja.

Pergunta: Como fica a ideia ou a crença na ressurreição do corpo, se a doutrina da reencarnação é verdadeira?

Resposta: Se é verdade que virá o dia em que todos os corpos físicos desagregados, no mundo inteiro, terão seus componentes novamente reunidos, o pó de seus ossos restaurado, e a forma física das células de sua carne restabelecida, de modo que eles se erguerão dos túmulos para ascender aos Céus, nada há na doutrina da reencarnação para refutar isto. A personalidade ou alma de uma pessoa poderá reencarnar mil vezes e, mesmo assim, permanecer finalmente no Céu, aguardando a ressurreição do último corpo físico que possuiu. Qualquer que seja a verdade, há de se manifestar, e, se a doutrina da reencarnação é verdadeira, não pode ser contrária a qualquer outra doutrina que também seja verdadeira.

Pergunta: E o caso dos gêmeos? Se dois corpos nascem praticamente no mesmo minuto, haverá então dois segmentos da alma ou duas personalidades para eles, ou somente uma?

Resposta: Fisiológica e biologicamente, os corpos de alguns gêmeos são "idênticos", e tiveram origem na mesma concepção. A mesma personalidade-alma que fora destinada a um corpo seria então dividida entre os dois, e passaria a residir em ambos, neles manifestando-se por toda a vida. É por isto que alguns gêmeos têm a mesma índole, as mesmas tendências, os mesmos talentos e as mesmas características emocionais, ainda que suas fisionomias exteriores, físicas, sejam ligeiramente diferentes. Quando sobrevém a transição, a alma presente nos corpos desses gêmeos retoma ao Cósmico como uma personalidade anímica, e pode ou não errar novamente em corpos

de gêmeos. Há registros de muitas pessoas que observaram na natureza peculiarmente complexa de sua personalidade, e na atividade psíquica de sua alma, que, numa encarnação anterior, sua personalidade-alma esteve: dividida entre dois corpos de gêmeos e acumulou muitas experiências curiosas de vida.

Quando um dos gêmeos passa pela transição antes do outro, a alma daquele que faleceu, com sua personalidade, une-se à do que continua vivo. O contato contínuo do Eu interior dos gêmeos, pelo qual um está consciente dos pensamentos e das emoções do outro, e muitas vezes sente até os problemas do corpo físico do outro, ou sofre idênticos distúrbios ou incômodos, prova que suas personalidades anímicas estão de fato muito intimamente associadas.

Pergunta: Qual é o efeito do suicídio na evolução da alma?

Resposta: A deliberada interferência em qualquer lei natural cria uma condição cármica que a personalidade do indivíduo deve desfazer por compensação. O voluntário e súbito encerramento da vida humana, com a arbitrária separação entre a alma e o corpo, lança a personalidade-alma num abismo de trevas por muitos dias ou semanas e, nesta condição, a personalidade sofre intensamente e permanece "ligada à Terra" durante muito tempo. O remorso por esse ato é intensamente percebido e sentido pela personalidade durante toda a sua existência Cósmica, e sua reencarnação se dará num corpo que há de sofrer certas provas e tribulações de vida, até que ela aprenda o erro do ato que cometeu e faça a devida compensação. A ideia de que o suicídio põe termo a quaisquer sofrimentos, provas e tribulações de nossa vida terrena é a ideia mais absurda que o homem já nutriu. Por mais intensos que sejam nossos sofrimentos físicos, ou mais desesperados que estejamos, isso não é nada em comparação com o sofrimento que se faz sentir imediatamente após a transição pelo suicídio.

Pergunta: Como Jesus não proclamou claramente Sua crença na reencarnação, e minha religião não a ensina, não posso acreditar que essa doutrina seja verdadeira. Por que a antiga religião da igreja cristã não há de ser suficiente para mim?

Resposta: Que é que você quer dizer com "antiga religião"? A religião cristã vem evoluindo, passando por estágios de modificação, desde que Jesus a transmitiu aos Seus Discípulos. Muitas coisas que você ouve nas pregações de sua igreja atual, e que tem aceito toda a sua vida, eram inauditas e

desconhecidas na religião cristã de alguns séculos atrás. A religião cristã é uma orientação dinâmica e evolutiva na vida dos homens, de modo que evolui e se mantém viva graças ao contínuo aprimoramento que o homem faz de sua interpretação ou compreensão daquilo que Jesus ensinou. Há muitas coisas que Jesus ensinou aos Seus Discípulos que não são ensinadas na religião cristã, porque não se aplicariam e não poderiam se aplicar ao nosso atual modo de vida, como há muitas coisas nas doutrinas cristãs atuais que não foram expostas por Jesus, nem faziam parte dos ensinamentos cristãos senão muitos séculos após a ascensão de Jesus. Sem dúvida há em sua religião muitos princípios e doutrinas, aceitáveis para você, hoje em dia, que seus avós teriam criticado e tachado de modernistas, inventados pelo homem e sem justificativa. Você está enganado quando pensa que Jesus não demonstrou acreditar na doutrina da reencarnação ou aceitá-la. Seu pároco, ou alguma outra pessoa, poderá lhe dizer que Ele não a aceitava, mas se você ler novamente certos capítulos deste livro e ler diligentemente sua Bíblia, verá que Jesus de fato admitiu a razoabilidade da doutrina da reencarnação. Não obstante, se a sua atual religião lhe é perfeitamente satisfatória e você sente alegria e paz em conhecer e aceitar somente algumas leis da vida, enquanto ignora ou volta as costas a outras igualmente importantes, isto é um direito que lhe assiste e você não deve tentar obrigar-se a mudar de atitude.

Pergunta: Acho horrível acreditar que a alma tenha de passar por todos esses períodos de experiências, tribulações e sofrimentos terrenos. Como a alma é divina, como parte integrante da Essência Divina, por que há de precisar de experiências terrenas para ajudá-la a alcançar a perfeição?

Resposta: O fato é que a alma *está aqui*, no corpo físico, em contato com provas e tribulações terrenas, sofrendo uma existência terrena, por decreto de Deus. Não podemos contornar o fato de que Deus determinou isto. Pode ser horrível para você pensar que uma parte da Consciência de Deus esteja aqui na Terra, associada a coisas sórdidas, mas o fato é que isto *está* acontecendo e somente Deus é responsável. Assim sendo, por que há de ser horrível que a alma e a personalidade tenham mais de uma oportunidade de viver na Terra, e tenham provavelmente várias oportunidades de viver aqui em melhores circunstâncias, em melhores condições, com mais felicidade e alegria do que poderiam obter em apenas um período de vida? Você parece supor que a doutrina da reencarnação é responsável pelo fato de a alma humana ser aprisionada num corpo físico aqui na Terra. Isto não é verdade. A doutrina da

reencarnação apenas tenta explicar *por que* esse fato sublime foi decretado por Deus. Se você destruir a doutrina da reencarnação, eliminá-la completamente, ainda terá de explicar por que a consciência ou Alma de Deus foi projetada para um corpo físico para viver aqui na Terra, a fim de passar por provas e tribulações de que a Alma de Deus não deveria necessitar. Se você puder elucidar esta questão com uma doutrina mais lógica do que a da reencarnação, resolverá o maior problema que o homem tem enfrentado desde o alvorecer da civilização. Lembre-se, porém, de que a resposta oferecida pelos clérigos em geral, de que "isto é da vontade de Deus e não podemos compreender", não é uma resposta e, sim, uma evasiva. Talvez não consigamos compreender tudo a este respeito, mas, certamente compreendemos o suficiente para saber que a Sublime Consciência de Deus foi deliberadamente projetada para o corpo físico, aqui na Terra, e, enquanto aqui permanece, essa excelsa Alma de Deus está em contato com pesadas e desconcertantes condições. Afirmar que não podemos compreender não elimina a questão de nossa mente, nem a responde. Uma resposta melhor precisa ser encontrada, e a melhor que já foi encontrada é a que está contida na forma apresentada neste livro.

Pergunta: Então o senhor não percebe que sua doutrina da reencarnação refuta o Inferno e o Purgatório, conforme ensina a religião cristã?

Resposta: O que sei é que a religião cristã não continha originalmente quaisquer dogmas sobre Inferno e Purgatório. Desafio você a encontrar qualquer ponto do Novo Testamento em que Jesus tenha falado do Purgatório ou descrito o Inferno da maneira em que são apresentados hoje em dia na religião cristã. Portanto, por favor, não tente atribuir estas ideias de Inferno e Purgatório a Jesus, a despeito do que diga o seu pároco. A ideia dessas duas condições, ou desses dois lugares, é um acréscimo às doutrinas cristãs, feito muito depois da vida de Jesus. Por outro lado, porém, afirmo que, se ela é verdadeira, nenhuma outra verdade poderá destruí-la. Se há um Inferno ou um Purgatório por onde deva passar a alma ou a personalidade do homem após a transição, isto de modo algum interfere no renascimento da alma ou da personalidade, depois de sua purgação ou purificação no Inferno ou no Purgatório.

Pergunta: Por que devemos nos preocupar com essa questão da reencarnação? Não é a vida igualmente feliz sem sabermos nada a este respeito?

Resposta: Muito provavelmente a vida é tão feliz para os que não têm conhecimento algum como para os que têm muito conhecimento. Por que você lê a Bíblia, ou vai à igreja, ou estuda qualquer coisa sobre as leis de Deus? Provavelmente viverá o mesmo tempo sem esse conhecimento, mas, certamente, não será tão feliz. Enquanto está gozando de perfeita saúde e aparentemente longe do dia de sua transição, pode seguramente afirmar que não lhe interessa saber o que aconteça após sua transição, mas talvez venha o dia em que se torne profundamente interessado em saber algo acerca do futuro e encontre grande consolo e paz em qualquer conhecimento relativo ao estado póstumo. Felizmente, a maior parte das pessoas encontra alegria e felicidade no conhecimento, e, quanto maior é esse conhecimento, quanto maior é a compreensão da vida e seus princípios, mais felicidade e contentamento se tem. Quanto mais alguém conheça acerca dos reais princípios de sua existência agora e após a transição, mais feliz, bem sucedida e perfeita será sua vida.

Pergunta: Não gosto da ideia de voltar à Terra, em algum corpo desconhecido, e ter de passar novamente por todo o sofrimento desta vida. Preferiria viver em paz eterna quando esta vida terminasse.

Resposta: A questão não é o que nós preferiríamos e, sim, *qual é a Lei*. Quando você voltar, virá a esta existência terrena exatamente como o fez em sua atual encarnação, sem conhecer coisa alguma de sua existência passada e cheio de alegria e felicidade por estar vivo entre os vivos. Se você é uma das raras pessoas que não encontram alegria na vida, nada que a torne digna de ser vivida, então você é do tipo que não soube trazer alegria e felicidade para a vida de outrem, e está colhendo o que você mesmo semeou. Você vai viver novamente, quer queira quer não, e continuará a renascer nesta Terra até aproveitar ao máximo a sua vida e encontrar real felicidade e alegria em estar entre os vivos, fazendo muitas coisas pelos outros. Não pense que ignorando a Lei da Reencarnação e declarando que não acredita na mesma, vai evitar a operação ou manifestação dessa Lei na sua vida. Portanto, já que você vai nascer novamente, vai viver outra vez, não é melhor que procure conhecer algo a este respeito?

Pergunta: O que determina a natureza da alma destinada a um dado corpo que está para nascer?

Resposta: O fato determinante é o Carma. Uma personalidade que esteja aguardando renascimento e tenha certas compensações ou certos ajustes

cármicos a fazer, será cosmicamente dirigida para um feto que, dada a natureza do ambiente em que irá viver, suas associações familiares, localidade, nacionalidade etc., proporcionará as oportunidades necessárias a que essa personalidade-alma cumpra seu Carma. Uma personalidade que esteja aguardando renascimento e traga em sua estrutura os talentos e as habilidades para a música ou para a arte, devido a experiência anterior nestes campos, será dirigida para um corpo que proporcione oportunidade de expressão desses talentos e habilidades. Digamos, por exemplo que haja uma personalidade-alma no Cósmico, aguardando renascimento, que deva dar prosseguimento à sua carreira musical, tornando-se mais aprimorada em música. Ela será dirigida para um feto cujos pais, por seu próprio desejo e gosto, tendam a dar mais educação musical à criança, proporcionando-lhe oportunidade de desenvolvimento nesta linha. Se, por exemplo, uma gestante deseja ter um filho que venha a ser famoso e realizado como músico, e durante todo o período de gestação concentra sua mente em atrair para seu filho a personalidade de um músico, e o pai concorda que a esse filho seja dada toda oportunidade de seguir uma carreira musical, o Cósmico dirige para o feto a personalidade-alma de uma pessoa inclinada para música ou já parcialmente aperfeiçoada em música. O mesmo princípio é válido para quaisquer outros talentos ou habilidades especiais. Ao determinar em que corpo uma alma deverá entrar, o Cósmico leva em consideração o que essa personalidade-alma deverá realizar em sua próxima encarnação, e também o que certos corpos poderão proporcionar no tocante a oportunidades para as devidas condições cármicas se manifestarem. Para um corpo prestes a nascer num ambiente de pobreza, ignorância, e desvantagens orgânicas e materiais, será dirigida uma personalidade anímica que precise destas condições terrenas para aprender certas lições e superar ou dominar certas condições. A influência pré-natal dos pais, especialmente da mãe, exerce efeito bem definido perante o Cósmico, na determinação da personalidade ou essência anímica que entrará no corpo do filho.

Pergunta: Pode a alma escolher livremente o veículo físico de sua próxima expressão terrena?

Resposta: A personalidade-alma que se encontra no Cósmico, aguardando renascimento, não tem livre escolha quanto ao corpo em que deverá encarnar. Poderá sentir-se atraída para certo corpo, em função de relação anterior, harmonização simpática, ou alguma outra condição sentimental ou psíquica,

mas, a menos que essa atração seja consonante com o esquema Cósmico, absolutamente não decidirá a questão. A maior influência, além da Mente Cósmica, é a dos pais, especialmente da mãe. Pais que deliberadamente concebam um filho com a intenção de proporcionar um veículo a uma alma nobre, espiritual, a fim de que um grande caráter (ou personalidade) seja encarnado na Terra e realize grandes coisas, certamente atrairão exatamente o tipo de personalidade-alma que tenham em mente. Quanto mais espiritual e sagrado seja o relacionamento na concepção humana, quanto mais sublimes sejam os ideais nutridos pelos pais para o futuro do filho, e mais clara sua visualização do tipo de caráter que desejem na criança, mais seguramente providenciará o Cósmico a satisfação de seu desejo. Considerando que o Cósmico sempre contém em sua Alma Absoluta milhares e milhares de personalidades aguardando renascimento, cada qual de um tipo marcadamente diferente, com um futuro cármico específico, e tendências e habilidades também específicas, é fácil compreender que ele pode dirigir para qualquer feto o tipo ou a espécie de personalidade que os pais possam desejar.

Pergunta: Que efeito exercem sobre a futura criança os pensamentos destrutivos da mãe ou do pai que não deseja o filho e tenta impedir seu nascimento?

Resposta: Neste caso, temos a situação exatamente inversa da que acabamos de examinar. Quando uma mulher está determinada a não ter um filho, e, desde o momento da concepção, tenta destruir o embrião ou impedir o desenvolvimento e nascimento do corpo, sua mente está tornada de duas emoções fortes. Primeiro, de ódio e animosidade para com o corpo que foi criado e está se desenvolvendo e, segundo, a emoção própria do pensamento de assassinato ou destruição. Ela atrairá para o feto a personalidade-alma que deva cumprir certas condições cármicas dela mesma e, ao mesmo tempo, possa ensinar aos pais o erro de sua maneira de pensar. Por conseguinte, uma personalidade antipática e grosseira, dada a atos destrutivos, poderá ser dirigida para esse feto, de modo que, durante a juventude e o primeiro período de idade adulta desse filho, os pais perceberão o erro de seu pensamento e reconhecerão o fato de que colheram conforme semearam, enquanto a própria criança estará crescendo e tendo oportunidade de se purgar de suas más tendências e se preparar para melhor e mais nobre nascimento em sua encarnação seguinte.

Pergunta: Que efeito exercem a instrução e a posição social dos pais na escolha de uma personalidade-alma para o filho?

Resposta: Aos pais que tenham boa posição social e sejam bem instruídos será dirigida (ou eles poderão atrair) uma personalidade que requeira as oportunidades de ajuste cármico que uma posição social e boa instrução possam proporcionar; ou uma personalidade que deva aprender as lições da vida pelo fato de nascer numa família abastada e subitamente ver sua fortuna perdida, passando a uma existência marcada pela pobreza. Uma personalidade anímica que, numa encarnação anterior, tivesse odiado amargamente todas as pessoas ricas e de boa posição social, seria cosmicamente levada a nascer numa família rica e influente, para que pudesse aprender que nem todas as pessoas assim têm mentalidade perversa e são indignas de estima. Uma personalidade-alma que, numa encarnação anterior, tivesse generosa e prazerosamente doado toda a sua pequena fortuna terrena para prestar ajuda em toda atividade humanitária possível, e de bom grado tivesse sofrido privações a fim de ajudar a outrem, poderia ser cosmicamente dirigida, na encarnação seguinte, para um corpo nascido numa família rica, para que pudesse continuar a desenvolver sua obra humanitária, sem restrições. Se, nessa nova encarnação, ela deixasse de continuar a fazer o bem que fizera quando vivia em carência, então não renasceria depois numa família rica, mas, após ter tido oportunidade de compartilhar sua riqueza com os necessitados e tê-la aplicado egoisticamente, nasceria em condições de pobreza ou carência, a fim de mais uma vez ser impressionada a respeito de certos valores e certas condições de vida.

Pergunta: Será possível uma gestante atrair para seu feto a personalidade-alma de um filho que ela teve antes em sua vida e que lhe foi arrebatado pela transição?

Resposta: Isto é possível, embora a mãe talvez não saiba, por muitos anos, que teve êxito em atrair a mesma personalidade uma segunda vez. Há casos registrados em que a mãe acabou reconhecendo, em seu segundo filho, o caráter ou a personalidade de um filho que tivera muitos anos antes e que passara pela transição aos doze ou quinze anos. Esses casos, naturalmente, requerem um curto período no plano Cósmico entre nascimentos e constituem exceção ao ciclo geral de nascimento; porém, por alguma razão cósmica, essa exceção é feita.

Pergunta: Terão os pensamentos da mãe durante o período de gestação

algum efeito, não somente sobre a personalidade da alma que virá à criança, mas, também sobre seu corpo físico e seu sexo?

Resposta: Se a influência pré-natal da mãe tem início suficientemente cedo, após a concepção, ou realmente começa no momento da concepção, é possível que esses pensamentos da mãe (e do pai) determinem o sexo e as características fisiológicas gerais do futuro filho, bem como suas características espirituais. Os gregos eram famosos por seu conhecimento e sua eficiência na aplicação de seu conhecimento deste fato, mas a arte da influência pré-natal tornou-se quase perdida. Há algumas organizações no mundo, inclusive os Rosacruz, que conhecem e transmitem, privadamente, instruções e fatos a este respeito. O grau de êxito alcançado através de desejos pré-natais depende da eficiência dos métodos empregados pelos pais e da aplicação do grau de concentração apropriado.

Pergunta: Haverá alguma tendência por parte do Cósmico de persistir na encarnação de certas personalidades-alma numa mesma linhagem de gerações?

Resposta: Nada foi encontrado, em quaisquer testes e revelações ligados à pesquisa sobre este assunto, que confirmasse este fato. Depois que uma personalidade-alma entra no Cósmico pela transição, perde toda sua associação ou ligação com relações fisiológicas ou materiais. Sangue de família e árvore genealógica são aspectos do corpo físico e não da personalidade anímica.

Pergunta: Que significa "trazer" algo de uma encarnação anterior?

Resposta: Costuma-se dizer que quando uma pessoa manifesta cedo na vida gostos, tendências, aversões ou repulsões bem marcantes, ela trouxe essas coisas de uma existência anterior. Diz-se também que pessoas que têm medo da água, do fogo, de instrumentos afiados, ou de certas localizações ou posições, igualmente trouxeram essas coisas do passado. Já foi descoberto que muitos dos mais fortes gostos e aversões de nossa personalidade atual, especialmente os que se manifestam em nossa infância ou juventude, são os aspectos mais notáveis de nossa personalidade na encarnação anterior, e que essas coisas desempenhavam papel tão destacado em nossa vida que facilmente emergem agora da memória da personalidade secundária e se tornam aspectos integrantes do nosso presente caráter.

Pergunta: É verdade que as coisas com que mais nos preocupávamos durante as últimas horas de nossa vida numa existência anterior se tornam

fatores dominantes em nossos pensamentos e atos na existência atual?

Resposta: Graças a pesquisas muito cuidadosas, foi definitivamente provado que os pensamentos que ocupavam nossa consciência mais fortemente, e com profunda preocupação, durante os últimos momentos conscientes antes da transição na existência anterior, tornam-se critérios de pensamento na encarnação seguinte. Uma pessoa cujos últimos pensamentos conscientes tenham girado em torno de remorsos por ter cometido algum erro ou ato prejudicial a outrem, e cujo último pensamento consciente tenha se relacionado com o desejo de poder desfazer esse ato ou fazer compensação pelo mesmo, certamente levará para sua encarnação seguinte o inexorável desejo de fazer algo por aqueles que se encontrem em circunstâncias semelhantes. Como exemplo hipotético, digamos que uma pessoa, em seus últimos momentos, se arrependeu de ter, em alguma ocasião de sua vida, praticado uma injustiça contra uma viúva com dois filhos, privando-os de sua legítima herança, e desejou, acima de tudo, que pudesse viver algumas horas mais, para fazer compensação e desfazer o mal que praticara. Se este desejo ainda estava em sua mente quando ocorreu a transição, ele teria a tal ponto se registrado na consciência de sua personalidade que, na encarnação seguinte, seria predominante em todas as suas reflexões e meditações. Teria então um inexorável anseio de localizar viúvas com filhos, ou pessoas em circunstâncias semelhantes, que estivessem passando grande necessidade, ou estivessem vivendo séria crise devido à maldade de alguém, e tentar aliviar seu sofrimento ou fazer alguma coisa para ajudá-las a resolver seus problemas. Esse desejo poderia se manifestar cedo na infância ou na juventude, sob a forma de um sentimento de solidariedade, que viria incontrolavelmente sempre que a história ou os fatos sobre uma situação assim fossem trazidos ao conhecimento dessa pessoa. Embora ela, mais tarde, atingisse apenas uma condição modesta na vida, em vários momentos seria vista tentando, de algum modo, ajudar as pessoas de sua classe que se encontrassem em situações desse gênero. Isto explica por que muitas pessoas, mesmo aquelas que estão levando uma vida de maldades e crimes, com frequência sentem profundas tendências emocionais de natureza caridosa ou humanitária. É muito comum essas pessoas encararem tais tendências de sua natureza como fraquezas, e francamente admitirem que há uma natureza "infantil" em seu âmago, que não conseguem restringir e corrigir e que se faz sentir ou é motivada por certos tipos de aflições ou males da vida. Muitos de nossos mais fortes impulsos ou emoções quanto a condições e relações

humanas, que foram descobertos em nossa natureza, sem dúvida são trazidos do passado.

Pergunta: Será possível que uma pessoa que tenha levado uma vida criminosa e tenha sempre procurado oportunidade de fazer mal aos outros, e que tenha passado pela transição subitamente, no auge de seu anseio pelo crime, "leve" para a encarnação seguinte essa tendência, esse desejo de praticar o mal?

Resposta: A finalidade de permanência temporária de alma no Reino Cósmico, entre encarnações, é de purgação ou purificação das más tendências de sua personalidade. Uma pessoa cuja transição ocorresse no auge de sua atividade criminosa, com a personalidade persistindo no anseio de praticar crimes, não voltaria para a vida com as mesmas tendências. Antes do seu renascimento, sua personalidade não só seria purgada desses maus desejos e tendências, mas o sofrimento causado pelo remorso, e as lições aprendidas durante o período no Reino Cósmico, ter-lhe-iam ensinado o erro daquela maneira de pensar e a teriam substituído pelo desejo de viver corretamente. Restaria, contudo, o débito cármico de fazer compensação pelos crimes antes cometidos. Portanto, essa pessoa renasceria sem desejo de praticar o mal; antes, com forte desejo de viver corretamente, mas, com o débito cármico a ser saldado, o qual a forçaria a passar nas mãos de outras pessoas por muitas formas de sofrimento, males e aflições semelhantes aos que ela causara na vida de outrem durante sua encarnação anterior. Essa pessoa, agora tentando viver corretamente e tentando manter-se totalmente isenta de maus pensamentos, ou maus desejos e ambições, sempre fazendo o que fosse correto, não obstante ver-se-ia sofrendo e aflita, como se tivesse realmente cometido muitos crimes e maus atos em sua vida atual. É por isto que tantas pessoas que estão verdadeiramente tentando levar uma vida virtuosa, que são realmente idealistas em seus desejos e planos de vida, estranham que sejam frequentemente colocadas em situação de aflição, necessidade e infelicidade, como as pessoas que estão levando uma vida de malefício e crime. Dizem elas: "Estou fazendo o melhor que posso, vivendo da melhor maneira que sei viver, sem fazer mal a ninguém, e, no entanto, de vez em quando, sou levado a passar necessidade, privado das coisas que mais desejo, e levado a sofrer como aqueles que praticam o mal. Compensa, então, pensar e viver corretamente, já que se tem de sofrer como aqueles que vivem incorretamente"?

Se essas pessoas compreendessem que a aflição e a infelicidade de suas

vidas é o ajuste que estão fazendo pelo passado, e que estão, portanto, purificando sua personalidade e tornando-a lúcida para urna futura vida feliz, de modo que por seus atuais esforços de viver corretamente estão garantindo urna vida de alegria e abundância no futuro, não se sentiriam tão desanimadas nem seriam confundidas pelos aparentes paradoxos da vida.

Pergunta: Por que será que tantas pessoas que estão vivendo maleficamente, e mesmo fazendo mal a outrem, parecem viver tão felizes e, conseguem não só suprir todas as necessidades e desfrutar muitos luxos da vida, mas também, aparentemente escapar a toda punição terrena e a toda averiguação de seus maus atos?

Resposta: Em primeiro lugar, quero dizer que, na maioria dos casos, cometemos sérios erros em nosso julgamento do sucesso, da felicidade e da prosperidade de pessoas que estão empenhadas numa vida de crime ou maldade. Do nosso ponto de vista distante ou externo, pode parecer que essas pessoas são felizes, ou estão prosperando em seus crimes e burlando toda a averiguação e punição. O fato de que o Cósmico está cômico dos nossos erros, de modo que eles não estão escapando à constatação cósmica e à inevitável compensação, mostra como podemos estar equivocados em pensar que a averiguação humana foi burlada. Com toda a certeza estamos enganados ao acreditar que essas pessoas estão prosperando financeiramente, socialmente ou de outras maneiras, apesar de seus atos, pois, o fato é que quase todos os criminosos, inclusive aqueles que, no auge de sua carreira, juntaram enormes fortunas em posses mundanas, faleceram em condições materiais modestas; e, geralmente, encontravam-se em abjeta pobreza e carência, além do repúdio social e do desprezo de seus companheiros. A média dos criminosos que, afinal, se redimiram graças ao seu próprio pensamento, a alguma religião, ou à ajuda e orientação pessoais, têm admitido que pagaram em dinheiro para evitar que fossem descobertos, para encobrir seus crimes ou obter assistência jurídica, e para escapar à vingança de sócios chantagistas, bem como pagaram em horas de preocupação, ocultação, tormento mental e íntima condenação, muito mais do que obtiveram por seus crimes. A prosperidade do criminoso, hoje, neste mês, ou neste ano, pode se tornar seu fardo cármico de amanhã ou dos próximos anos. Sua aparência de desfrutar as boas coisas da vida pode ser o disfarce que ele precise usar para evitar ser publicamente descoberto. Nem você nem eu podemos saber o que uma pessoa assim está sofrendo no âmago de sua

própria vida. Todavia, mesmo que uma pessoa que viva maleficamente prospere nos aspectos materiais da vida, não há dúvida quanto ao *inevitável preço* que ela terá de pagar e sofrer no processo de purgação, durante o período Cósmico, e no processo de compensação cármica em sua vida seguinte entre os mortais.

É apenas o processo humano de punir um criminoso ou malfeitor, aqui e agora, e em consonância com o seu crime, que nos faz pensar que aqueles que estão persistindo no mal sem punição *imediate* estão escapando completamente ao castigo. Como já foi dito em algum ponto deste livro, as leis cósmicas de compensação não procuram punir um homem com base no preceito de "olho por olho e dente por dente", nem vingativamente fazê-lo sofrer por seu malefício, mas procuram provocar tais reações a seus crimes que, em algum momento, e de algum modo, mais propícia e eficazmente o façam compreender o erro de sua maneira de viver e o ajudem a corrigi-la, dando-lhe oportunidade de fazer compensação; e, vivendo de outro modo, conseguir redenção e salvação. A tônica da Lei Cósmica do Carma é *regeneração* e não *castigo*.

Pergunta: É verdade que, quando uma pessoa está sob a influência de uma droga poderosa e se encontra num estado inconsciente profundo, a alma sai do corpo, passa a vaguear pelo espaço e pode não voltar? E é verdade que, nesta circunstância, a alma de uma outra pessoa, que também está vagueando pelo espaço, pode voltar para o corpo errado?

Resposta: Ambas estas perguntas podem ser fácil e prontamente postas de lado com a explicação de que a alma nunca deixa o corpo físico, cortando seu contato com o mesmo, exceto por ocasião da "morte" ou transição. Como isto é verdadeiro, percebe-se que as outras crenças fantasiosas quanto à alma vaguear pelo espaço e se perder são absurdas. A única diferença entre o estado denominado *morte* e o sono profundo ou um estado de transe é a separação entre a alma e o corpo. Quando esta separação ocorre e a alma não mais está em contato com o seu corpo, tem-se a condição especial denominada *transição* ou morte. Não há outra condição exatamente como esta. Uma pessoa, portanto, pode estar viva ou não-viva, no que diz respeito à presença da alma no corpo. O que acontece durante o período de sono ou inconsciência provocada por drogas de qualquer espécie tem natureza puramente psicológica e quase nada tem a ver com a alma. Esse estado é essencialmente fisiológico, com seu relativo efeito nas condições psíquicas. A alma não vagueia pelo espaço, nessas ocasiões, mas permanece no corpo.

O ego pode se expandir e sua consciência pode parecer vagar pelo espaço, por fazer amplos e diversos contatos através dessa expansão, mas nunca se separa do corpo. Além disso, não há almas vagando pelo espaço, que possam se perder, e não existe isso de uma alma perdida voltar para um corpo a que não tenha sido cosmicamente destinada. Tais ideias são exemplos dos ensinamentos excêntricos transmitidos por algumas escolas de misticismo e estão limitadas pelos devaneios e a imaginação dos autores dos mesmos.

Pergunta: Existem relatórios de pessoas que estiveram no limiar da transição e voltaram à vida para explicar quaisquer experiências estranhas?

Resposta: Sim, há muitos relatórios neste sentido e o único valor comprobatório dos mesmos assenta na semelhança das declarações feitas por pessoas de várias partes do mundo, as quais não tinham meios de saber o que outras haviam relatado em circunstâncias idênticas. Um caso típico deste gênero é o de um jovem de vinte e quatro anos, que teve uma recaída após uma operação num hospital e, por vários dias, continuou perdendo vitalidade e consciência, até que o médico e as enfermeiras passaram à expectativa de sua transição. Numa tarde, pouco depois das duas horas, quando duas enfermeiras, um médico e quatro amigos estavam sentados em volta do leito do paciente semiconsciente, ele subitamente relaxou e deu toda indicação de ter entrado no chamado estado de "morte". Quando as enfermeiras passaram a cobrir o corpo e colocar os braços e as mãos numa posição adequada, no quarto em penumbra, tiveram a surpresa de ver uma névoa branca sair do corpo, flutuar para o alto a mais de um metro da cama, e depois assumir uma posição vertical e descer, colocando-se num dos cantos do quarto. Todo mundo se levantou e ficou estupefato, calado, e em atitude de respeito. Não se disse uma só palavra, por todo um longo minuto. Depois o médico determinou que o corpo fosse retirado do quarto, para o usual cuidado dispensado aos mortos. Quando as enfermeiras novamente tentaram tocar o corpo físico, a névoa que estava no canto do quarto estremeceu ou sacudiu-se violentamente, de modo que suas radiações de luz pareceram ondular de maneira especial. Esta ação foi tão distinta que todo mundo que estava no quarto, exceto o médico, sugeriu que o corpo ficasse ali mesmo na cama por algum tempo, e que fossem feitos testes para ver se realmente ocorrera a "morte". Todos os testes científicos foram feitos durante os quinze minutos seguintes, e as enfermeiras concordaram com o médico em que não havia possibilidade de vida naquele corpo. Mais uma vez, porém, a estranha névoa do canto do quarto, que tinha quase um metro e oitenta de altura e mais ou

menos a largura de um corpo humano, estremeceu e pareceu perturbada pela tentativa de retirar o corpo da cama. Um dos amigos presentes (que era um estudante dos ensinamentos Rosacruz e conhecia bem esses assuntos) sugeriu que o quarto fosse escurecido, baixando-se as persianas e fechando-se a porta por alguns minutos para se verificar se aquela luz brumosa ou névoa tinha algum significado real. O médico concordou, com alguma relutância, e todos os que estavam no quarto se puseram no canto oposto ao da névoa, para ter melhor visão da mesma. Quando os olhos se ajustaram ao escuro do quarto, notou-se que um cordão ou raio de luz nevoenta, muito fino e flutuante, parecia cruzar a cama, ligando a névoa no canto do quarto ao corpo deitado na cama. Isto foi claramente visto, mesmo pelo médico e as enfermeiras, que concordaram em que aquela era uma cena incomum. Foi sugerido, então, que a consciência ainda não deixara inteiramente o corpo, de modo que ainda havia algo de vida no mesmo. Foi proposto que todos permanecessem sentados por algum tempo, para ver se aconteceria alguma coisa importante. O médico explicou que, se aquele corpo estava sem vida, não se deveria perder tempo para se fazerem os preparativos usuais para o sepultamento. Naturalmente, isto significava a retirada dos fluidos do corpo e a injeção de líquidos preservativos. A cada proposição de que isto fosse feito, a névoa no canto do quarto ficava agitada, como se protestasse. Foi esta possibilidade que gradualmente veio à consciência das pessoas ali presentes, pois parecia que, cada vez que se aproximavam do corpo para retirá-lo dali, ocorria uma reação, como de protesto, por parte da névoa. Passados vinte minutos ou mais, todos que estavam no quarto começaram a notar que aquele fino raio de luz que ligava o corpo à névoa, estava se alargando, engrossando, ou ficando mais brilhante. A princípio, isto foi atribuído ao ajuste dos olhos à escuridão do quarto, mas logo se notou que a névoa estava sendo absorvida pelo raio e que, assim, toda aquela nebulosa figura no canto do quarto estava sendo atraída para o corpo físico deitado na cama. Passado um tempo, que se estimou em cerca de quatro minutos, toda a névoa havia desaparecido do canto do quarto e estava flutuando acima do corpo físico, e foi gradativamente começando a descer e a entrar na forma física. Mais dois ou três minutos e não havia qualquer indício da névoa em parte alguma do quarto. As persianas foram erguidas e, na iluminação suave do quarto, novos testes foram feitos no corpo físico e foram constatados sinais de vida ou vitalidade. Imediatamente, foram aplicados métodos para recuperar ou fortalecer essa vitalidade ao seu mais alto grau e, em pouco menos de uma

hora, o corpo começou a respirar e readquirir a temperatura normal. Pelas sete horas daquela noite, com as mesmas enfermeiras e os mesmos amigos ainda prestando assistência e com a ausência de apenas uma hora por parte do médico, o jovem recuperou a consciência o suficiente para abrir os olhos e dizer que "estava bem". Três outros médicos e várias enfermeiras da equipe do hospital foram convidados ao quarto para testemunhar o acontecimento. O jovem recuperou a consciência suficientemente para sentar-se na cama, antes das dez horas da noite, e fazer alguns comentários. A única declaração que fez, então, foi de que estivera fora do seu corpo e observara tudo o que se passava no quarto, mas sabia que ainda estava estranhamente ligado ao corpo físico na cama, e que fizera o possível para evitar que as pessoas ali presentes fizessem qualquer coisa que pudesse cortar aquela ligação. No dia seguinte, contou sua versão de como passara por uma estranha mudança, pela qual sua consciência, ou seu Eu real, com que ele pensava e percebia, flutuara para fora do corpo e permanecera no canto do quarto, pressionado para esse canto por certas estranhas emanções do corpo físico das pessoas presentes no quarto, e não obstante se mantivera firmemente ligado ao seu próprio corpo, graças a uma extensão da consciência, ou algo que lhe permitia sentir cada toque que davam no corpo deitado na cama. Disse que seu primeiro desejo foi de continuar vagando pelo espaço, pois ouviu uma bela música, viu intermináveis extensões de nuvens com luzes brilhantes e muitas formas como a dele mesmo, com emanções de paz e felicidade. Declarou que sua tentação de sair vagando pelo espaço e não mais voltar para o corpo foi reprimida somente por uma estranha atração para a forma física, e que, cada vez que as enfermeiras punham as mãos no seu corpo ou tentavam mudar sua posição, isto lhe provocava um choque, como que elétrico. As dezenas de outras coisas que ele descreveu mais tarde coincidiram com relatos feitos por outras pessoas que haviam passado pela mesma experiência, em diversas partes do mundo. Tais experiências não cabem neste livro, porque dizem respeito a impressões puramente pessoais e não podem ser comprovadas senão por aqueles que tenham passado por experiências semelhantes. A única evidência positiva que pode ser extraída dessa experiência é a de que as enfermeiras, o médico e os amigos do jovem viram com seus próprios olhos, e o fato de que o corpo fora considerado tão destituído de vida que nenhuma vitalidade se registrava nos mais sensíveis instrumentos, e, no entanto, em menos de oito horas, o jovem estava novamente vivo e apto a sentar e conversar.

Pergunta: Nas sessões espíritas as almas de pessoas falecidas voltam à Terra e se revestem de uma forma física de natureza tal que nenhuma diferença fisiológica pode ser observada entre essas almas materializadas e um corpo físico?

Resposta: A alma de um indivíduo não volta à Terra senão para reencarnar, e, portanto, não fica flutuando pelo espaço e visitando sessões mediúnicas ou círculos de pesquisa. É também fato que a alma não pode adquirir forma física ou mortal senão pela encarnação num corpo físico, sob forma de um bebê. A explicação do que ocorre em sessões espíritas, e do que realmente acontece nas mesmas, exigiria uma análise mais criteriosa. É possível à consciência da alma de uma pessoa falecida projetar sua inteligência para um lugar distante na Terra, assim como a consciência ou inteligência de uma pessoa que está vivendo na Terra pode se projetar para um ponto distante e se fazer sentir por aqueles que estejam apropriadamente harmonizados para receber essas impressões. Mas não se trata de projeção da alma nem de materialização da mesma, como afirmam os estudiosos dos fenômenos espíritas, em sua interpretação equivocada dos reais princípios em jogo. Não quero dizer que certas coisas não ocorram em sessões espíritas, dando a impressão de materialização de uma alma, mas, sim, que isso não é o que se acredita ser. A alma não se materializa nem se reveste de forma física, exceto pela encarnação.

Pergunta: É verdade que os contatos mais íntimos com almas de pessoas falecidas são aqueles que um indivíduo faz na intimidade do seu próprio lar, em circunstâncias privadas?

Resposta: Isto é absolutamente verdadeiro e explica por que grupos de cientistas, empenhados em investigar fenômenos psíquicos de maneira materialista, fria e científica, não obtêm as experiências e os resultados convincentes que têm sido vivenciados por milhões de pessoas na intimidade do seu próprio lar, ou quando elas estavam a sós, em condições mentais, espirituais e psíquicas apropriadas. Podemos perfeitamente compreender que, se é possível a um ente querido que faleceu projetar sua consciência para o plano terreno, a fim de transmitir alguns pensamentos de consolo ou conhecimento espiritual de natureza pessoal, isto se fará de preferência em circunstâncias reservadas e pessoais, e não em circunstâncias de natureza pública ou científica. É também verdade que a pessoa da Terra que está muito interessada nessa experiência e deseja esse contato espiritual deve, por meio de uma atitude de reverência e por harmonização espiritual, elevar sua

consciência para ir ao encontro da consciência que está sendo projetada para a Terra. É essa mútua harmonização, de natureza verdadeiramente sagrada, que permite os muitos milhares de contatos pessoais, privados, íntimos, nunca reproduzidos em público, em laboratórios científicos, ou em sessões espíritas. Os Rosacruzes, e outras pessoas que conhecem bem as verdadeiras leis espirituais e cósmicas do universo, e as características espirituais e cósmicas do homem, harmonizam-se, por meio de estudo e exercícios, para efetuar eficientemente esses contatos.

BIBLIOTECA ROSACRUZ

A Biblioteca Rosacruz é formada por livros interessantes, relacionados nas páginas seguintes e podem ser adquiridos na Seção de Suprimentos da

Ordem Rosacruz, AMORC

Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa Rua Nicarágua, 2620-
Bacacheri

82515-260 Curitiba - PR - Brasil

Caixa Postal 4450- 82501-970

Fone: (0xx41) 3351-3000

Fax: (0xx41) 3351-3065 e3351-3020

www.amorc.org.br

Missão Rosacruz

A Ordem Rosacruz, AMORC é uma Organização Internacional de caráter místico-filosófico, que tem por despertar o potencial interior do ser humano, auxiliando-o em seu desenvolvimento, em espírito de fraternidade, respeitando a liberdade individual, dentro da Tradição e da Cultura Rosacruz.